

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DA  
COMUNICAÇÃO HUMANA

Rúbia Keller Vieira

***DÊIXIS E A SUBJETIVIDADE INSCRITA NA LÍNGUA: A  
MANIFESTAÇÃO DE DÊITICOS EM ENUNCIÇÕES ORAIS E  
ESCRITAS DE SUJEITOS COM AFASIA***

SANTA MARIA  
2023

Rúbia Keller Vieira

***DÊIXIS E A SUBJETIVIDADE INSCRITA NA LÍNGUA:***  
**A MANIFESTAÇÃO DE DÊITICOS EM ENUNCIÇÕES ORAIS E ESCRITAS DE**  
**SUJEITOS COM AFASIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Helena de Pelegrini Della Múa

SANTA MARIA  
2023

**Rúbia Keller Vieira**

***DÊIXIS E A SUBJETIVIDADE INSCRITA NA LÍNGUA:***  
**A MANIFESTAÇÃO DE DÉITICOS EM ENUNCIÇÕES ORAIS E ESCRITAS DE**  
**SUJEITOS COM AFÁSIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana.

Aprovada em [dia] de [mês] de [ano]:

---

**Célia Helena De Pelegrini Della Mía, Dra. (UFSM)**  
**(Presidente/orientador)**

---

**Valdir do Nascimento Flores, Dr. (UFRGS)**

---

**Carolina Lisbôa Mezzomo, Dra. (UFSM)**

SANTA MARIA  
2023

## AGRADECIMENTOS

A Deus, de quem sempre senti a presença. Obrigada por todas as bênçãos e por estar comigo, novamente, nessa empreitada;

A meus pais, que nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui. A vocês, meus eternos amor e gratidão. À minha irmã Júnia, que divide comigo a angústia de crescer e tomar decisões: saiba que no escuro é que as luzes se acendem;

A meu namorado, João, que dividiu comigo os altos e baixos desta jornada. Obrigada por estar ao meu lado - e pelas doses necessárias de sinceridade quando preciso;

À Célia, “mamãe acadêmica” e mulher admirável, a quem devo esta oportunidade e boas doses de risada. Gratidão pela confiança, pela cumplicidade e por tornar tudo mais fácil;

Aos membros mais peludos da família: Nega, Dóris e Fibi. Obrigada pela dose de fofura e descontração - e por me lembrarem de que vida mansa é para quem pode;

À Naty, cunhada e amiga, com quem compartilhei fases importantes da vida. Obrigada pelo acolhimento e por somarmos experiências;

Ao Gabriel e à Camila, que me acolheram desde o início e por quem estarei sempre na torcida. Obrigada por me fazerem sentir à vontade e pelos bons momentos vividos;

À Gabi e à Dudu: obrigada por se importarem comigo e com essa grande família chamada GIC. O mundo precisa de mais pessoas como vocês;

Obrigada aos meus dez dedos das mãos, a quem devo dez unhas. Agradeço pela falta de elasticidade que não me deixou alcançar os dedos dos pés;

Agradeço pelo apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, que permitiu a execução desta pesquisa;

Por fim, agradeço aos integrantes do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa - por quem tenho todo carinho e admiração - e, em especial, aos sujeitos que integram este trabalho. Obrigada por entenderem minha ignorância e pelas aulas inesquecíveis de superação e positividade.

Eu cheguei há pouco tempo em São Paulo e estava na primeira página uma matéria:  
preferência nacional. Sabe o que é? Banda Calypso.

A Calypso é a verdade do povo brasileiro... O Chimbinha é um guitarrista genial. Olhe, eu vou dizer uma coisa: eu sou um escritor brasileiro, meu material de trabalho é a Língua Portuguesa. Então, se você gasta o adjetivo “genial” com o Chimbinha, o quê que eu vou dizer de Beethoven?

(Ariano Suassuna – aula-espetáculo “Raízes Populares da Cultura Brasileira”, abril de 2012. Disponível *online*.)

Um trabalho esforçado dedicado a pessoas extraordinárias.

## RESUMO

### **DÊIXIS E A SUBJETIVIDADE INSCRITA NA LÍNGUA: A MANIFESTAÇÃO DE DÊITICOS EM ENUNCIÇÕES ORAIS E ESCRITAS DE SUJEITOS COM AFASIA**

AUTORA: Rúbia Keller Vieira

ORIENTADORA: Célia Helena de Pelegrini Della Múa

Esta pesquisa busca compreender, por meio da análise enunciativa da linguagem de sujeitos com afasia, o fenômeno da *dêixis* atrelado aos tipos de afasia propostos por Jakobson. Para tanto, foram inter-relacionadas e analisadas produções escritas e orais de dois sujeitos com afasia que integram o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa (GIC) da Universidade Federal de Santa Maria (RS), tendo por base as classificações sobre afasia feitas pelo primeiro linguista a voltar-se às questões da linguagem em distúrbio, Roman Jakobson. Para entendermos os dêiticos na linguagem de sujeitos com afasia, seguimos a proposição de Émile Benveniste de que o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem e, com isso, elegemos a teoria benvenistiana sobre enunciação para subsidiar nossas reflexões. Nessa perspectiva, o fenômeno da *dêixis* revela o sujeito no ato de produção de um enunciado único e irrepetível e é empregado como forma de referenciar o mundo por meio do discurso. Portanto, em *atos* enunciativos escritos e orais, foram considerados os marcadores de pessoa, espaço e tempo, assim como os aspectos não verbais (gestuais) implicados na constituição de sentidos nas situações enunciativas. Cada participante da pesquisa frequentou seis oficinas de escrita e socializou oralmente, com o restante do Grupo, as temáticas desenvolvidas em cada um dos encontros. As manifestações dêiticas nos registros orais coletados levaram-nos à observação de que há certa veemência de marcadores de pessoa nos fatos enunciativos relacionados aos distúrbios de similaridade e, muitas vezes, o emprego de gestos metaforizados, de apontamento e de expressão facial com significados diversos. Já nos fatos enunciativos orais relacionados ao distúrbio de contiguidade, são veementes os indicadores espaço-temporais, com pouco emprego do pronome “eu”. Nos registros escritos, o distúrbio de contiguidade manifesta a inexistência de dêiticos espaciais e a permanência de marcadores de pessoa. No distúrbio de similaridade, a escrita apresenta regularidade no uso do pronome “eu” e de verbos conjugados no passado, presente e futuro. Por fim, entendemos que a inter-relação das manifestações dêiticas na oralidade e na escrita e os tipos de afasia propostos por Jakobson apontam para possíveis deslocamentos na compreensão da linguagem em distúrbio.

**Palavras-chave:** Dêixis. Enunciação. Oralidade. Escrita. Afasia.

## ABSTRACT

### DEIXIS AND SUBJECTIVITY INSCRIBED IN THE LANGUAGE: THE MANIFESTATION OF DEICTICS IN ORAL AND WRITTEN NUNCIATIONS OF SUBJECTS WITH

AUTHOR: Rúbia Keller Vieira  
ADVISOR: Célia Helena de Pelegrini Della Méa

This research aims to understand, through enunciative analysis of the language of subjects with aphasia, the phenomenon of deixis linked to the types of aphasia proposed by Roman Jakobson, the first linguist who researched the issues of language in disorder. Therefore, the written and oral productions of two subjects with aphasia who are part of the Interdisciplinary Research Group (GIC) of the Federal University of Santa Maria (RS), Brazil, were interrelated and analyzed. The aphasia classifications proposed by Jakobson were used. In order to understand the deictics in the language of subjects with aphasia, we follow Émile Benveniste's proposition that Man constitutes himself as a subject in and through language and, with that, we chose Benveniste's theory of enunciation to support our reflections. From this perspective, the phenomenon of deixis reveals the subject in the act of producing a unique and unrepeatable statement. Also, it is used to refer to the world through discourse. Therefore, in written and oral enunciative facts, the markers of person, space and time were considered, as well as the non-verbal (gestural) aspects involved in the constitution of meanings in enunciative situations. Each research participant attended six writing workshops and socialized orally with the rest of the Group, using the themes developed in each of the meetings. The deictic manifestations, on the collected oral records, led us to the observation that: there is a certain vehemence of person markers in the enunciative facts, related to similarity disorders, as well as the occurrence of metaphorized gestures, pointing gestures and facial expressions with different meanings. In the oral enunciative facts related to the contiguity disorder, the space-time indicators are vehement, with little use of the pronoun "I". In written records, the contiguity disorder manifests the absence of spatial deictics and the permanence of person markers. In similarity disorder, writing presents regularity in the use of the pronoun "I" and verbs conjugated in the past, present and future. Finally, we understand that the interrelation of deictic manifestations in orality and writing, and the types of aphasia proposed by Jakobson, point to possible displacements in the understanding of language in disorder.

**Keywords:** Deixis. Enunciation. Orality. Writing. Aphasia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cronologia dos estudos afasiológicos.....	21
Figura 2 - Coleta de fatos enunciativos orais: ao falar de finanças, Cr gesticula em referência ao curto-circuito.....	49
Figura 3 - Coleta de fatos enunciativos orais. Del ao apontar, na figura de um mapa, os lugares por onde passou.....	50
Figura 4 - Enunciações escritas de Del sobre os temas “cartas” e “indumentárias” - primeira e terceira oficina de escrita, respectivamente (recorte, anexo E).....	51
Figura 5 - Enunciação escrita de Cr: parte da carta redigida na última oficina de escrita (recorte, anexo F).....	52



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Situação enunciativa, diálogo 2: curiosidades sobre gatos (recorte, anexo G) .....	43
Quadro 2 - Situação enunciativa, diálogo 1: horóscopo. Exemplo do emprego do pronome “eu” (recorte, anexo H) .....	48
Quadro 3 - Situação enunciativa, diálogo 1: ilustrações diversas. Exemplo do emprego de dêiticos espaciais (recorte, anexo G) .....	49
Quadro 4 - <i>Dêixis</i> e afasia de contiguidade e de similaridade .....	70

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	JUSTIFICATIVA.....	14
<b>2</b>	<b>REVISITANDO ASPECTOS TEÓRICOS: SOBRE AFASIAS E ENUNCIÇÃO</b> .....	17
2.1	AFASIA PELA PERSPECTIVA DE ROMAN JAKOBSON .....	17
2.2	BREVE OBSERVAÇÃO SOBRE CLASSIFICAÇÕES DE AFASIA .....	20
2.3	TEORIA ENUNCIATIVA BENVENISTIANA COMO SUPORTE AO ESTUDO DOS DÊITICOS NAS AFASIAS.....	25
<b>2.3.1</b>	<b>A enunciação pelo viés de Émile Benveniste</b> .....	25
<b>2.3.2</b>	<b>O conceito de dêixis no âmbito linguístico</b> .....	27
<b>3</b>	<b>PROPOSTA METODOLÓGICA</b> .....	34
3.1	DESENHO METODOLÓGICO .....	34
3.2	PROCEDIMENTOS DE COLETA.....	35
<b>3.2.1</b>	<b>O Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC)</b> .....	35
<b>3.2.2</b>	<b>Oficinas de escrita</b> .....	38
3.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	42
<b>3.3.1</b>	<b>Análise enunciativa de registros escritos e orais (gestuais)</b> .....	42
3.4	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS SOBRE A PESQUISA .....	45
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	47
4.1	RESULTADOS ACERCA DOS FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS (GESTUAIS) .....	47
4.2	RESULTADOS ACERCA DOS FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS.....	50
<b>5</b>	<b>DISCUSSÕES</b> .....	53
5.1	A DÊIXIS E OS FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS DE DEL .....	53
5.2	A DÊIXIS E OS FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS (GESTUAIS) DE DEL.....	57
5.3	A DÊIXIS E OS FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS DE CR.....	61
5.4	A DÊIXIS E OS FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS (GESTUAIS) DE CR.....	63
5.5	ARTICULANDO DÊITICOS E AFASIA DE CONTIGUIDADE E DE SIMILARIDADE .....	65
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	71
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	73

<b>ANEXO A - ADAPTAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF).....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO B - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO C - OFICINAS DE ESCRITA - DEL.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO D - OFICINAS DE ESCRITA - CR.....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO E - FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS - DEL.....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO F - FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS - CR.....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO G - FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS - DEL.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO H - FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS – CR.....</b>	<b>126</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos neurológicos sobre as afasias contemplam grandes nomes como Paul Broca (1824-1880), Carl Wernicke (1848-1905), Sigmund Freud (1856-1939) e Alexander Luria (1902-1977), que enriqueceram as investigações sobre a correlação cérebro-linguagem e seguem como referência na investigação da linguagem em distúrbio. Na perspectiva linguística, é Roman Jakobson (1896-1982), linguista russo, o primeiro teórico a voltar-se às questões da linguagem em distúrbio e a desenvolver o tema pelo viés de um estudioso da linguagem, sempre em diálogo com outras áreas (neurologia, psicologia, fonoaudiologia, entre outras) e, por isso, a proposta teórica jakobsoniana sobre as afasias é basilar para a investigação a que nos propomos nesta pesquisa. Expoente da análise estrutural da linguagem, Jakobson distingue, em seu célebre ensaio denominado *Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia* (1976), duas possibilidades de arranjo de todo signo linguístico: a *combinação* (sintagmática), que corresponde à particularidade com que palavras se relacionam em unidades mais complexas, e a *seleção* (paradigmática), que diz respeito às possibilidades de escolha de léxicos e a substituição por suas variantes. Servimo-nos desta reflexão precursora de Jakobson no intuito de entender o funcionamento da dêixis na linguagem em afasia atrelado às tipologias das afasias propostas pelo autor.

Ao tratar da afasia como um problema linguístico, Jakobson (1976) entende que, sendo a afasia uma “perturbação da linguagem”, os aspectos afetados devem ser observados por linguistas no intuito de esclarecer a dissolução da linguagem (afasia). Nessa perspectiva, Jakobson (1976) apresenta quadros que oscilam entre dois tipos: *deficiência de combinação*, que se refere à ruptura dos vínculos de coordenação e subordinação gramaticais, refletindo em perdas de regras sintáticas, e *deficiência de seleção*, que implica na impossibilidade de escolha de um determinado signo, substituindo-o por outro. Dessa forma, quando a deficiência principal reside na seleção e substituição, é chamada *Distúrbio de Similaridade*; quando aspectos relacionados à combinação e contextura são comprometidos, entende-se por *Distúrbio da Contiguidade*.

A afasia comumente é caracterizada pela perda ou ruptura de habilidades primordiais na interação humana, tendo o sujeito com afasia comprometidos parte da estrutura e/ou do funcionamento da linguagem – e, portanto, do modo de comunicar. Nesse sentido, fazemos o seguinte questionamento: se a linguagem é um sistema

abstrato que se concretiza na língua, qual o lugar dos dêiticos na linguagem em afasia, considerando os registros escrito/oral (gestual)<sup>1</sup>. Nas palavras do linguista francês Émile Benveniste (1958, p. 286), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. Tendo por base a teoria benvenistiana sobre a enunciação, buscamos entender os dêiticos, elementos indissociáveis do ato linguístico, na instauração da subjetividade de sujeitos com afasia – empregados como meio de referência ao mundo por meio do discurso.

Benveniste (1970) define os dêiticos como marcas que instauram o sujeito no ato de produção do enunciado, tornando-o pertencente a um discurso irrepitível, de caráter único e particular. Ao considerarmos a impossibilidade da língua sem expressão de pessoa, pensemos no *eu* como centro de coordenadas para toda a ostensão realizada na língua: é a partir desse índice (pessoa) que marcas espaço-temporais serão definidas em cada instância de discurso e produzidas novamente sempre que designarem algo. Nesse sentido, então, Benveniste (1970, p. 84) afirma ser o “ato individual de apropriação da língua” o que coloca “o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação”.

Dêiticos, portanto, são signos “vazios” que só podem ser identificados em termos de locução. Eles ganham significado na medida em que são enunciados, então, dependem da instauração de um discurso para fazer sentido em cada ato de fala. Os dêiticos, dessa forma, constituem a *déixis* que, de acordo com Flores *et al.* (2009, p. 77), “é responsável pela conversão do significado do signo no nível semiótico da língua em referência da palavra no nível semântico da língua. Trata-se de uma conversão do significado – repetível – do signo – à referência – irrepitível – da palavra”. Com base em *A Natureza dos Pronomes* (1956), Ciulla (2018, p. 371) reafirma que Benveniste “não está interessado [...] em como a *déixis* funciona no enunciado, e sim, na enunciação. Isto é, o foco não é identificar para onde aponta um dêitico em um enunciado concreto, mas como o fenômeno da *déixis* opera na enunciação”. Do mesmo modo, nos apropriamos dessa proposição para observar a constituição dos enunciados de sujeitos com afasia: como eles se apropriam dos

---

<sup>1</sup> Entendemos que o gestual é uma forma de comunicação sempre presente em enunciações de qualquer natureza; entretanto optamos por encapsular o termo gestual adjacente ao termo oral por termos eleito as enunciações escritas e orais como foco principal da pesquisa que observa o gestual como coadjuvante que, por vezes, incide sobre o linguístico. Nesse caso, nos interessa o efeito do gestual nas enunciações em que aparece na linguagem em afasia.

dêiticos para atualizar seus 'dizeres' à medida que a língua é submetida à enunciação em usos orais e escritos.

Cabe evidenciar o porquê da articulação dos teóricos Émile Benveniste e Roman Jakobson como perspectivas conceituais desta pesquisa. Embora ambos possam ser considerados importantes para os estudos de enunciação, de Benveniste buscamos, em sua teoria sobre a linguagem, a perspectiva enunciativa a qual nos agregamos no intuito de dar conta da linguagem em uso, considerando *o homem na língua*; de Jakobson adotamos a proposição linguística sobre as afasias, com uma tipologia que fornece certa orientação para o desenvolvimento desta pesquisa.

Vale lembrar que abordamos, apenas, parte dos estudos desses autores e entendemos que o recorte feito e a articulação teórica a que nos propomos fazer permite que o tema em questão receba um 'olhar' aprimorado, uma vez que as 'formas complexas do discurso' requerem, também, novas perspectivas na abordagem teórico-analítica.

Ao pensar a *dêixis* na linguagem em distúrbio, ratificamos o intuito de investigar o uso dos dêiticos em enunciações escritas e orais (gestuais) de sujeitos com afasia. Esses são integrantes do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que é fruto de uma proposta extensionista, fundada em 2010, e que acontece semanalmente. Entre outras metas, o GIC visa ao estudo de discursos pela perspectiva interdisciplinar (Fonoaudiologia, Psicologia, Terapia Ocupacional, Letras, etc.) e é formado por sujeitos com afasia (pacientes encaminhados pelo Serviço de Atendimento Fonoaudiológico - SAF - da UFSM) e sem afasia (profissionais em formação na graduação, pós-graduação e docentes da UFSM). A estrutura e o funcionamento do GIC serão melhor explicitados no capítulo *Metodologia* desta dissertação.

Para a investigação dos dêiticos na escrita, elaboramos e ministramos oficinas de escrita, para as quais foram convidados integrantes do GIC. Já para a observação dos dêiticos no discurso oral, esses voluntários socializaram com o restante do Grupo o trabalho desenvolvido nas oficinas. A partir dessas enunciações escritas/orais (gestualizadas), buscamos compreender o uso dos dêiticos na linguagem em distúrbio (oral e escrita), e, para tanto, definimos como principal objetivo desta pesquisa observar o fenômeno da *dêixis* atrelado aos tipos de afasia propostos por Jakobson. Pontualmente, são considerados os aspectos não verbais (gesto) implicados nos fatos

enunciativos<sup>2</sup> orais para a produção de sentidos. Quanto aos dêiticos em seu registro gráfico (escrita), analisamos os registros e os inter-relacionamos com os usos dos dêiticos em fatos orais produzidos pelos participantes. Essa dinâmica serviu como parâmetro para compreender o fenômeno da *déixis* no continuum escrita/oralidade (gestual), articulado aos tipos de afasias.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A oportunidade de estudar a linguagem de sujeitos com afasia no Programa de Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação, da UFSM, é, também, a oportunidade de entrecruzar minhas duas formações acadêmicas – Jornalismo e Letras: Língua Portuguesa – relacionando teorias afins no intuito de fortalecer as pesquisas e almejar resultados profícuos em relação à comunicação e à linguagem, já que são inerentes à condição de ser humano e delas somos totalmente indissociáveis. No segundo semestre de 2019, fui apresentada aos participantes do GIC, ligado ao curso de Fonoaudiologia da UFSM. Ainda acadêmica do curso de Letras, pude desenvolver – mesmo que de forma breve – algumas atividades de leitura e escrita com participantes do GIC, uma vez que essas atividades se faziam importantes tanto para o desenvolvimento dos participantes, acometidos por algum tipo de afasia, quanto para o meu desenvolvimento enquanto estudante de linguagem. Ainda que esses encontros tenham sido abreviados em função de um contexto pandêmico que até hoje deixa sequelas, serviram para inspirar o projeto que hoje dá forma a esta pesquisa. Apaixonada pela linguagem em suas múltiplas manifestações, fui imergindo em uma realidade até então desconhecida – de sujeitos capazes de se reinventarem pelos aspectos mais variados da língua, e minha breve participação despertara o interesse pelo extraordinário: por aquilo que faz parte do meu mundo, mas que, por algum motivo, passara despercebido até então. Embora estivéssemos a instantes de um avassalador contexto pandêmico, pude fazer observações e realizar pequenas atividades enquanto acadêmica de Letras, como as oficinas de escrita que hoje servem de lugar para esta pesquisa e para a enunciação de pessoas especiais que inspiram este trabalho. Isso foi motivo suficiente para que tivesse certeza de meu

---

<sup>2</sup> O termo ‘fato enunciativo’ aqui utilizado será devidamente explicitado em *Proposta Metodológica*, seção 3.3.1.

futuro percurso acadêmico. Em 2021, retornei ao GIC inspirada por essas pessoas e com o objetivo de dar continuidade à proposta que iniciara em 2019.

Já dizia Jakobson (1976, p. 35) que “a aplicação de critérios puramente linguísticos à interpretação e classificação dos fatos da afasia pode contribuir, de modo substancial, para a ciência da linguagem e das perturbações da linguagem [...]”. A contribuição de um linguista, entendo, não deve ser somente refém de observações já feitas. Para esta pesquisa, porém, penso que não só a linguagem, mas também a comunicação poderá colaborar com a área da saúde e a fonoaudiologia, pois aproximar casos clínicos do domínio de áreas basilares a qualquer sujeito permite expandir o olhar sobre o sujeito com afasia e, principalmente, interpretar certos dados com autonomia, somando-os aos dados já levantados.

Ademais, é a oportunidade de devolver à sociedade um trabalho fruto da união de áreas que se fortalecem ao caminharem juntas e que servem de apoio às pesquisas que envolvem sujeitos com afasia, não só ao colocá-los frente ao pesquisador, mas ao fazer desse pesquisador o “outro” para que esse locutor se constitua como sujeito na e pela enunciação: como propõe Benveniste em *A Natureza dos Pronomes* (1956), o *tu* é instaurado pela primeira pessoa, que se caracteriza por ser o centro da enunciação. É o *tu* quem dá margem ao dizer, atualizado em cada ato. Acredito na importância do par *eu/tu* para uma adequada reabilitação daqueles que convivem com o comprometimento da linguagem e desejo ser alguém capaz de trilhar um caminho produtivo que facilite o sujeito a retomar o mundo pelas palavras durante seu percurso, já que meu interesse se espelha na capacidade que o ser humano tem de buscar recursos para transformar a língua em discurso na ânsia de se manifestar enquanto sujeito.

No intuito de dar conta dos objetivos traçados para esta pesquisa, organizamos e sistematizamos esta dissertação em cinco capítulos. Neste primeiro, *Introdução*, também composto pela *Justificativa*, registramos as motivações que nos levaram a articular as áreas da saúde e da linguística, bem como delimitamos os objetivos e apresentamos o tema desta pesquisa. No segundo, concentramos a teoria benvenistiana sobre enunciação e *déixis* aplicadas à linguagem em distúrbio, noção essa trabalhada sob a perspectiva de Roman Jakobson. No terceiro, *Metodologia*, detalhamos a estrutura e o funcionamento do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC), bem como os procedimentos de coleta e análise das enunciações escritas e orais (gestuais) de dois sujeitos participantes desse Grupo. Os aspectos éticos que



norteiam esta pesquisa também estão postos neste capítulo. Em *Resultados*, apresentamos uma síntese do emprego dos dêiticos de pessoa (gesto), espaço e tempo nos distúrbios de similaridade e de contiguidade, verificada em enunciações escritas e orais produzidas pelos sujeitos desta pesquisa. No capítulo cinco, *Discussões*, as produções orais (gestuais) e escritas são detalhadas – uma a uma – e analisadas pelos pressupostos da Teoria da Enuniação de Benveniste, em especial, pela inter-relação entre dêiticos pertencentes à oralidade e à escrita que ajudará a desvelar o modo como esses sujeitos se marcam na língua nos diferentes modos de enunciar. Por fim, em *Conclusões*, destacamos os pontos principais desta investigação, dos quais esperamos fomentar investigações futuras e na qual sublinhamos a importância da contribuição interdisciplinar para o avanço nos estudos sobre a linguagem em afasia.

## 2 REVISITANDO ASPECTOS TEÓRICOS: SOBRE AFASIAS E ENUNCIÇÃO

### 2.1 AFASIA PELA PERSPECTIVA DE ROMAN JAKOBSON

Compactar o pensamento de Roman Jakobson (1896-1982) é tarefa difícil e, em certa medida, indigno, uma vez que a modesta tentativa de interpretar parte de sua teoria exclui sua contribuição a incontáveis áreas, como a pintura, a fonologia, a poesia e a linguística, entre muitas outras. Figurando entre os maiores nomes da linguística contemporânea, Jakobson (2007) teve sua carreira universitária ligada a universidades na Rússia, Escandinávia e Estados Unidos - onde lecionou em instituições como Columbia e Harvard. Fundador do Círculo Linguístico de Moscou (1915) e fundamental à projeção do Círculo Linguístico de Praga (grupo formado por críticos literários e linguistas em 1926, cujos estudos, filiados à teoria saussuriana, definem seu viés estruturalista), Jakobson é autor de mais de seiscentas produções, entre livros e artigos, e contabiliza inúmeros trabalhos sobre afasia, desenvolvidos ao longo de praticamente toda sua carreira e publicados entre os anos de 1941 e 1980. Ao dialogar com a neurologia, com a literatura e com a arte, Jakobson, naturalmente, também evoca a linguística ao desenvolver teorias sobre a linguagem em distúrbio. Considerando, então, a vastidão de seu legado - marcado, especialmente, pela interface entre linguística e poética -, destacamos dois de seus textos mais conhecidos para entender a afasia sob o ponto de vista linguístico.

Em seu ensaio chamado *Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia*, (JAKOBSON, 1956), o linguista – que serviu de base para outros pesquisadores do tema – explica que, para a eficácia da comunicação, o ato de fala exige que exista uma equivalência entre os signos linguísticos, um código comum entre aquele que enuncia e seu enunciatário para que haja entendimento. Assim, o repertório lexical deve ser comum entre quem fala e quem ouve para que a comunicação se efetive. Para que isso aconteça, Jakobson diz que ambos devem ter à sua disposição o mesmo “fichário de representações pré-fabricadas”, fazendo com que o destinatário escolha uma das “possibilidades pré-concebidas”. Isso quer dizer que a pessoa que ouve capta a escolha linguística feita pelo remetente e interpreta com base nos sentidos já estabelecidos na língua. Em *A Afasia como um Problema Linguístico*, de 1955, Jakobson já registrava que a linguagem lida com “os modos de relação”.

Segundo o autor, nas mensagens trocadas entre “expedidor e receptor”, há uma espécie de “contiguidade” para garantir a transmissão da mensagem. Nesse sentido,

deve haver uma certa equivalência entre os símbolos usados pelo expedidor e aqueles conhecidos e interpretados pelo receptor. Sem esta equivalência a mensagem é infrutífera - mesmo chegando ao receptor, ela não o afeta. (JAKOBSON, 1973, p.47)

A combinação e a seleção, então, são os dois modos de arranjo de todo signo linguístico – e as variações de afasia esbarram sempre em um ou outro modo, pois os arranjos são limitados ou se tornam totalmente impossíveis. Sobre a *combinação*, Jakobson (1976, p. 37) afirma, ainda, que “todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos”, servindo a unidade linguística de contexto para unidades mais simples e/ou pertencendo a uma unidade mais complexa. Dessa relação, configura-se a ideia de que “todo agrupamento efetivo de unidades linguísticas liga-as numa unidade superior: combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação. (JAKOBSON, 1976, p.37)

Já a *seleção* engloba “pacientes com relações internas afetadas e relações externas intactas [que] são capazes de seguir, continuar e completar um contexto” (JAKOBSON, 1976, p.50). Entendemos, com isso, que esse sujeito manifesta dificuldade em selecionar palavras de modo espontâneo, dar início a textos escritos ou conversações e completar palavras ou frases fragmentadas. *Distúrbio de Similaridade*, portanto, corresponde à deficiência dos atos de seleção e substituição. Quando há o comprometimento de aspectos relacionados à combinação e contextura, entendemos por *Distúrbio da Contiguidade*.

Esmiuçando os conceitos, sujeitos com *Distúrbio de Similaridade* são incapazes de operações referentes à seleção e/ou à substituição, sendo o contexto e a combinação decisivos para que o discurso desses sujeitos flua com chance maior de êxito. Isso acontece porque esses sujeitos encontram dificuldade em selecionar e entender sinônimos, ficando restrito à utilização de uma mesma palavra. Como explica Jakobson (1955), a desordem de similaridade está diretamente ligada à impossibilidade do uso de metáforas, já que esse sujeito não é capaz de reconhecer uma relação de semelhança. Ele é capaz de combinar, mas não de substituir, dentro da mensagem, uma unidade do código linguístico por outra, perdendo, então

[...] a capacidade de fazer uma equação entre palavras correspondentes de dois códigos diferentes (heterônimos), ou entre palavras semânticamente semelhantes do mesmo código (sinônimos), ou ainda entre uma palavra e uma locução mais explícita (circunlocução). (JAKOBSON, 1973, p.50)

O enunciado de um sujeito com distúrbio de similaridade depende de um contexto, e quanto mais estiver imerso nele, maior a chance de alcançar efetividade em sua fala: quanto mais as palavras dependerem de outras para formar uma frase e se encadearem sintaticamente, menos esse sujeito com afasia terá sua fala prejudicada por tal distúrbio. Classes como conjunções, preposições e pronomes são frequentemente conservadas e utilizadas na fala de sujeitos que se atentam ao contexto: “nesse tipo de distúrbio da linguagem, as frases são concebidas como sequências elípticas, a serem completadas a partir de frases anteriormente ditas, quando não imaginadas, pelo próprio afásico ou recebidas por ele de um locutor real ou imaginário” (JAKOBSON, 1976, p. 40). Exemplificando o distúrbio, imaginemos um sujeito com afasia que precisa de um garfo para sua refeição: ele não encontra um nome para se referir ao objeto, embora saiba qual é, então parte para o contexto no intuito de se fazer entender. Poderá se referir à cozinha ou referenciar o objeto ao levar a mão à boca repetidas vezes. Por isso predomina a metonímia como figura de linguagem, pois a palavra ou a expressão empregada está fora de seu contexto semântico, mas ainda assim estabelece uma relação com aquilo que é pretendido. Jakobson (1955), em outro exemplo, explica que o afásico com desordem de similaridade não substituirá a palavra “champagne” por metáforas que manifestem alguma relação de semelhança; ao invés disso,

[...] êle lançará mão prontamente de recursos metonímicos da causa ao efeito imediato ou posterior (‘embriaguez’ ou ‘ressaca’), do conteúdo ao continente (‘garrafa’), do objetivo a um instrumento auxiliar (‘saca-rolha’), do todo para uma parte (‘espuma’). (JAKOBSON, 1973, p. 51)

Em síntese, a pessoa com esse distúrbio é capaz de dar continuidade a um contexto, seja ele sintático ou referencial, completando palavras ou frases fragmentadas. Ele perde a capacidade de substituir uma unidade lexical por outra com base na sinonímia, assim como não identifica heterônimos ou circunlocuções. As relações externas servem como apoio e dão base à metonímia, já que esse sujeito tem suas relações internas prejudicadas.

O *Distúrbio da Contiguidade*, por sua vez, ocorre quando o paciente tem suas relações externas comprometidas. Com esse distúrbio, ele não é capaz de construir proposições e o contexto se desintegra, pois o discurso é reduzido em frases e, até mesmo, palavras soltas. Destaca-se, assim, o agramatismo, já que a perda das regras sintáticas culmina na desordem de palavras, que têm sua ordem “caótica”. Como opera somente a relação de similaridade, a metáfora se torna figura de linguagem predominante:

Das duas liberdades relativas ao falante - seleção livre de palavras e sua livre combinação em contextos maiores - a primeira é limitada nos casos de desordem de similaridade, e a última nos casos de desordem de contiguidade, quando a frase e todo o período tendem a ser reduzidos a uma frase de uma palavra e a um período de uma frase. (JAKOBSON, 1973, p.52)

Jakobson (1956) relaciona os processos metafórico e metonímico aos distúrbios descritos, associando similaridade à metáfora e a contiguidade à metonímia, e explica que qualquer indivíduo com eficiência na utilização da linguagem transita naturalmente entre os dois polos. O que o diferencia de um indivíduo com afasia é que este, de acordo com o distúrbio que sofre, só pode recorrer a um ou outro mecanismo de enunciação. Porém, o linguista observa que até mesmo as pessoas com habilidades “normais” de fala tendem a utilizar um desses mecanismos com mais frequência: “no comportamento verbal normal, ambos os processos estão constantemente em ação, mas uma observação atenta mostra que, sob a influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência” (JAKOBSON, 1976, p. 48).

Jakobson (1956), como visto, explica que os polos metafórico e metonímico são indissociáveis da linguagem – ainda que, na linguagem em distúrbio, haja a impossibilidade de escolha entre um ou outro, como acontece no emprego de uma linguagem plena. A fim de esclarecer esses conceitos, faz-se indispensável compreendermos a linguagem em afasia a partir do processamento linguístico em um cérebro sadio.

## 2.2 BREVE OBSERVAÇÃO SOBRE CLASSIFICAÇÕES DE AFASIA

Uma vez que elegemos a teoria jakobsoniana como suporte para a compreensão das afasias, esta seção vem no intuito de apresentar brevemente os

principais tipos de afasia na acepção da saúde/doença que antecede o viés linguístico de Jakobson sobre a questão. Considerando que o cerne desta pesquisa não está em recuperar a longa história das classificações das afasias, marcada pelos estudos iniciais de Paul Broca, uma sucinta retomada entende-se como suficiente, tendo em vista seu direcionamento pelo viés linguístico (em especial, por Roman Jakobson), e não pela literatura médica – que apresenta terminologias específicas e conceituações aprofundadas com base na complexidade de lesões neurológicas e de sintomas de linguagem.

Nesse sentido, por entendermos que a especificidade do campo da saúde não é nosso foco nesta pesquisa, pois interessa-nos a manifestação da língua do sujeito e sua singularidade em um discurso desviante, serão somente registrados, inicialmente, os principais nomes envolvidos nas investigações das afasias, conforme o esquema proposto por Barros (2022) e, após, elencamos, a síntese das classificações das afasias apresentada por Anieli França (2022), por entendermos que a proposta da autora, além de atualizada, explica sintética e analiticamente, os principais registros sobre afasia.

Figura 1 - Cronologia dos estudos afasiológicos



Fonte: Barros (2022).

De acordo com França (2022), para que seja possível pensar palavras e frases, é acionada a área de Broca – localizada no lobo frontal, situado no hemisfério

esquerdo do cérebro. Ainda nesse lobo, próximo à Broca, fica o córtex motor primário, que tem seus neurônios ativados sempre que desejamos falar: “O sistema motor participa não apenas do planejamento articulatorio, mas também é engajado na neurofisiologia que culmina com a execução do gesto articulatorio da fala. Assim, falamos” (FRANÇA, 2022, p.16).

Já para a percepção acústica da linguagem, isto é, quando ouvimos alguém falar, são ativadas áreas no lobo temporal, ainda no mesmo hemisfério e onde se localiza a área de Wernicke. O córtex auditivo primário, que se encontra ligado a essa área, recebe as informações sonoras que chegam ao cérebro e que passam para a área de Wernicke, “onde estão representados os fonemas da nossa língua. Finalmente, ativam-se também outras áreas temporais de representação dos conceitos ligados às palavras, além de áreas parietais que ajudam a formular repetições do que ouvimos” (FRANÇA, 2022, p.17).

Entendemos, então, que o comprometimento da linguagem se dá, na maioria das vezes, por consequência de lesões no hemisfério esquerdo do cérebro, onde há o processamento e a organização de informações linguísticas. Entretanto, os sintomas manifestados não correspondem a um padrão universal, nem os sujeitos afetados reagem da mesma forma ao serem acometidos pelas complicações da linguagem em afasia, podendo apresentar um ou mais sintomas como perda da fala, da capacidade de leitura e compreensão ou da aptidão para dar nome a objetos, por exemplo.

Esses sintomas dividem-se entre sete tipos principais de afasia, observados por França (2022) em uma escala crescente de frequência; classificações que envolvem disfunções de linguagem manifestadas em menor ou maior grau. São elas: (i) surdez pura para palavras (spp); (ii) afasia transcortical; (iii) afasia anômica; (iv) afasia de condução; (v) afasia global; (vi) afasia de Wernicke; (vii) afasia de Broca.

*A surdez pura para palavras (spp)* é entendida por especialistas como um tipo de afasia e caracteriza-se pelo reconhecimento de quaisquer sons que não o som da fala, para o qual há uma perda quase total da audição. Como se, em um incêndio, a pessoa fosse orientada pelo som do alarme por não entender os gritos de “fogo”. Isso acontece porque há a “destruição de parte do córtex auditivo primário e de parte das fibras de entrada que conduziram informações das áreas de associação auditivas do hemisfério direito, não dominante, para a área de Wernicke, no hemisfério direito” (FRANÇA, 2022, p.18).

A *afasia transcortical* envolve pessoas com dificuldade em assimilar frases, mas que repetem, com excelência, palavras incompreensíveis. Essa repetição é possível, pois foi mantida a percepção dos fonemas em detrimento à compreensão, que “se deve a uma deficiência no mapeamento dos fonemas para a representação lexical ou na correlação com o conteúdo ou significado das palavras” (FRANÇA, 2022, p.19). A afasia transcortical subdivide-se em *sensorial*, caracterizada, entre outros sintomas, pela ecolalia (repetição de palavras ou frases enunciadas si mesmas ou por outros); *motora*, reconhecida pela dificuldade em dar início à fala, e *mista*, em que a fala não é voluntária e acontece somente em resposta a alguém. Esse tipo de afasia resulta de lesões nos dois lobos – temporal e frontal.

Pessoas com *afasia anômica* encontram problemas ao nomear objetos. Elas sabem o que determinado artefato significa e para que serve, mas não conseguem acessar o “rótulo”, isto é, a palavra que o nomeia. Dessa forma, frequentemente usam da *circunlocução*, que consiste em exprimir com muitas palavras uma ideia passível de ser reduzida a uma só: imaginemos alguém que precisa de um lápis, mas é incapaz de pedi-lo pelo nome. Resta, então, a tentativa de descrevê-lo: “me alcança aquela coisa de escrever, que tem um negócio na ponta, que a gente usa aquela coisa pra apagar”. De acordo com a autora, “trata-se do único tipo de afasia que não tem uma localização cortical predeterminada, já que as representações dos conteúdos semânticos se organizam no cérebro de forma idiossincrática” (FRANÇA, 2022, p. 19).

Na *afasia de condução* há a recorrência de *parafasia* – associação inadequada de fonemas, palavras ou sílabas que comprometem o sentido do que é dito, ainda que haja coerência na fala e que se preserve a boa leitura e a compreensão auditiva. Nesse tipo de afasia, quanto maior e mais complexa uma sentença, mais difícil se torna repetir o que foi dito: “O paciente comete erros frequentes durante a fala espontânea, podendo substituir ou transpor fonemas, mas, apesar de estar ciente dos erros, não consegue corrigi-los” (FRANÇA, 2022, p.19).

A *afasia global* é um transtorno que engloba a compreensão e a expressão da linguagem e compromete habilidades como a leitura e a escrita, fazendo com que a produção de discurso também seja inviável: “Resulta de lesões por todo o hemisfério esquerdo, envolvendo todas as regiões que compõem a rede neuronal que suporta e trata a informação verbal” (FRANÇA, 2022, p.19). O gesto, também comprometido no período mais crítico de recuperação do AVC, torna-se o recurso mais eficaz para pessoas com esse grave tipo de afasia.



Sobre a *afasia de Wernicke*, uma das mais conhecidas, França (2022) explica que o principal déficit está ligado à compreensão de palavras e sentenças. Isso porque “os indivíduos apresentam danos em áreas do cérebro que processam os sinais sonoros da fala. Trata-se de áreas no lobo temporal [...] onde os componentes essenciais para que se distingam os fonemas são processados” (FRANÇA, 2022, p.20). Barros (2021), ao fazer um panorama sobre a afasiologia clássica, explica que

Wernicke publicou o ‘Complexo sintomático das afasias’, localizando, na primeira circunvolução temporal esquerda, a área auditiva da fala que, quando lesionada, ocasionaria na perda da compreensão da linguagem [...]. Assim, delimitou-se o que o autor denominou de ‘afasia sensorial’, condição em que a fala articulada está presente, mas com uma expressão inapropriada e compreensão prejudicada. (BARROS, 2021, p.13)

Diferente da afasia sensorial, estabelecida por Wernicke, a afasia motora está relacionada a Paul Broca, pesquisador responsável por localizar a área da linguagem na terceira circunvolução do lobo frontal – conhecida até hoje como a área de Broca: “Com Broca tem-se, então, a instauração da interpretação localizacionista das afasias, que prevê uma causalidade direta entre as manifestações da linguagem e a lesão cerebral” (BARROS, 2021, p.13). A *afasia de Broca* é uma lesão na área de mesmo nome que limita o emprego de palavras de classe fechada, ainda que não haja problemas com nomes, verbos e adjetivos. Conforme França (2022, p.20), há “uma enorme dificuldade em lidar com morfemas funcionais, ou morfemas de classe fechada, que servem à gramática”, como artigos e preposições. “Por isso, esse tipo de afasia é conhecido também como agramatismo” (FRANÇA, 2022, p.20).

Percebe-se que, dependendo do tipo de afasia, algumas alterações comprometem severamente habilidades como fluência da fala, compreensão, nomeação e repetição. Por isso, as afasias também podem ser divididas em dois grandes grupos: afasias fluentes e não fluentes. Como os nomes sugerem, a afasia fluente relaciona-se à linguagem fluida e manifestada com facilidade dentro de uma situação de comunicação, mesmo que, por vezes, palavras e frases escapem do contexto, sejam repetidas, incompreensíveis ou desnecessárias. A afasia não fluente, por sua vez, exige da pessoa grandes esforços para comunicar algo, já que apresentam grande dificuldade para acessar palavras e se expressam por meio de frases muito curtas.

No livro introdução aos estudos de roman jakobson sobre afasia (FLORES, SURREAUX, KUHN, 2008, p.43), são elencadas características associadas ao distúrbio de similaridade que podem ser relacionadas às afasias fluentes, como o déficit lexical, a manutenção de palavras de classe fechada (como artigos e pronomes), o distúrbio na procura de palavras ou fonemas e contexto intacto. Já as características associadas ao distúrbio de contiguidade podem ser relacionadas à afasia não fluente por apresentar características como distúrbio na combinação, dano no contexto, estilo telegráfico (economia de palavras) e perda da capacidade de formular sentenças lógicas e sintaticamente bem organizadas.

Ao percebermos o modo como as teorias jakobsonianas refletem a linguagem em distúrbio, podemos dizer que Jakobson, ao desenvolver noções relativas à similaridade e à contiguidade, nos orienta não só a compreender, mas a pensar o tratamento de sujeitos com afasia, já que, em algum momento, esse sujeito aproxima-se do falante convencional da língua ao fazer uso de um ou outro polo da linguagem. Esses indivíduos, até então segregados pela linguagem comprometida, passam a não só se unir, mas se igualar a qualquer outro falante no constante ato de colocar a linguagem em funcionamento, passando de indivíduos a sujeitos que se marcam na língua e, portanto, significam em cada dizer único e irrepetível. Por isso, dedicamos a próxima seção ao linguista Émile Benveniste (1902-1976) e a sua teoria enunciativa, que contempla aspectos relacionados ao homem e sua relação com o mundo, ambos marcados na língua em emprego e em ação. Benveniste faz-se indispensável para a interpretação da discurso – em especial, o de sujeitos com afasia – e suas importantes contribuições também serão consideradas para a análise das enunciações escritas e orais (gestuais) a que se propõe esta investigação.

## 2.3 TEORIA ENUNCIATIVA BENVENISTIANA COMO SUPORTE AO ESTUDO DOS DÊITICOS NAS AFASIAS

### 2.3.1 A *enunciação* pelo viés de Émile Benveniste

A fim de elucidar o conceito de *dêixis*, é imprescindível percorrer os caminhos da *enunciação* para chegar aos dêiticos e ao lugar que eles ocupam no discurso. Em uma de suas célebres afirmações, o linguista Émile Benveniste (1989, p. 82) define a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de

utilização”. Entendemos, então, que um locutor, ao se apropriar da língua e transformá-la em discurso, o faz pela utilização do *aparelho formal da língua* – que corresponde às possibilidades morfossintáticas fixadas por regras. Ao mobilizar e atualizar os recursos da língua a cada instância enunciativa, esse locutor instaura o *aparelho formal da enunciação*, que, sobretudo, o coloca como “parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” (BENVENISTE, 1989, p. 83).

Diferente do emprego das formas, que diz respeito a relações de ordem sintagmáticas e paradigmáticas, o conceito de enunciação está inseparavelmente ligado ao emprego da língua, que diz respeito “ao mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira” (BENVENISTE, 1989, p. 82). O aparelho formal da enunciação – que pressupõe o funcionamento da linguagem dentro de um quadro formal de realização – é, portanto, o ato de colocar a linguagem em funcionamento ao apropriar-se dela a cada ato individual, assim se pondo no discurso como a pessoa que fala, instaurando o “eu”. É nessa perspectiva, da singularidade da língua em uso, que percebemos *a forma e o sentido na linguagem* (BENVENISTE, 1967) em dois modos de significância da língua: o semiótico e o semântico. Enquanto unidade semiótica, o signo está atrelado à capacidade de dissociar-se em nível inferior, em *fonemas*, por exemplo, e são esses fonemas responsáveis por atribuir ao signo forma sonora fixa que o distingue dos demais e que faz, assim, com que se reconheça – o valor de um signo está em ser o que todos os outros não são. Ao compreendê-los, no inventário de palavras da língua, seu sentido está no fato de existir e se encadear a outros signos para compor um discurso dotado de significação. Seu sentido está diretamente relacionado às intenções de um locutor em determinado ato enunciativo. É no uso da língua que o signo passa a existir.

Portanto, no âmbito do emprego da língua, o signo dá lugar à palavra ou frase -, unidade semântica por excelência. Nesse domínio, enquanto a forma relaciona-se ao encadeamento sintagmático de palavras, engendradas para dar conta de uma ideia, o sentido é a própria ideia que o discurso exprime, fruto da sintagmatização de palavras que definem a mensagem a ser semantizada por meio de frases – a expressão semântica e discursiva por excelência. É, então, nesse domínio que as formas adquirem sentido singular em função do ato enunciativo único e irrepetível proferido.

Ao se apropriar da língua, então, o locutor a usa como instrumento para a sustentação de sentidos provenientes de suas experiências e de suas relações com o mundo, nela marcando-se subjetivamente como *eu* que compartilha suas vivências com um alocutário, o *tu*, que assume o *eu* na medida em que se faz sujeito de sua própria enunciação. É nessa categoria, de pessoa<sup>3</sup>, que se legitima a experiência subjetiva de sujeitos que se apropriam da língua e concebem a singularidade de seu dizer ao se situarem na e pela linguagem. Portanto, ao afirmar que “a referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84), o linguista nos diz que não há como referir pelo discurso sem fazer referência à própria instância enunciativa, marcada não só pela relação *eu-tu*, mas por índices de ostensão espaço-temporais, contemporâneos ao momento presente da enunciação.

Imprescindíveis para o ato enunciativo, são chamados *dêiticos* os índices ostensivos presentes na instância discursiva: indicadores que se relacionam ao par *eu-tu* e são correlativos, também, ao *aqui-agora*, indicando a posição de *eu* e *tu* no espaço e no tempo, estabelecidos no momento em que se enuncia. Os acontecimentos localizam-se sempre a partir do presente do ato linguístico, ainda que não sejam concomitantes ao momento da fala, então, no instante em que o locutor toma a palavra, ele estabelece um *agora* que organiza os acontecimentos no *tempo linguístico* – o tempo da enunciação. Quanto à categoria de espaço, entende-se como um conjunto de coordenadas que se organizam, no discurso, a partir do *eu* - que serve como ponto referencial. São designados na instância discursiva em que são produzidos, sendo dependentes, portanto, daquele que enuncia. Assim, a Teoria da Enunciação não está interessada pelo enunciado enquanto texto concreto, ou para o quê/quem um dêitico nele aponta; seu objeto é o ato mesmo de produção desse enunciado, ou seja, como o fenômeno da *dêixis* realiza-se na enunciação.

### 2.3.2 O conceito de dêixis no âmbito linguístico

Como já sinalizado, a *dêixis* configura um conjunto de signos de ostensão diretamente ligados às categorias de pessoa, espaço e tempo, tendo condicionado seu reconhecimento à instauração do discurso. Em uso, os dêiticos transformam-se

---

<sup>3</sup> Como essa categoria se institui na e pela enunciação, o *ele* é não pessoa, sendo, portanto, opositivo à pessoa na enunciação. Questão retomada e detalhada na subseção 2.3.2.

em marcas subjetivas da enunciação de um *eu*, sendo impossível atribuir-lhes um referente sem reconhecer aquele que enuncia e o espaço/tempo da instância discursiva. Michel Lahud (1979, p.114), ao mencionar Benveniste, reitera que “os dêiticos são signos que não podem ser convenientemente descritos sem referência ao *emprego* que deles é feito pelo sujeito falante”, ou seja, trata-se de signos que permitem ao sujeito vincular seu enunciado “ao seu próprio dizer”.

Essa noção de *déixis*, associada às teorias de Benveniste (1956), sucede de outra maneira, mais recorrente, de abordar o conceito. Conforme Ciulla (2018), o termo *déixis* é proveniente do grego e compreendido como o ato de abranger qualquer forma de expressão, incluindo as não verbais, que aponte para algo *no mundo*. Esse apontamento pode ser somente gestual, como indicar algo com as mãos ou com o olhar – ou submeter o gesto a qualquer outra manifestação corporal. Estão, os gestos, diretamente ligados ao discurso e surgem como expressão não só do discurso, mas de um corpo inserido no mundo: “A língua encontra-se, de algum modo, enraizada no corpo como prática sócio-cognitiva” (VEZALI, 2012, p. 1). Tal fenômeno interessa não só à Linguística, mas a disciplinas como a Psicologia e a Filosofia da Linguagem, e, por haver um entendimento divergente quanto a sua definição, Ciulla (2006, p. 23) enumera as seguintes características gerais que descrevem os dêiticos na literatura existente sobre o tema:

- 1) Apresentam uma condição de subjetividade manifestada através do estabelecimento de um vínculo entre os participantes do discurso e a situação enunciativa; 2) são indicadores de ostensão, ou seja, indicam os limites do objeto referido no espaço e no tempo de acordo com o posicionamento do sujeito enunciativo no momento do ato comunicativo (CIULLA, 2006, p. 23).

Tais conceituações vão ao encontro das teorias propostas por Émile Benveniste, que entende a *déixis* como um conjunto de signos linguísticos que aponta para objetos *no discurso* – e não exteriores a ele. São elementos de ostensão que têm funções discursivas e que remetem ao “eu” explicitado na língua: “o que torna os dêiticos especiais em relação a outros elementos da língua e a outras questões que envolvem a subjetividade é a sua característica (única) da **autorreferencialidade, marcada pela indicação da primeira pessoa**” (CIULLA, 2018, p. 372, grifo nosso). Faz-se importante esse destaque para que entendamos a importância do pronome pessoal *eu* na fundação da instância enunciativa e, conseqüentemente, da *déixis*, uma vez que ele não só serve como eixo de referência para os demais signos ostensivos,

mas também é ele próprio o referente primeiro, identificado na e atualizado pela instância discursiva que o contém. A autorreferencialidade, portanto, se dá pelo movimento bidirecional do pronome *eu*, que refere e aponta, mas que também é apontado e referido:

Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de *eu* como referente, e instância de discurso contendo *eu*, como referido. [...] *eu* é o 'indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu* (BENVENISTE, 1976, p. 279).

Para melhor esclarecer o conceito de *déixis* pelo olhar benvenistiano, é fundamental que o relacionemos aos pronomes e ao modo distinto como esses pronomes operam na língua. Ao problematizá-los em relação à linguagem, Benveniste (1976, p. 277) afirma que “os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos”. Significa dizer que, enquanto uns pertencem ao domínio da sintaxe, outros ganham sentido à cada instância discursiva: “e a consciência dessa disparidade ‘semântica’, que separa em signos de diferentes espécies os elementos tradicionalmente agrupados na categoria de ‘pessoa’, é o passo determinante da constituição de *déixis* que encontramos em Benveniste” (LAHUD, 1979, p.108). Para melhor exemplificar o que Benveniste (1976, p.282) chama de elementos pertencentes à sintaxe da língua, ele esclarece que “na classe formal dos pronomes, os chamados de “terceira pessoa” são inteiramente diferentes de *eu* e *tu*, pela sua função e pela sua natureza”.

Podemos entender, então, que o par *eu-tu* (índices de pessoa) supera uma simples função sintática para existir na enunciação: “O papel das ‘pessoas’ propriamente ditas é sobretudo assegurar aos locutores a possibilidade de se colocarem, no instante e pelo instante em que dizem ou ‘eu’ ou ‘tu’, na posição de sujeitos de seu próprio discurso” (LAHUD, 1979, p.108). A partir do momento em que alguém converte a língua em discurso, se estabelece um ponto de referência interno, o “eu”, que funciona como um centro de coordenadas para toda a ostensão realizada na língua. Assim, os dêiticos têm a função primordial de autorreferir e organizar a enunciação ao prescindir de signos para indicar quem fala, de onde fala e a quem se refere, estabelecendo o *eu/tu-aqui-agora*: “o *tu* é compulsoriamente incluído, pois ao enunciar *eu*, o locutor institui sempre um outro, alocutário desta mesma instância de discurso” (CIULLA, 2018, p. 368). Ao se apropriar da língua, o locutor está em relação

constante com sua enunciação, estabelecendo um vínculo entre ele e o alocutário: “Com efeito, o ‘tu’ é efetivamente considerado como um elemento de correlação de personalidade, mas *instaurado* por ‘eu’, fora dele, numa exterioridade que só pode, então, ser pensada a partir dele (do ‘eu’)” (LAHUD, 1979, p.108). Assim, dessa relação *eu/tu* despontam vários índices de ostensão que se relacionam ao presente do discurso e que remetem ao “ineditismo” de um enunciado, onde se atualizam em cada ato:

As formas denominadas tradicionalmente ‘pronomes pessoais’, ‘demonstrativos’, aparecem agora como uma classe de ‘indivíduos linguísticos’, de formas que enviam sempre e somente a ‘indivíduos’, quer que se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos” (BENVENISTE, 1989, p. 85).

Esses “indivíduos linguísticos” a que Benveniste se refere são os elementos dêiticos, que adquirem status pleno em uma enunciação única e irrepitível, e “são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo (BENVENISTE, 1989, p. 85).

. São signos “vazios” que, por não terem referência própria no mundo, são preenchidos no instante em que o locutor diz *eu*, e, assim, ganham sentido na medida em que são assumidos no discurso: “os dêiticos, embora possuam um lugar na língua, são categorias vazias e subjetivas porque, sendo signos concretos, somente adquirem estatuto pleno na e pela enunciação de ‘eu’” (FLORES; TEIXEIRA, 2017, p. 40). Ainda, é a mobilidade do *eu* enquanto um signo vazio que permite o exercício da linguagem, pois pode ser assumido por todo o locutor que se ocupa da língua para nela se marcar enquanto sujeito, mobilizando seus referentes. A intersubjetividade, portanto, está ligada à propriedade autorreferencial da língua, que admite a alternância da primeira pessoa entre sujeitos que se assumem na enunciação:

Não há uma forma especial para designar cada EU do universo, apenas uma, que tomará para si uma significação e uma referência diferente a cada vez que for enunciada. Assim sendo, cada vez que o EU se reconstrói, muda-se também a noção do AQUI, do LÁ, do AGORA e assim por diante, porque eles também são móveis. A referência se constrói a cada vez que se enuncia para dar significado aos dêiticos. A cada nova instância da enunciação, há um novo referente para o dêitico. (ALDROVANDI, 2016, p. 83)

Entendemos, dessa forma, que os signos vazios estão submetidos à categoria de pessoa por permitirem o exercício da linguagem e se referirem à instância discursiva, remetendo, assim, ao discurso. Ademais, a importante contribuição feita por Ciulla (2018) facilita a compreensão do funcionamento desses signos - eles estariam organizados hierarquicamente uma vez que estão na dependência de um *eu*, que, por sua vez, é independente ao instaurar a enunciação:

I. *Eu* é o centro da enunciação e instaura o *tu*; *eu* transcende *tu*, por ser o elemento fundador; é autorreferencial (remete a si próprio, instituindo-se como referente), ao mesmo tempo em que funciona como o centro de coordenadas para toda a ostensão realizada manifestamente na língua. II. Seguindo a linha de raciocínio, *aqui* e *agora* são autorreferenciais, pois remetem à instância de discurso de *eu*; e antes de servir como ponto de coordenada para outros elementos dêiticos, também são dependentes, portanto, de *eu*. III. Demonstrativos que fazem remissão às coordenadas no espaço e no tempo do tripé *eu-aqui-agora*, estão submissos ao tripé e não servem como índices para outros dêiticos. (CIULLA, 2018, p.373)

Posto isso, podemos concluir que a categoria de pessoa *eu/tu* define-se em termos de locução por se referir à realidade do discurso: *eu* enquanto pessoa subjetiva; *tu* enquanto pessoa não subjetiva. Tal afirmação, sob um olhar mais atento, lança luz à condição de *e/e*, que gramaticalmente também se define enquanto pronome pessoal. Para a teoria enunciativa, a diferença entre *e/e* e as pessoas do discurso está no fato de que “ele” não participa da enunciação como locutor, mas sim, se define em termos de objeto, como acontece com os signos nominais. Com base na teoria benvenistiana, Lahud (1979) centra-se na oposição existente entre *eu-tu* e *e/e* para situá-los de acordo com a “realidade” a que esses signos remetem:

Se a terceira pessoa é de fato não-pessoa, é porque ela pode remeter a qualquer coisa, exceto à própria instância de discurso que a contém [...]. Muito diferente é a “realidade” a que remetem “eu” e “tu”. Estes só se aplicam a uma *realidade do discurso*, diz Benveniste, pois a “pessoa” só é “pessoa” enquanto e durante o instante em que “eu” fala. [...] A distinção entre “pessoa” e não-pessoa” reflete, portanto, uma oposição mais profunda, cujo traço distintivo essencial é a relação do sentido dos signos com a enunciação: é a ausência de uma tal relação que faz do “ele” um elemento pertencente àquilo que Benveniste denomina a esfera “cognitiva” da linguagem e, por isso, um signo adequado para designar coisas da “realidade objetiva” [...]. (LAHUD, 1979, p.109)

Koelling (2003), também, explica que o termo *e/e* funciona apenas como elemento de representação sintática que substitui palavras ou até segmentos inteiros, servindo para a “economia” da língua; “ele” não chama para si o ato enunciativo e nem



estabelece referências espaço-temporais. Sendo assim, não existem semelhanças entre a função substitutiva desses elementos e a função exercida pelos indicadores de pessoa “eu” e “tu”, principalmente porque “ele” nunca poderá ser reflexivo na instância discursiva e, também, por poder se referir a qualquer objeto – diferente de “eu” e “tu”, que têm denominações diferentes em cada uma de suas ocorrências. Essa diferenciação é sintetizada por Flores (2013, p. 91) em três pontos-chave que definem pessoa (eu/tu) e não pessoa (ele):

(a) unicidade específica: *eu* e *tu* são sempre únicos: “O ‘eu’ que enuncia, o ‘tu’ ao qual ‘eu’ se dirige são cada vez únicos. ‘Ele’, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum” (PLG I: 253)<sup>4</sup>; (b) inversibilidade: *eu* e *tu* são inversíveis entre si. O *ele* não pode ser invertido com os dois primeiros; (c) predicação verbal: “A ‘3ª pessoa’ é a única pela qual uma *coisa* é predicada verbalmente” (PLG I: 253). Tudo o que não pertence a *eu-tu* recebe como predicado a forma verbal de 3ª pessoa.

Na tentativa de exemplificar, pensemos em uma enunciação hipotética na qual o locutor utiliza a expressão “duas semanas antes”. As semanas referidas no discurso não estão relacionadas ao tempo presente da instância discursiva, mas a um ponto de referência já estabelecido no interior do que foi dito (ele). Mesmo que demarque uma distância em relação à posição de *eu*, não funciona como dêitico por não remete à instância enunciativa: “Há enunciados de discurso, que a despeito de sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos mas a uma situação ‘objetiva’. É o domínio daquilo a que chamamos terceira pessoa” (BENVENISTE, 1976, p. 282).

Muitas teorias já foram levantadas sobre a *dêixis* e há, certamente, muito a ser dito sobre esse fenômeno linguístico. Todavia, a despeito de qualquer discussão sobre o tema e como aporte para a investigação a que propomos nesta pesquisa, adotaremos a definição na acepção de Benveniste, registrada no Dicionário de Linguística da Enunciação, de Flores *et al.* (2009), que conceitua dêitico enquanto signo vazio: “signo cuja referência é a situação cada vez única da enunciação, que se torna pleno assim que um locutor o assume em cada instância do seu discurso”. Em nota explicativa, encontramos como exemplo de signos vazios indicadores de pessoa, de ostensão, pronomes, advérbios, locuções adverbiais (e seus correlatos) e, ainda, as variações verbais.

---

<sup>4</sup> Edição referenciada por Valdir do Nascimento Flores: BENVENISTE, É., *Problèmes de linguistique Générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

Não há como questionar o que os dêiticos nos dizem sobre a condição de *ser* humano: é perceber-se como sujeito na e pela linguagem, que assim o constitui. Um sujeito dotado de subjetividade, que não só comunica, mas que transpõe a língua – e a supera – para se colocar no mundo e nele significar: “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...]. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1958, p. 285).

### 3 PROPOSTA METODOLÓGICA

#### 3.1 DESENHO METODOLÓGICO

A pesquisa de caráter *qualitativo* busca compreender a realidade social do ser humano e trabalha a gama de significados provenientes dos resultados obtidos como centro da investigação. Tais fenômenos não podem ser compreendidos como meras variáveis, pois, de acordo com Minayo e Gomes (2002, p. 22) “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Podemos considerar, então, que, por adotarmos o trabalho com grupo de convivência e buscarmos entender o ato individual de apropriação da língua na sua singularidade, voltando-nos para as significações atreladas às vivências em saúde (saúde-doença), inserimo-nos nessa abordagem qualitativista de pesquisa.

Também, esta pesquisa pode ser caracterizada como *exploratória*, pois considera as pessoas envolvidas com o problema a ser pesquisado e suas produções, que permitem a análise e facilitam a compreensão daquilo que se pretende (GIL, 2002). Ainda, Gil (2002) permite compreender que se soma à revisão bibliográfica – fundamental a qualquer pesquisa – outro procedimento técnico cabível chamado *estudo de campo*, voltado a comunidades formadas para o desenvolvimento de alguma atividade humana, no caso, o campo dos problemas saúde/doença. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa é desenvolvido pela observação direta de atividades promovidas por essa pesquisadora a um determinado grupo a ser estudado. Juntamente a essa modalidade de pesquisa, os procedimentos como “análise de documentos, filmagem e fotografia” são válidos. Assim, categorizamos esta pesquisa, tendo em vista as características de cada movimento necessário ao cumprimento dos objetivos traçados.

Especificamente, quanto ao método de análise enunciativa – que norteia esta pesquisa –, embora o *enunciado* seja definido, cabe ao pesquisador estabelecer o ponto de vista sob o qual a enunciação será analisada, pois não é possível uma abordagem universal válida para as teorias da enunciação. Sendo assim, a análise de cunho interpretativo terá como base a teoria enunciativa de Benveniste (1989, p. 83) que, ao definir a abordagem linguística pelo viés enunciativo, considera “o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização”. O linguista

não define um método específico, mas permite que seus estudos guiem o pesquisador como um roteiro a ser atualizado a cada perspectiva requerida.

## 3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA

### 3.2.1 O Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC)

Antes de nos debruçarmos sobre os procedimentos de coleta e análise do *corpus* que norteia esta pesquisa, é preciso contextualizá-la em relação ao Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC), espaço que permitiu o desenvolvimento desta investigação. O GIC foi fundado em 2010 pelas professoras Elenir Fedosse e Miriam Delboni, docentes do curso de Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, respectivamente, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e caracteriza uma ação extensionista voltada a acolher pessoas do município e região, encaminhadas pelo Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) da UFSM. Os participantes encaminhados apresentam linguagem comprometida por lesão neurológica decorrente de AVC, traumatismo craniano, tumores ou infecção cerebral - principais lesões que dão origem a diferentes tipos de *afasia*, sendo esse conceito caracterizado pela linguagem em distúrbio: “As afasias são caracterizadas por dificuldades de compreensão e de produção da linguagem verbal – linguagem oral/fala e/ou escrita” (DELLA MÉA; FEDOSSE, 2022, p. 12). Atualmente, coordenado pela professora Célia Della Méa – do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da UFSM, o GIC contempla alunos, professores e pesquisadores que, de forma interdisciplinar (Psicologia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Letras, entre outros), investigam e compartilham saberes em prol do Grupo e do avanço nos estudos sobre a linguagem em afasia.

Os encontros do GIC, que acontecem semanalmente no prédio da Fonoaudiologia da UFSM, são divididos em dois momentos: *hora da novidade* e *hora da atividade*. Na *hora da novidade*, o Grupo organiza-se em círculo e cada integrante compartilha com os demais colegas os acontecimentos da última semana que julga importante socializar, sejam curiosidades sobre sua vida particular, sejam acontecimentos difundidos pelos veículos de imprensa e/ou pelas mídias digitais. Esse momento é marcado pela interação social, pela escuta indiscriminada e, principalmente, pela oportunidade de comunicar, uma vez que esses sujeitos são, por

vezes, ignorados pela sociedade e pelos próprios familiares em função de sua condição. É nesse momento, também, que novos integrantes são apresentados e “entrevistados” pelo Grupo.

No intervalo entre um momento e outro é oferecido o café da tarde: alguns participantes se responsabilizam pela compra e/ou preparo dos alimentos – preferencialmente leves e saudáveis – que coincidem, por vezes, com a atividade a ser feita, como salada de frutas, por exemplo. Nessa hora, há sempre alguém para fazer companhia aos sujeitos com afasia, a fim de observar a deglutição e, também, evitar algum desconforto, como a sensação de deslocamento.

Após o café, o Grupo se prepara para a *hora da atividade*, que consiste no desenvolvimento de jogos e dinâmicas pensados para o desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal, assim como outros processos cognitivos dos sujeitos com afasia. Essas atividades são pensadas pelo Grupo, mas ficam sob a responsabilidade de um integrante diferente a cada semana. A organização dessas atividades geralmente acontece após o término de cada encontro e são entregues com antecedência para avaliação. São dinâmicas que trabalham atenção, motricidade, raciocínio, memória, equilíbrio, entre outras habilidades, e são sugeridas, inclusive, pelos sujeitos com afasia presentes no dia. Para encerrar, são propostos alguns exercícios de relaxamento e alongamento.

Impossibilitado de acontecer presencialmente, o GIC manteve os encontros virtuais no período pandêmico, com periodicidade quinzenal. Mesmo sabendo das dificuldades que se colocariam como obstáculos, a manutenção do Grupo era necessária para amenizar o abalo desses sujeitos e estreitar a distância da melhor maneira possível. Muitos não puderam participar por não terem dispositivos eletrônicos e/ou não saberem lidar com recursos digitais, mas a mobilização dos integrantes fez com que esses e outros problemas fossem sanados, ainda que parcialmente. Para esses sujeitos, o GIC é tido como uma grande família da qual fazem parte, pois nele:

[...] abordam-se questões relativas à alimentação, higiene e produtividade (cuidar de si, de outros, do lar, trabalho e estudo), às condições e necessidades de saúde, incluindo vontades e desejos relacionados ao lazer, respeitando e favorecendo a amálgama dos aspectos físicos, afetivos, cognitivos e sociais constitutivos do ser humano (DELLA MÉA; FEDOSSE, 2022, p. 28).

Em 2022, além da retomada dos encontros presenciais, foram retomados, também, os passeios que ocorrem anualmente. A escolha do lugar fica a critério dos sujeitos com afasia que integram o GIC, e a organização é de responsabilidade de integrantes do Grupo, que sugerem cidades/pontos turísticos considerando fatores como distância e custo. Esses custos são divididos entre professores, pesquisadores e alunos, garantindo a gratuidade a esses sujeitos que, em sua maioria, nunca tiveram a oportunidade de sair da cidade onde moram. Em casos graves de locomoção, é exigida a presença de um responsável. Além de novas experiências, essa ação visa, acima de tudo, a integração sociocultural desses sujeitos que, a partir dessa iniciativa, puderam conhecer cidades como Gramado, Porto Alegre, Rio Grande e parques como o Jardim das Esculturas, em Júlio de Castilhos.

Parte da coleta dos dados diz respeito a registros orais (gestuais) produzidos por sujeitos participantes do GIC e que, voluntariamente, se propuseram a frequentar, em momentos anteriores, oficinas de escrita. No segundo semestre de 2022, foram capturadas em vídeo manifestações orais e gestuais desses sujeitos em encontros presenciais no GIC, quando compartilharam com o restante do Grupo a atividade/temática realizada em cada oficina de escrita que frequentaram, apresentando suas impressões acerca das atividades desenvolvidas em cada um dos encontros. Todos os relatos foram gravados e o material audiovisual coletado foi transcrito em conformidade com a proposta do Banco de Dados de Linguagem nas Afasias<sup>5</sup>.

Como dinâmica, foram dispostos, em uma mesa, envelopes ilustrados que continham os textos referentes a cada tema desenvolvido. Nas oficinas, o voluntário deveria escolher o envelope com base na imagem de seu interesse para, então, discorrer a respeito de seu conteúdo. No intuito de tornar a ação o mais descontraída possível, propiciamos a todos a oportunidade de fazerem perguntas e dividirem, também, suas experiências - o que evitou a brevidade de certos relatos.

As ações, que ocorreram em dois encontros do GIC - especificamente na Hora da Novidade -, foram gravadas com o auxílio de integrantes do Grupo não só para

---

<sup>5</sup> O Banco de Dados de Linguagem nas Afasias foi constituído no intuito de disponibilizar para pesquisadores de várias áreas do conhecimento – Linguística, Neurolinguística, Psicologia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, entre outros – um material em que foi privilegiado o homem falante em sua singularidade, pois tal Banco contempla a descrição de fatos enunciativos em conformidade com a perspectiva enunciativa de Émile Benveniste. Por isso, adotamos a transcrição de acordo com o Banco de Dados, que se vale da ideia do homem enquanto sujeito que fala em uma relação única e irrepetível.

evitar possível constrangimento, mas também para que esta pesquisadora pudesse conduzir a atividade e auxiliar, quando necessário, os participantes da pesquisa em seus relatos. Aos voluntários, não foi estipulado tempo, deixando-os à vontade na medida do possível.

### **3.2.2 Oficinas de escrita**

Elencamos, inicialmente, dois critérios para que os sujeitos da pesquisa fossem selecionados: deveriam ter características diferentes de afasia e idades distintas. Esses fatores implicariam diretamente em uma leitura singular de experiências em relação ao homem e ao mundo, assim como ajudariam a evidenciar as marcas únicas de um sujeito na produção de enunciados. No entanto, não foi possível manter rigorosamente tais critérios, pois algumas variáveis que escapam ao nosso controle já apareceram desde então, como incompatibilidade de horários, problemas pessoais, distância, desinteresse, entre outros empecilhos. Encontrar pessoas dispostas, então, passou a ser o ponto decisivo em função do alto nível de abstração que a escrita exige e é temido por esses sujeitos: em função de sequelas deixadas pela afasia e dos distintos processos de letramento apresentados, a escrita, muitas vezes, é evitada, pois exige o desprendimento do contexto de fala (em muitos casos já comprometida) e a apreensão da língua em sua materialidade. A constituição do sujeito enquanto escrevente é um desafio que implica a relação com o simbolismo linguístico e com o outro, e o pensamento atualizado em discurso escrito passa antes pela organização mental para que possa ser realizado graficamente.

As oficinas de escrita foram realizadas de forma gradativa, pois trabalhamos individualmente, sem previsão de encerramento das oficinas em função de contratempos como chuva, distância, consultas médicas, doenças etc. Assim, logo que uma oficina era concluída, fomos em busca de novo participante. Elas funcionaram da seguinte maneira: semanalmente, era abordada uma temática relacionada às preferências de cada sujeito. Essas preferências foram levantadas a partir da aplicação de uma versão da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), conforme anexo A, que registra, organiza e descreve informações sobre diferentes quadros clínicos e estados de saúde. A adaptação da CIF foi organizada e aplicada por esta pesquisadora e por uma terapeuta ocupacional, responsável pelo levantamento adequado dos dados.

Em sua maioria, os temas das oficinas foram amparados por textos, lidos em conjunto ou individualmente sempre que o participante assim desejasse. Esses temas foram apresentados em diferentes gêneros e modalidades e trazida essa diversidade propositalmente no intuito de envolvê-los e de desenvolver diferentes habilidades. Portanto, foram trabalhados jogos, vídeos, desenhos, recortes, assim como foram explorados textos publicitários, contos, lendas, plataformas digitais, cartas, entre outros. O intuito era conversar informalmente sobre o assunto abordado no dia, relacionando-o a nossa rotina e a nossas experiências (Anexos C e D).

Nos minutos finais, um texto deveria ser produzido e endereçado, de modo fictício, a um remetente. Obviamente, a produção era livre de qualquer exigência, contanto que fosse considerado o interlocutor. O material foi todo fornecido, inclusive acessórios como adesivos e canetas coloridas, quando do interesse do sujeito participante. Fez-se necessário o registro fotográfico de produções que ficaram sob a posse desses sujeitos; os demais integram essa dissertação (anexos E e F).

Quanto à periodicidade, foram delimitados seis encontros para cada participante, um por semana, com duas horas de duração cada. Entretanto, durante as atividades, foi preciso cuidado para lidar com percalços até então impensados, como a desatenção, o tédio, o cansaço que, muitas vezes, estão ligados à condição de cada sujeito. Então, como a maturidade vem acompanhada da experiência, não focamos no cumprimento do número de horas estabelecidas (12h) para focar na qualidade de cada oficina<sup>6</sup>, independente do tempo que levariam e sem comprometer a espontaneidade das ações de cada sujeito.

### 3.2.2.1 Os sujeitos da pesquisa

Os dois sujeitos<sup>7</sup> que integram esta pesquisa, por conseguinte, foram denominados por esta pesquisadora como *DeI* e *Cr*. Respectivamente, esses sujeitos

---

<sup>6</sup> Em tempo, registramos a continuidade das oficinas de escrita, executadas, atualmente, por alunos de graduação em Letras e fonoaudiologia e supervisionadas por esta pesquisadora e pela coordenadora do GIC. Esse projeto de oficinas, antes restrito ao desenvolvimento dessa pesquisa, hoje funciona como um “braço” extensor das atividades desenvolvidas no Grupo, atendendo aos sujeitos com afasia que buscam, na interlocução, um lugar respeitado para a produção de sentidos, indiscriminadamente interpretados pelas mais diferentes formas de rearranjo linguístico oral e escrito.

<sup>7</sup> É preciso referir que a participante da pesquisa, identificada como Ren, frequentou inicialmente as oficinas de escrita, mas mostrou-se relutante em expor ao grupo, oralmente, sua tarefa. Esse fato já impossibilitaria a manutenção, na pesquisa, dos fatos enunciativos produzidos por ela. Além disso, ao atentar para os registros escritos pela participante, voltamo-nos para sua avaliação fonoaudiológica do



têm 82 e 38 anos de idade e são citados na ordem de realização das oficinas, para as quais foi adaptada uma versão da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF, anexo A). Tal adaptação foi feita no intuito de coletar dados gerais para a elaboração das oficinas, como por exemplo, atividades de lazer, rotina, dificuldades, funções mentais/sensoriais, entre outros, e descartar tantos outros dados da Classificação que não seriam relevantes à proposta de oficina de escrita.

*Del* enfrentou dois Acidentes Vasculares Cerebrais (AVCs): o primeiro em 2009 e o segundo em 2020. Foi atendido no Hospital Casa de Saúde de Santa Maria e, em uma das vezes, ficou três dias na UTI. *Del* era caminhoneiro, tem o ensino fundamental incompleto e hoje mora com a esposa, que o auxilia nas tarefas diárias, e com vários animais de quem ela cuida voluntariamente. É apaixonado pela cultura gaúcha – em especial pela música, pois tocava acordeom. Acompanha diariamente as notícias pelo rádio e não deixa de estar bem-informado – já que o jornalismo é outra de suas paixões. *Del*, entretanto, sente-se frustrado por não ler e escrever voluntariamente. As sequelas pós-traumáticas comprometeram o equilíbrio, a capacidade de locomoção e a fala desse sujeito, marcada por perseverações, antecipações e autocorrekções. *Del* foi diagnosticado com afasia de condução, que tem como característica parafasias fonêmicas, verbais e semânticas. Apresenta anomias durante a conversação, sendo seu discurso truncado, com autocorrekções e hesitações. Ainda, observa-se características como disprosódia, erros articulatórios e linguagem perseverativa. Quanto à escrita, caracteriza-se pela rasura e pela refacção, pois *Del* procura reescrever seu texto, o qual frequentemente critica. *Del* é capaz de ler, ainda que sua leitura seja truncada e que, por vezes, confunda palavras. A concentração e a memória, porém, estão preservadas. Sua rotina concentra-se em acompanhar o noticiário pelo jornal e pela TV e fazer caminhadas sempre que possível, já que as dores causadas por uma hérnia inguinal o impedem de percorrer longas distâncias. Hoje, faz tratamentos fonoaudiológicos e fisioterápicos, além de ser acompanhado por médicos cardiologistas e terapeutas ocupacionais. *Del* diz que o

---

prontuário do SAF e nos deparamos com o registro de disfagia orgânica, excluindo, portanto, qualquer possibilidade de participação desses fatos enunciativos como *corpus* desta pesquisa. No entanto, registramos que o material coletado nas oficinas inspirou o artigo *Traçado gráfico, disgrafia e subjetividade: observações sobre a enunciação escrita*, publicado em março de 2023, pela editora Fênix, no livro *Memória e Linguagem: estudos interdisciplinares*, organizado por Silvana Silva e Bruna de Oliveira Bortolini.

fato de ter muitos amigos com quem conversar compensa a falta do diálogo frequente com a esposa, que, muitas vezes, não o compreende. Porém, é comunicativo, participativo e um ótimo contador de histórias.

Já *Cr* organiza a rotina por meio da escrita, já que é traída frequentemente pela memória de curto prazo. Em 2009, o carro que dirigia capotou, o que a fez ficar dois meses na UTI com traumatismo craniano. *Cr* foi atendida pelo Hospital de Caridade de Santa Maria. Antes do acidente, era acadêmica de Ciências Contábeis e trabalhava como auxiliar em uma imobiliária local. Hoje mora com o irmão e a mãe, a quem ainda atribui a culpa pelo ocorrido – uma vez que insistiu para que *Cr* a desse uma carona. O diagnóstico de *Cr* registra alterações cognitivas de memória associado à disartrofonía - alterações fonoarticulatórias resultantes de lesões cerebrais. As sequelas pós-lesão comprometeram sua memória antiga (amnésia retrógrada) e recente (amnésia anterógrada), seu equilíbrio e sua fala, que inclui pausas longas, lapsos, lentificação, agramatismos, estereotípias, reduções e discretas circunlocuções. Embora *Cr* leia e escreva com facilidade, ambas as habilidades são vagarosas e sua escrita, breve, frequentemente apresenta refações. Contudo, a linguagem gestual e a concentração estão preservadas. É independente para tarefas básicas e diárias, é acompanhada por um neurologista e, além da escritura de seu diário, tem como *hobby* o pilates, o qual frequenta duas vezes na semana. *Cr* sente-se perturbada pela falta de memória, mas se considera persistente, focada e muito otimista. Perseverante, abraça todos os desafios que considera favoráveis a seu desenvolvimento. Hoje aposentada, *Cr* dedica-se a trabalhos artesanais e investe em caminhadas habituais, que contribuem para a melhora de seu quadro clínico.

Por apresentarem características bastante diferentes, era preciso enredá-los à proposta desde o primeiro instante – o que não foi tarefa fácil, já que certa relutância em relação à escrita somava-se às consequências de uma pandemia que impossibilitou o contato próximo, fazendo com que pouco soubéssemos sobre cada um deles. Resolvi, então, apostar em um tema inicial para o primeiro dia com *Cr*: horóscopo (anexo D). As características trazidas pelo texto lido em voz alta permitiram conhecer um pouco mais sobre ela sempre que assentia ou discordava de algum ponto em questão. Pude questionar sobre temperamento, personalidade, preferências, qualidades e defeitos que ajudariam a traçar as atividades das próximas semanas. Quanto a *Del*, tive a oportunidade de ouvi-lo com mais frequência nos encontros do GIC e, por isso, saber quais os temas de seu agrado. Os temas foram

organizados em pequenas cartas e, como num jogo da memória, virei para baixo as imagens correspondentes a eles. Na medida em que *Del* retirava uma carta, contava sobre sua relação com o tema escolhido. Pude, desse modo, observar sua reação frente ao assunto abordado, o que também ajudou a delinear as atividades futuras.

Parte da coleta dos dados a que nos propomos foi feita nessas oficinas de escrita, pensadas e ministradas por esta pesquisadora. Delas foram coletados registros escritos produzidos a partir das reflexões dos sujeitos com afasia sobre os temas levantados.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

#### 3.3.1 Análise enunciativa de registros escritos e orais (gestuais)

Para a análise do uso de dêiticos na oralidade e na escrita de sujeitos com afasia, nosso *corpus* foi constituído pela produção de 12 registros escritos e dois audiovisuais (vídeos), respectivamente, resultados das oficinas de escrita e de situações enunciativas no GIC. A esses registros chamaremos *atos enunciativos*, pois, em conformidade com Flores e Nunes (2017), qualquer *dado* passa a ser *fato* quando tomado como objeto de análise em função de sua singularidade, por estar contido em uma enunciação subjetiva e irrepetível, e, também, por ser definido por um sujeito pesquisador que determinará o direcionamento de sua investigação.

Considerando que enunciados não contemplam os *atos enunciativos*, esses atos transformam-se em *atos* sempre que o pesquisador os coloca em seu universo de pesquisa em enunciação. De acordo com os autores, “o fato seria equivalente, no caso de distúrbios de linguagem, às trocas languageiras ocorridas em determinada sessão” (NUNES, FLORES, 2017, p.8). Portanto, para a análise das transcrições relativas à oralidade de *Del* e *Cr*, e das produções referentes às oficinas de escrita, associaremos a noção de *fato enunciativo* às enunciações resultantes das interlocuções entre esses sujeitos e esta pesquisadora, referenciada como “parceiro enunciativo (Pe)”. Em relação à oralidade, consideramos o *diálogo* como unidade de análise, uma vez que as transcrições correspondem à interação entre o sujeito e seu parceiro enunciativo. Desses fatos enunciativos, que surgem do contexto de uma *situação enunciativa*, serão selecionados os indicadores de pessoa e elementos de ostensão espaço-temporais que integram a noção de *déixis*. Para Benveniste, a

*situação de discurso*, conforme o Dicionário de Linguística da Comunicação (2009, p.218), instaura a interlocução e as coordenadas de pessoa, espaço e tempo contemporâneos da enunciação. Salientamos que a perspectiva enunciativa a que nos associamos não considera a noção de *dados*, pois esses têm caráter fixo, levando à ideia de exatidão e supondo resultados universais - o que não interessa aos fenômenos da linguagem considerados nos estudos da enunciação.

Ao considerarmos a enunciação como ato irrepitível, da ordem do singular, “[...] cabe dizer que a transcrição é um ato de enunciação que carrega as marcas daquele que enuncia” (FLORES *et al.*, 2008, p. 42). De suma importância para o registro e a análise da fala de cada sujeito participante da pesquisa, as gravações foram feitas em reuniões do GIC e o material foi coletado por dispositivos eletrônicos portáteis (como celulares e câmeras), próprios dessa pesquisadora, para que as transcrições pudessem ser feitas. Ao todo, foram registrados dois encontros, em que os participantes socializaram ao restante do Grupo as temáticas trabalhadas em cada oficina de escrita.

Em tempo, é importante frisar que, para fins de observação de dêiticos, a transcrição é um recurso útil e necessário à pesquisa, mas se trata de uma enunciação que se baseia em outra enunciação, já que não é capaz de registrar tudo aquilo que envolve o momento do ato enunciativo e que faz dele único (FLORES *et al.*, 2008). Nesse sentido, a seguir, registramos o quadro modelo utilizado no Banco de Dados de Linguagem nas Afasias da UFSM que permite visualizar e identificar o esquema das descrições dos fatos enunciativos selecionados para análise, como exemplificamos a seguir:

Quadro 1 - Situação enunciativa, diálogo 2: curiosidades sobre gatos (recorte, anexo G)

(continua)

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Cr	( ) eu contei pra todos... eu tenho dois gatos... eu tinha três... mas um infelizmente faleceu e agora eu tenho dois... que até dormi comigo eles dormem... dormem no meu pé...	Afirmativa Explicativa  Explicativa em tom alegre	Gesto com a mão direita apontando para o pé direito, que levanta Escolhe este envelope em silêncio. Após a fala, faz menção de escolher o próximo envelope

(conclusão)

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
02	Pe	Tu lembra Cr como a gente fez esse encontro?... Tu lembra sobre o que foi?	Interrogativa	
03	Cr	Não...	Afirmativa	Expressão de estranheza. Leva a mão por dentro da gola da blusa.
04	Pe	A gente trabalho sobre gatos... aí eu levei um vídeo pra ela sobre curiosidades a respeito de gatos... tinham algumas que a Cr não sabia e aí eu coloquei nessa lista aí quais são as curiosidades trazidas no vídeo... e eu lembro que uma que a Cr me disse que não sabia... né Cr... era por que que eles comiam plantas... lembra que tu me falo?	Explicativa Afirmativa Interpelativa Interrogativa	
05	Cr	E outra coisa é por que se lambiam... ( ) <b>eu descobri</b> que é limpeza, como eles não tomam banho... ( ) é limpeza, limpeza própria... tomam banho pra se limpa...	Afirmativa	Em grande parte, tem as duas mãos entrelaçadas sobre o colo. Separa as mãos e gesticula com a mão esquerda, balançando.

Fonte: Produzido por esta pesquisadora.

Para melhor visualização, foram destacados, nas situações enunciativas de Del e Cr (anexos G e H), dêiticos referentes à pessoa, ao tempo e ao espaço. Os dêiticos referentes à pessoa (eu-tu) estão grifados em **vermelho**; os dêiticos relativos ao tempo estão destacados em **verde** e os dêiticos que dizem respeito ao espaço estão sinalizados com a cor **azul**. Para a transcrição do material gravado adotamos, também, algumas marcações específicas trazidas por Luiz Antônio Marcuschi na obra *Análise da Conversação* (1986), que se tornou um referencial no estudo da oralidade. Tais marcações são utilizadas na tentativa de aproximar o material transcrito da real situação enunciativa. Elegemos, então, em conformidade com o Banco de Dados de Linguagem nas Afásias, os seguintes sinais:

- I) ( ) para incompreensão de palavras ou segmentos;
- II) (hipótese) para hipótese do que foi ouvido;
- III) ::: para prolongamento de vogal ou consoante;
- IV) ? para interrogação;
- V) ... para qualquer pausa;
- VI) (...) para indicação de que a fala foi retomada ou interrompida em determinado ponto;
- VII) “ ” para citações literais citadas durante a gravação.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS SOBRE A PESQUISA

Quanto à legitimidade da participação de sujeitos nesta pesquisa, os integrantes do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC) – incluem-se aqueles que se propuserem a participar voluntariamente das oficinas de escrita – assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - anexo B) em que constam as condições de realização da pesquisa e de participação do voluntário, já que o registro dos encontros em material audiovisual e parcialmente transcritos, assim como as produções textuais, possibilitam as análises de que depende esta pesquisa. Os sujeitos apresentaram condições para compreender as questões abordadas pelo Termo e lidas por esta pesquisadora, responsável por aplicar o documento.

As informações contidas no material coletado têm caráter confidencial e poderão ser divulgadas em publicações ou eventos sem a identificação do voluntário, garantido sigilo sobre sua participação na pesquisa. Os participantes voluntários tiveram acesso a todas as informações necessárias sobre a pesquisa e receberam a segunda via do TCLE.

As informações obtidas sobre cada sujeito participante foram adquiridas com prontuário de cada participante, junto ao SAF, e a partir da adaptação, por esta pesquisadora e por uma terapeuta ocupacional, da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), que registra, organiza e descreve informações sobre diferentes quadros clínicos e estados de saúde. Para a aplicação da CIF, foi necessário o acompanhamento de profissionais como psicólogos e terapeutas ocupacionais, responsáveis pelo levantamento adequado dos dados.

Essa pesquisa foi cadastrada no GAPCAL da UFSM, sob o número 058278, e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa CAAE: 64650722.8.0000.5346, sob o parecer número 5.746.976.

## 4 RESULTADOS

Inicialmente, vale lembrar que a proposta desta pesquisa busca responder à questão do uso de dêiticos na oralidade e na escrita de sujeitos com afasia, considerando, conforme já explicitado, a tipologia proposta por Jakobson. Isso posto, este capítulo é destinado à apresentação dos resultados relativos à manifestação dos dêiticos nos fatos enunciativos orais e escritos. Tais colocações permitirão *discussões* que serão realizadas no próximo capítulo desta dissertação.

### 4.1 RESULTADOS ACERCA DOS FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS (GESTUAIS)

Quanto aos registros orais, obtivemos como resultado nove situações enunciativas, sendo três delas referentes a Del (anexo G) e seis referentes a Cr (anexo H). Conforme já registramos, no capítulo anterior, essa assimetria deve-se à escolha dos participantes da pesquisa.

O comportamento lacônico de Cr fez com que fossem exploradas as seis atividades do envelope, no intuito de impulsionar lembranças e expandir o tempo das narrativas. Del, ao contrário, é bastante eloquente, mas sua fala comprometida, muitas vezes, é incompreensível em função das dificuldades, que fazem com que Del se sinta cansado e, por vezes, aborrecido. Isso fez com que desenvolvêssemos somente três das seis atividades relativas às oficinas de escrita – sendo as três atividades referentes aos temas preferidos de Del. Sendo assim, foram eleitas seis situações enunciativas referentes à Cr (anexo H) e três situações enunciativas referentes a Del (anexo G).

Podemos entender que, quanto à oralidade, *Del* tem sua fala caracterizada pelo uso recorrente de dêiticos espaciais, fazendo uso frequente de gestos. Em sua fala, o “eu” aparece, reiteradas vezes, implícito no verbo. Por sua vez, *Cr* apresenta uma propensão ao uso explícito do “eu” na oralidade, em que praticamente inexistem marcadores de espaço. Sua fala é acompanhada por alguns gestos pontuais.

Observamos que há recorrência do uso do pronome pessoal “eu”, em enunciações orais que se caracterizam como distúrbios no eixo das seleções ou substituições. Nesse distúrbio, definido por Jakobson como Distúrbio de similaridade, há a necessidade de um suporte na categoria de primeira pessoa e essa marcação explícita demonstra a necessidade de se pôr no discurso e legitimar um lugar de fala,



como podemos perceber nas descrições das enunciações orais de Cr, ilustradas no recorte enunciativo de Cr (anexo H), quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Situação enunciativa, diálogo 1: horóscopo. Exemplo do emprego do pronome “eu”  
(recorte, anexo H)

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
06	Cr	( ) eu so completamente o contrário... tanto que na chuarada eu tiro tudo da tomada pra não estraga, porque senão o curto-circuito... O gasto é maior né? então é tudo controlado... Bom as contas eu pago tudo na data certa... tudo no meu diário... eu aproveito o diário que eu tenho pra escreve quando vence isso quando vence aquilo pra não te nada de:::(...)	Afirmativa Interrogativa Afirmativa	Gesto de puxar algo da parede  Movimento de “explosão”, abrindo com as mãos  Movimenta duas vezes a mão direita, como se apontasse para dois lugares diferentes

Fonte: Produzido por esta pesquisadora.

Cr não só se marca discursivamente por meio do pronome *eu*, mas também pelo uso frequente de gestos que, muitas vezes, assumem a posição de palavras. A exemplo do recorte acima, o termo ausente é substituído pelo gesto que simula uma explosão. Ainda que não possamos afirmar se Cr foi impedida de acessar a palavra adequada, ou se preferiu evitar termos de carga negativa, sabemos que o gesto, nessa situação, serve como complementaridade ao que foi dito, possibilitando o entendimento daqueles que a ouviam. Entendemos, então, que a gestualidade desse sujeito pode ser colocada em um patamar linguístico por expressar, com eficiência, o que poderia ser colocado em palavras:

Figura 2 - Coleta de fatos enunciativos orais: ao falar de finanças, Cr gesticula em referência ao curto-circuito



Fonte: Arquivo audiovisual desta pesquisadora.

Já no recorte enunciativo de Del (anexo G), observamos a recorrência do emprego do “eu” implícito no verbo e, principalmente, a incidência de dêiticos espaciais. Conforme o Distúrbio de Contiguidade, descrito por Jakobson, ocorre a dificuldade de Del em construir proposições; então, sendo o contexto imprescindível, os dêiticos de espaço funcionam, aqui, como a retomada da memória de um sujeito que conta sua história ao apontar, e que assim, encontra nesses dêiticos um aporte para a compreensão de seu dizer:

Quadro 3 - Situação enunciativa, diálogo 1: ilustrações diversas. Exemplo do emprego de dêiticos espaciais (recorte, anexo G)

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
69	Del	Sei tudo... tudo tudo... aqui até lá em cima... até em cima eu fui... ali... ali em cima quando ( ) também... aqui foi... aqui lá em cima... sei tudo tudo tudo...	Afirmativa	Levanta a figura de um mapa e mostra para o grupo. Enquanto fala, traça a imagem com o dedo indicador da mão direita. Com a esquerda, mostra a figura ao P.e

Fonte: Produzido por esta pesquisadora.

Diferente do comportamento enunciativo de Cr, em que a gestualidade opera em um nível de suporte ao linguístico, observamos que, com Del, os gestos têm sua função direcionada ao amparo desse sujeito a cada tentativa de mostrar, de alguma forma, o que pode ser verbalizado parcialmente e, em meio a um discurso truncado, com frases reduzidas a palavras ancoradas no contexto (aqui, lá em cima, ali etc.):

Figura 3 - Coleta de fatos enunciativos orais. Del ao apontar, na figura de um mapa, os lugares por onde passou



Fonte: Arquivo audiovisual desta pesquisadora.

#### 4.2 RESULTADOS ACERCA DOS FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS

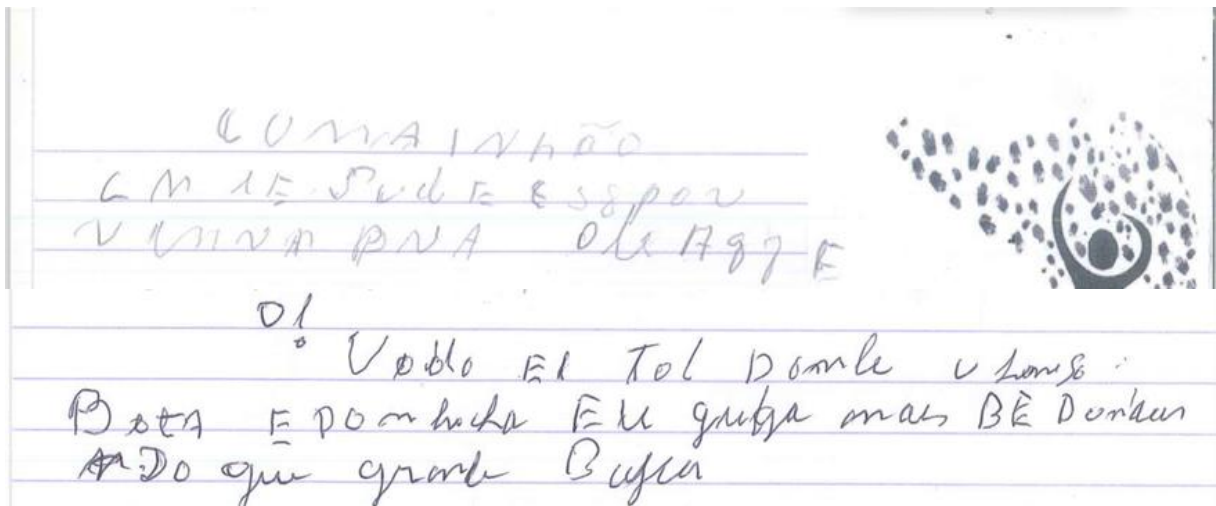
Conforme já explicitamos, os sujeitos desta pesquisa (Del e Cr) produziram registros escritos durante oficinas individuais, tendo como produto seis registros de cada participante, resultando em 12 situações enunciativas escritas (anexos E e F).

Avesso à escrita, Del (anexo E) resiste ao máximo “encarar” o papel e a caneta. Em função disso, sua escrita é concisa e se reduz, no máximo, a três linhas. Del tem dificuldade em começar seu texto; o “empurrão”, por vezes, foi dado por esta pesquisadora, responsável pela vocalização de fonemas que ajudaram Del a resgatar, na memória, o traçado de algumas letras, auxiliando-o na confecção de seu texto.

Os fatos enunciativos relativos à escrita de Del compuseram-se, em sua maioria, de tentativas de escrita que resultaram em frases praticamente ilegíveis, ainda que houvesse a ocorrência de letras bem definidas (como “P”, “O” e “B”) e palavras passíveis de serem compreendidas (como “EU”, “BOTA” e “CAFÉ”).

Contudo, é no “antagonismo” percebido entre os fatos orais e escritos produzidos por esse sujeito que a peculiaridade tem seu espaço: na oralidade, há número significativo de marcadores dêiticos espaciais - elementos que inexistem em sua escrita. Quanto ao emprego da primeira pessoa (eu) na escrita, encontramos registros explícitos (três), que entendemos, devido ao número de produções de Del, serem relevantes, já que em sua fala, embora apareça esse pronome, em sua maioria a pessoa evidenciase pelo verbo. Não menos importante, os substantivos (café, bota, bombacha, etc) são representativos do estado emocional de Del e estão fortemente ligados às suas memórias, ainda que não se incluam na categoria de *dêixis*:

Figura 4 - Enunciações escritas de Del sobre os temas “cartas” e “indumentárias” - primeira e terceira oficina de escrita, respectivamente (recorte, anexo E)



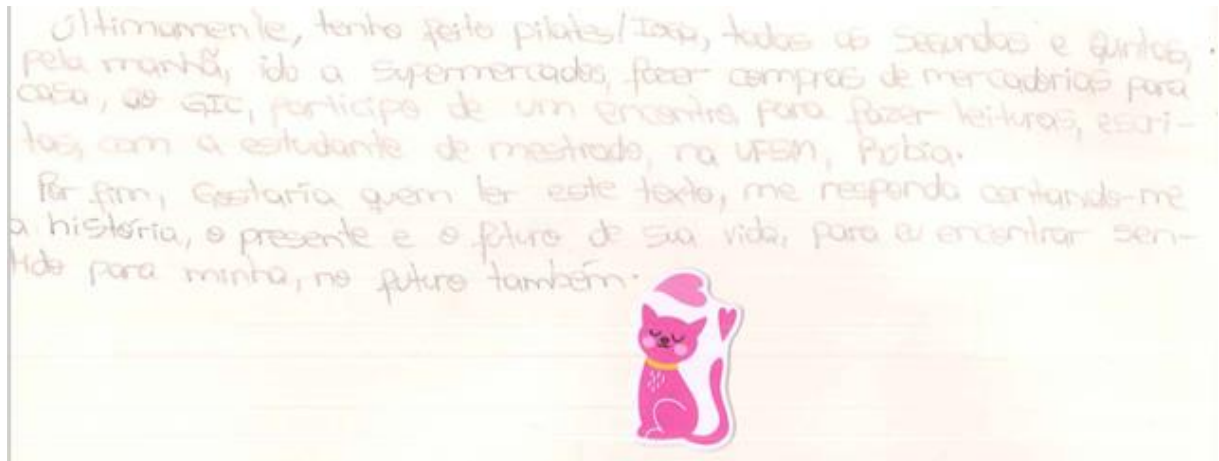
Fonte: Material coletado nas oficinas de escrita e arquivado por esta pesquisadora.

Não diferente, as situações enunciativas escritas de Cr também são enxutas e se resumem a poucas linhas - ora pela impossibilidade de transferir para o papel suas ideias em completude, ora pelo cuidado que demonstra ter com sua escrita, o que a leva à exaustão e, também, a certos “requintes”, como o uso de termos não usuais na fala. Essa busca pelo aperfeiçoamento pode justificar o uso equilibrado da primeira pessoa que, diferente do uso abundante na oralidade, aparece equiparado entre marcações explícitas e subentendidas pelos verbos. Os dêiticos espaciais, como na fala, pouco aparecem em seu texto, e o tempo - ainda que marcado por um considerável número de advérbios - mostra-se, em relevo, sob a forma verbal.

A forma sucinta como se apresenta, em geral, a escrita de Cr, deve-se não só a seu comportamento discreto, mas ao trabalho solitário da escrita que implica em

outro modo de interlocução. Cr, nos encontros do GIC, desenvolve a comunicação com mais facilidade por ocasião da fala:

Figura 5 - Enunciação escrita de Cr: parte da carta redigida na última oficina de escrita (recorte, anexo F)



Fonte: Material coletado nas oficinas de escrita e arquivado por esta pesquisadora.

Reiteramos que os resultados aqui apresentados são registros que sintetizam os fatos enunciativos escritos e orais (gestuais), disponíveis em completude nos anexos E, F, G e H. Tais fatos enunciativos terão seus aspectos detalhados e analisados no capítulo “discussões”, a seguir.

## 5 DISCUSSÕES

Neste capítulo, traremos à reflexão os fatos enunciativos escritos e orais (gestuais) produzidos pelos sujeitos participantes da pesquisa, discutindo aspectos relacionados ao emprego dos dêiticos e ao lugar que eles ocupam nas enunciações com base nos diferentes tipos de afasia na perspectiva de Jakobson.

O capítulo está estruturado em cinco seções. A primeira (5.1) e a segunda (5.2) abordam os fatos enunciativos escritos e orais, respectivamente, produzidos por Del. A terceira (5.3) e a quarta (5.4) apresentam a reflexão sobre os fatos enunciativos escritos e orais produzidos por Cr. Por fim, na última seção (5.5), são inter-relacionadas as afasias na tipologia jakobsoniana e os dêiticos na acepção enunciativa benvenistiana.

### 5.1 A DÊIXIS E OS FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS DE DEL

Para a atividade proposta na primeira oficina de escrita (anexo C - Oficinas de Escrita - DEL), foram espalhadas, em uma mesa, cartas com imagens referentes aos temas de que Del era entusiasta. A CIF e os encontros no GIC forneceram os temas registrados por imagens nas referidas cartas. Todas as cartas estavam com a face neutra voltada para cima, e era solicitado a Del que contasse um pouco de suas experiências a cada carta virada e sua relação com as imagens que surgiam. Ao final da dinâmica, Del deveria passar para o papel uma de suas histórias – a que mais chamou a atenção desta pesquisadora. A carta escolhida foi “caminhão”, veículo ligado à profissão da qual Del sente muita saudade e sobre a qual sua fala sempre foi carregada de muita emoção. Em seu pequeno texto, de três linhas (anexo E - Fatos Enunciativos Escritos - DEL), observamos que a única palavra compreensível é a mesma que dá nome a imagem da carta, ainda que escrita com desvios gramaticais: “CUMAINHÃO”. O restante de sua escrita é marcado pelo traço claro de algumas letras, mas que não chegam a formar palavras ou frases legíveis.

No segundo encontro, frases populares de para-choque (reflexivas e engraçadas) foram levadas em pequenas tiras de papel, também dispostas em uma mesa. Del escolhia e fazia a leitura de cada uma delas, sempre dentro de seus limites e com ajuda desta pesquisadora quando necessário. Foi pedido a Del para que as interpretasse e o conteúdo de cada frase rendia reflexões e boas histórias de ambas

as partes. Foi proposto a Del, então, que escrevesse sobre a frase que gostaria de levar no para-choque de seu caminhão e justificasse o porquê: das três palavras que formaram seu texto, subentendemos uma – ELAS. Não há, aparentemente, marcações de pessoa, espaço e tempo, somente “BUM(I)U” e “NOLIBAS”. Del afirmou nunca ter gostado de frases de para-choque.

Na terceira oficina de escrita, Del reconheceu, em figuras, algumas peças de nossa indumentária gaúcha (como chapéu, poncho e boleadeiras) citadas na música *Guri*, de César Passarinho. Foi pedido que ele desse nome às imagens, sempre que possível, e exteriorizasse as memórias despertadas por cada uma delas. Como atividade, Del deveria escrever para um amigo distante sobre peculiaridades do Estado, mas a proposta custou à memória: percebendo a dificuldade em lembrar de algo, sugeri, então, que Del contasse sobre as indumentárias usadas por ele e em que contexto. Não demorou para que viessem recordações sobre os bailes que frequentava como gaitero e dançador, e assim, começou sua carta: “P/ FABIOLA”, instaurando, explicitamente, o “tu” a quem propõe uma saudação. Depois de um possível cumprimento (OI), algumas palavras se ensaiam, no meio das quais localizamos a expressão “BOTA E BOMBACHA” e o pronome pessoal “EU”.

Dando sequência à temática regionalista, nosso quarto encontro foi pautado pela música “Saudade da minha terra”, do cantor e compositor Wilson Paim. Nela, encontramos passagens que ilustram a vivência do homem do campo, como tomar chimarrão e comer frutas silvestres. Relacionamos algumas delas à vida de Del, que recordou o tempo em que morava na zona rural. Combinamos que suas experiências deveriam ser escritas e endereçadas a seu bisneto – por ser, certamente, um desconhecedor dessa realidade. Este fato enunciativo começa por uma clara oração, ainda que incompleta, que diz: “EU LEVANTAVA CEDO CAFE”, seguida por “E ELA”. O que segue não difere das produções anteriores: palavras incompreensíveis, ou passíveis de dedução.

Na quinta oficina de escrita, foram lidas algumas das lendas mais conhecidas do Rio Grande do Sul, entre elas, M’boitatá e a Lenda da erva-mate. Alternávamos a leitura, respeitando o ritmo de Del e o auxiliando sempre que necessário. Entre uma lenda e outra, trocávamos “figurinhas” sobre nossas crenças e costumes, até que a proposta do dia surge: escrever ao Negrinho do Pastoreio, fazendo um pedido: “O GRANDU POZ”. Del, que demonstrou frustração ao não conseguir pensar em nada, enfim desejou que o mundo tivesse paz.

Em nosso último encontro, apresentei a Del a adaptação do clássico “Cinderela”: nossa princesa, vestida de prenda, chamava-se “Prendarella” e morava nos pagos do Reino Grande do Sul – uma proposta da Editora Gaúcha para perpetuar nossas tradições, passando-as adiante em forma de contos de fada. Na história, em que Prendarella encontra seu “gaúcho” encantado no baile de CTG, havia muitos outros elementos relacionados aos costumes do sul, sobre os quais conversamos, e termos específicos do linguajar gauchesco que nos desafiámos a traduzir. A proposta final consistia em escrever para a editora, sugerindo a escrita de um livro infantil baseado em algum momento marcante da vida de Del. Novamente, “EU” abre a frase – e essa marcação de pessoa é o único elemento inteligível de seu último texto.

Del apresenta os dois distúrbios classificados por Jakobson: de Similaridade e Contiguidade - ainda que este último seja mais acentuado e, portanto, dê mais subsídio a esta pesquisa. Em função do Distúrbio de Similaridade, Del não é capaz de selecionar, espontaneamente, determinadas palavras e dar início à escrita ou a conversações. Trata-se de uma relação interna afetada em que permanecem intactas relações de contexto – em que o sujeito é capaz de completar ou de dar sequência. Del sofreu dois AVCs, sendo o segundo o mais severo e responsável por comprometer definitivamente suas habilidades com a escrita. Somado a isso, a relação contextual aparece mantida em situações de fala, em que o sujeito facilmente interage num fluxo contínuo de troca de mensagens, o que não acontece no papel. Além de estar incapacitado de acessar e combinar palavras para desencadear sua escrita, Del está limitado por seu contexto “artificial”: é preciso imaginar não só um interlocutor, mas o próprio conteúdo da mensagem a ser codificada, ocasionando, neste caso, um afastamento definitivo desse sistema de representação da linguagem.

Se observamos com atenção, a categoria de pessoa (EU) aparece em fatos enunciativos que exprimem a vontade de Del em manifestar sua história: a terceira e a quarta atividade propunham revisitar seu passado nos salões de baile e no campo; a última, contar sobre uma passagem memorável de sua vida. É visível que ali existe um sujeito identificado com a proposta, que deseja inscrever-se no discurso para falar de si, ainda que sucumba às limitações impostas. Na segunda atividade, Del deixa claro que nunca aderiu o uso de frases no para-choque por não gostar, o que causa um afastamento do sujeito em relação ao contexto e, conseqüentemente, à escrita. Na quinta proposta, o desejo de Del é genérico – a paz ao mundo, não a alguém específico, o que faz com que, novamente, o sujeito se distancie do que é solicitado.



Na primeira atividade proposta, a palavra “cumainhão” é a primeira que aparece. Se olharmos em outros fatos enunciativos, salta aos olhos a clareza com que são escritos outros substantivos, comuns como “bota”, “bombacha”, “café”, e próprios, como “Fabiola”. É possível sugerir que a escrita de Del está diretamente ligada e é desencadeada por aspectos emocionais, uma vez que todos eles integram um mesmo “campo semântico”: estão diretamente associados à vida pregressa de Del, marcada por momentos inesquecíveis e dos quais ainda sente muita falta, como da profissão de caminhoneiro, das viagens, dos bailes em que tocava acordeom, da amiga “Fabíola” – profissional da área da saúde por quem nutre muito carinho e dos dias em que os limites eram outros.

Sobre as letras/palavras que aparecem “soltas” em suas produções textuais, Del emprega a elas sentido, o que permite a ele enunciar e marcar-se no discurso por meio de fragmentos linguísticos que carregam uma ideia completa. Esses registros podem ser associados à hipótese de Jakobson popularmente conhecida como *hipótese do espelho invertido*, que coloca em relação aspectos linguísticos relacionados à aquisição da linguagem e à dissolução da linguagem em afasia. Jakobson argumenta que a criança, no período de balbúcio (fase pré-linguística caracterizada pela produção de sons pouco articulados e sem significação), é livre para produzir uma ampla série de articulações sonoras até chegar ao processo de aquisição da linguagem, em que essa criança tem suas possibilidades articulatórias limitadas àquilo que se distingue na língua por seu valor. Isso acontece pela diferenciação, feita pela criança, entre oposições fonológicas que tornam possíveis as unidades que formam o sistema linguístico.

Na linguagem em dissolução, entretanto, a distinção entre essas oposições fonológicas está comprometida. Um sujeito com afasia é capaz de reproduzir sons, mas não reconhece o valor do fonema na língua; como a criança, esse sujeito acaba regressando aos sons que caracterizam a fase do balbúcio. Essa desordem, que afeta o reconhecimento e a combinação de fonemas e limita, conseqüentemente, a produção de palavras, implica na compreensão e na expressão que recai, também, sobre a escrita, conforme evidencia-se na escrita de Del.

Quanto ao espaço e o tempo na enunciação, observamos que marcadores espaço-temporais não são comumente registrados na escrita de Del pela imposição de lesões cerebrais e, conseqüentemente, dos distúrbios de linguagem que o impossibilitam de, não só acessar palavras, mas de encadear ideias dependentes de

um eficaz aparato de linguagem. Talvez existissem outras ocorrências explícitas de “eu”, se o mais importante não tivesse por foco a intersubjetividade: há sujeito naquilo que, embora enunciado, não possa ser dito na completude da língua – e talvez a urgência de Del seja marcar-se subjetivamente na língua, buscando o discurso em sua plenitude (o *tu*).

## 5.2 A DÊIXIS E OS FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS (GESTUAIS) DE DEL

No diálogo da primeira situação enunciativa: ilustrações diversas (anexo G - Fatos Enunciativos Oraís - DEL), é retomada a primeira atividade desenvolvida nas oficinas de escrita, em que Del relacionou aspectos de sua vida às imagens apresentadas por esta pesquisadora (detalhes no item 5.1). Neste quadro, observamos o fato enunciativo número seis – primeiro a aparecer marcadores temporais: há uma tentativa de explicar, para o parceiro enunciativo (Pe), em que consistia a primeira figura (clave de sol) do monte que lhe foi entregue. Del examina-a e, ao mostrá-la ao Pe, diz: “*isso aqui* é do:::.... da:::....”. No fato enunciativo número oito, Del examina as figuras que têm em mãos e, ao escolher uma, mostra-a a seu Pe e pergunta se aquela (acordeom) pode ser a próxima: “*tá aqui ó... essa aqui?*”.

No fato enunciativo número 38, Del escolhe mais uma imagem da pilha entregue pelo Pe. Ao se referir à ilustração de uma mala, diz: “[...] *isso aqui* é uma mamamama... tudo dentro *aqui*... tudo dentro” e, com uma das mãos, empurra algo para baixo como quem ajusta uma pilha de roupas. Em seguida, no fato de número 44, o Pe de Del mostra a ele a imagem de um rádio e pergunta o que é, no que Del responde: “*Esse é o rádio*”. Ele explica que até hoje tem por hábito escutá-lo e, ao bater com a mão na orelha repetidas vezes, afirma: “[...] até hoje *aqui ó*” (fato enunciativo 46).

Para mostrar ao grupo a figura do fato enunciativo 53, Del se levanta e afirma: “*esse aqui* é um PÁ”. Seu Pe, então, pergunta sobre o tempo em que plantava e ele responde, no fato enunciativo 55: “[...] coisa de louco... *isso aqui*”, enquanto faz gesto de usar o instrumento com as duas mãos. Na figura seguinte (fato enunciativo 59), é exibida uma família; Del, ao encará-la com certa estranheza, faz sua tentativa: “*Isso aqui* é... fi:::.... fa:::.... filha... veio... filho...”. Perguntado sobre sua família, ele responde: “[...] *aqui* tudo os filho”, enquanto levanta dois dedos da mão direita ao falar sobre os três netos, no fato enunciativo 63.

O último desenho também é mostrado ao grupo por Del, que fica em pé: “só essa *aqui ó*” (fato enunciativo 67). Seu Pe pede a ele para que defina a imagem, ao que Del responde, no fato de número 69: “sei tudo... tudo tudo... *aqui até lá* em cima... até em cima eu fui... *ali... ali* em cima quando ( ) também... *aqui* foi... *aqui lá* em cima... sei tudo tudo tudo”. Enquanto falava, Del traçava a imagem com o dedo indicador, como se desenhasse um itinerário.

Diferente de Cr (item 5.4, a seguir), que coloca a gestualidade no lugar da palavra, portanto, no verbal, Del recorre à gestualidade para amparar seu dizer. Ao demonstrar o modo como geralmente arrumamos uma mala, empurrando roupas para que se ajustem ao espaço, não houve pretensão de fazer com que o gesto ocupasse o lugar da palavra, mas sim, de que esse gesto suprisse a falta de um termo específico ao aproximá-lo da ação diretamente ligada ao objeto. Quanto ao rádio, Del reforça o hábito de escutá-lo ao bater com a mão em uma das orelhas; o gesto é complementar em relação ao que foi dito e tem em si sentido completo na enunciação, uma vez que facilmente o interpretamos a partir da situação proposta (consideramos, contudo, que o gesto possa ter sido empregado na falta de condições para elaborar uma proposição que melhor lhe atendesse). A representação, ainda que errante, do número de netos, é outra maneira de reforçar quantitativamente sua fala.

Ao falar da pá, Del faz menção de revolver a terra com as duas mãos, como quem utiliza o instrumento. Esse gesto é colocado no lugar deixado por algum termo inacessível, como “cavar”, ou por alguma uma ideia aproximada, como a dificuldade com o trabalho braçal ou as agruras da lida no campo, por exemplo. Essa carga semântica “negativa” justifica-se pela expressão “coisa de louco”. A gestualidade, portanto agrega-se acentuadamente à enunciação, pois em uma situação específica – como a da linguagem em distúrbio –, ocupa-se daquilo que não pôde ser acessado, servindo como suporte a serviço da intersubjetividade.

Del, ao traçar a imagem de um mapa, o faz com a mesma intenção com que aponta para a figura da família: em ambos os casos, o gesto localiza, nas ilustrações, o que, em vão, é desejado dizer. Esse “apontar”, na materialidade do papel, apoia-se nos marcadores de espaço, que indicam, por sua vez, os lugares por onde Del passou e os membros de sua família que se assemelham aos representados pelo desenho em questão. Esse apontamento não só indica, mas também preenche o espaço deixado pelas palavras incompletas, já que essas imagens “dizem” o que não é possível ser verbalizado.

Para que a gestualidade integre a enunciação, faz-se indispensável o emprego de dêiticos espaciais, dos quais os gestos, no caso de Del, dependem diretamente. O emprego desses marcadores está necessariamente ligado à situação enunciativa e aos textos e imagens utilizados, como recurso, por esta pesquisadora, nos quais Del pôde “localizar” sua fala e, assim, apropriar-se da língua – à sua maneira e dentro de seus limites – para produzir enunciados. Assim como a enunciação, na escrita, tem seu sentido contido em letras e palavras isoladas (ver item 5.1), na oralidade ela está calcada nos indicadores de espaço, que situam o sujeito e o colocam em relação com seu dizer.

O mesmo acontece no diálogo seguinte – situação enunciativa: lendas gauchescas (anexo G - Fatos Enunciativos Orais - DEL), Na ocasião, Del tinha impresso todo o material visto pelo computador na quinta oficina de escrita. No fato enunciativo número dois, Del observa a imagem entregue pelo Pe – na qual continha o título da lenda em questão acompanhado por uma ilustração referente – e tenta ler o que nela está escrito. Ao ser questionado sobre o conteúdo do papel, Del diz: “*isso aqui* num... comé que é...”. O gesto de traçar o título com o dedo denota o esforço em reconhecer palavras que o ajudem a acessar o nome da lenda: Negrinho do Pastoreio. *Isso aqui*, referente à história, aproxima o sujeito, demarcando espaço e possibilitando a enunciação, como acontece no fato enunciativo número 20, em que Del diz “*esse aqui* era o...” ao mostrar ao grupo a Lenda da Erva Mate.

O que encontramos na terceira e última situação dialógica – situação enunciativa: indumentárias (anexo G - Fatos Enunciativos Orais - DEL) não é diferente: ao falarmos em algumas das peças que compõem o traje típico gauchesco, encontramos, no fato enunciativo número nove, “*isso aqui* gaúcho... *isso aqui* gaúcho”. Del mostra, ao grupo, a figura de um homem em suas pilchas e, convicto, diz se tratar de um gaúcho. No fato enunciativo número 17, a imagem de um pala é compartilhada com os demais, sobre a qual Del afirma: “*esse... dois... tenho dois em casa*”. Ao buscar pela palavra “poncho”, no fato enunciativo número 23, Del olha para a figura ao fazer sua tentativa: “*esse aqui* é o... é o otro... comé que é o (nome) dele...”. Quanto à imagem que ilustra um par de botas, Del garante, no fato enunciativo número 27: “*esse eu* tenho...”. Por fim, uma prenda é identificada, por Del, no fato enunciativo número 33: “*essa* é gacha... gacha... gaúcha”.

O discurso disfuncional de Del é caracterizada, prioritariamente, pelo *distúrbio de contiguidade*, em que a deterioração do contexto reflete a impossibilidade de

combinar entidades linguísticas simples em unidades complexas e, assim, construir proposições que não respondem a regras sintáticas da língua. Isso esbarra no *agramatismo*, caracterizado pela dissolução dos vínculos gramaticais de coordenação e subordinação e, então, na desordem de palavras que, muitas vezes, compõem, sozinhas, um enunciado.

A *déixis* espacial, então, serve para Del como uma espécie de “atalho<sup>8</sup>” linguístico que facilita a comunicação de sua mensagem, uma vez que sua condição severa intensifica os esforços feitos na tentativa de se fazer entender. Del apoia-se nesses índices ostensivos, pois o que pretende dizer já está no lugar para onde aponta, por isso funcionam com eficácia na enunciação. Esses elementos dêiticos, junto às marcas temporais, não só se evidenciam no enunciado, mas servem também como sustentação.

Nas três situações enunciativas, Del alterna entre verbos nos tempos presente e passado (tenho/plantei), advérbios (agora/depois) e expressões que cronologicamente marcam o tempo (cinquenta e oito/vinte e cinco anos). Na língua, os tempos verbais são recursos da gramática que organizam ações, situações, estados ou fenômenos no passado, no presente ou no futuro. Diferente é a materialidade enunciativa trazida por Del: tendo como referência o momento em que se enuncia, Del se apropria da língua com verbos que conjuga no presente e no passado (em sua maioria); mesmo utilizando o tempo presente dos verbos, é em seu passado que centraliza sua fala.

No fato enunciativo 18 da primeira situação, Del enuncia: “*agora não posso nada*”, ao dizer que não pode mais tocar acordeom. “Agora” e “posso”, ainda que demarquem o presente, aparecem em relação a um passado que guarda intacta tal habilidade. No fato 46, lemos “até *hoje* aqui ó”, referindo-se ao rádio como seu fiel companheiro. “Até *hoje*” pode ser interpretado como uma extensão de um tempo atravessado pelos dois até chegar aos dias atuais. Nesse mesmo fato, está a expressão “*cinquenta e oito... nós já tinha rádio*”: Del volta ao ano em que o rádio já integrava sua família. No fato 52 da primeira situação enunciativa, Del fala da atitude da esposa em relação a seu hábito de escutar rádio, localizando o passado no

---

<sup>8</sup> Compreendemos pela expressão “atalho” o fato de que Del, ao utilizar a *déixis* espacial, antecipa, por meio dela, a enunciação que pretende proferir, mas que, em função de sua linguagem em dissolução, está fragmentada. Nesse sentido, Del emprega a *déixis* espacial substituindo os elementos linguísticos faltantes.

presente da enunciação: “mas eu *durmo* e ela nem vê... eu *tô dormindo* e ela desliga e vai embora”.

Tais exemplos ilustram o modo como a temporalidade, aliada às marcações espaciais, refletem a subjetividade de quem enuncia e transparecem a preocupação desse sujeito com a compreensão do “tu” que o ouve (intersubjetividade). A *dêixis* de espaço e tempo contrasta com a pouca referência ao emprego do pronome “eu” que enuncia – o pronome pessoal, em forma reta e oblíqua (mim/me), aparece somente 13 vezes em um total de 163 fatos enunciativos. Isso sugere que existe uma preocupação ancorada nas formas de dizer que se coloca à frente da necessidade de marcar explicitamente o “eu”.

### 5.3 A DÊIXIS E OS FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS DE CR

Em oposição à oralidade, em que Cr se marca no discurso pelo emprego demasiado do pronome “eu” (ver item 5.4), encontramos sete registros de “eu” em suas produções escritas. Esse indicativo cumpre o mesmo papel observado em suas enunciações orais: marcar-se na língua, instaurando o “tu”. Na primeira atividade desenvolvida nas oficinas de escrita, conversamos sobre o signo de áries com base em um livro de astrologia (detalhes no anexo D - Oficinas de Escrita - CR). Então, foi pedido a Cr para que escrevesse sobre as características com as quais estava em desacordo, o que resultou no seguinte fato enunciativo escrito: “*eu* não concordo com o que a autora, deste livro ‘Bíblia da Astrologia’ informou que o ariano, adora gastar com o dinheiro que não tem” (anexo F - Fatos Enunciativos Escritos - CR). O “eu” marca a subjetividade de um sujeito que não se identifica com os predicados encontrados na obra, e essa marcação é facilitada pela existência de um contexto próximo à Cr, que não precisou ser imaginado.

Na terceira oficina de escrita, Cr deveria se imaginar contratada por uma empresa, para quem venderia seu artesanato, justificando o porquê das cores escolhidas para seus produtos – uma vez que o tema do encontro foi as cores na publicidade (anexo D - Oficinas de Escrita - CR). Cr, então, instaura a subjetividade por meio do emprego do pronome “eu” ao escrever: “na empresa star, estão contratando profissionais que façam pufes para iniciarem sua marca, no momento atual. Sendo *eu* a escolhida, farei pufes nas cores vermelho e azul” (anexo F - Fatos Enunciativos Escritos - CR).

Para o último encontro, sugeri que Cr observasse sua rotina por uma semana para descrevê-la em carta endereçada a um remetente aleatório (detalhes no anexo D - Oficinas de Escrita - CR). Parte da carta deveria ser escrita *in loco*, anexada a ela os apontamentos de Cr sobre os dias que antecederam a oficina. Na carta, encontramos o maior número de empregos do pronome “eu”, já que se trata de um gênero textual dialógico em que o sujeito instaura a (inter)subjetividade. Já nas primeiras linhas, encontramos o trecho: “[...] não posso mais estagiar, trabalhar e nem concluir minha faculdade de ciências contábeis, que *eu* cursava na UFSM [...]” (anexo F - Fatos Enunciativos Escritos - CR). No parágrafo em que Cr descreve a primeira atividade da semana (20/6), lemos: “7hs acordei com o despertador do meu celular, avisando que 8:30hs, *eu* teria sessão de Pilates/loga, com a prof<sup>a</sup> Sirlei via computador” (anexo F - Fatos Enunciativos Escritos - CR). No segundo dia (21), Cr conta que seus “gatos “Luna” e “Sol”, nos miados me acordaram às 7h30hs e *eu* pulei da cama [...]”. No dia seguinte (23), registra: “Acordei 7h30hs *eu* e meus gatos [...]”.

O emprego do pronome “eu” é colocado em situações reais, o que faz com que Cr se aproxime da escrita e nela, mais uma vez, se marque enquanto sujeito. No parágrafo de encerramento, há um exemplo de intersubjetividade explícita, quando Cr (eu) estabelece uma relação com seu interlocutor (tu), solicitando uma resposta: “por fim, gostaria quem ler este texto, me responda contando-me a história, o presente e o futuro de *sua* vida, para *eu* encontrar sentido para a minha, no futuro também”.

O espaço é referenciado somente uma vez: “deste”, que aparece na primeira enunciação escrita de Cr (anexo F – Fatos Enunciativos Escritos – CR), aponta para algo sobre o qual se enuncia – no caso, “A Bíblia da Astrologia”. Em sua maioria, a temporalidade é marcada por verbos que, no presente, colocam Cr no momento da enunciação. Verbos conjugados no passado e no futuro (principalmente na carta) demonstram a preocupação de Cr em situar o interlocutor, organizando no tempo o discurso subjetivo de um “eu” que enuncia a um “tu”, assim instaurando a intersubjetividade. Alguns advérbios e expressões de tempo também compõem a enunciação escrita de Cr, orientando o interlocutor a partir do momento da enunciação, como no trecho da carta referente ao dia 21: “[...] meu retorno a sua clínica, será *daqui seis meses* [...]” ou “*Hoje* era meu retorno [...]”.

#### 5.4 A DÊIXIS E OS FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS (GESTUAIS) DE CR

No fato quatro da situação enunciativa: horóscopo (diálogo 1, anexo H - Fatos Enunciativos Oraís – CR.), Cr aponta para si e, em seguida, para o colega ao lado ao estabelecer diferenças em relação a dois modelos de comportamento. Cr, ao apontar para si, não só reforça o *eu* que enuncia, mas diferencia esse *eu* do outro, o *tu*, fazendo com que o gesto reafirme esse sujeito e seu lugar de fala, instaurando a intersubjetividade. O ato de se marcar gestualmente funciona em complementariedade ao uso constante da primeira pessoa do singular, que faz com que Cr se posicione e legitime seu espaço, reforçando sua singularidade. No fato seis da mesma situação, Cr simula puxar algo da tomada ao dizer que desliga seus eletrodomésticos em dias de “chuvarada”. Em seguida, como se algo explodisse, ela abre os dedos das mãos ao falar nas consequências de um possível curto-circuito, mas não verbaliza. É possível entendermos essa sequência como uma manifestação do temor de Cr incutida no gestual, pois, ao imitar uma explosão, ela emprega o gesto metaforizado no lugar do emprego linguístico, evitando a carga negativa de verbos como explodir, destruir, detonar, ou outros de mesmo campo semântico. Esse temor é reforçado pelo gesto de Cr de retirar seus aparelhos da luz, o que não só complementa, mas intensifica sua fala e também sua atitude.

Na abertura da situação enunciativa: curiosidades sobre gatos (anexo H, segundo diálogo), Cr fala no hábito que seus gatos têm de dormir em seu pé. O ato de apontar para o pé direito e levantá-lo ilustra o resgate de recordações evocadas pelo contexto, o que revela a importância de seus animais de estimação e o efeito que têm sobre Cr. O gesto, também, reafirma seu afeto por eles, o que já é sabido pelo Grupo, uma vez que seus gatos são citados com frequência nos encontros do GIC. A atitude de Cr contrasta com o restante da situação enunciativa, em que não há manifestações gestuais relevantes, o que significa que o gesto de Cr intensifica e valoriza o dizer - para ela, não basta apenas enunciar: é preciso reforço por meio de gestos.

Em meio a outros gestos complementares, destaca-se a atitude de Cr descrita no sexto fato da situação enunciativa: cores na publicidade (anexo H, terceiro diálogo): questionada sobre lembrar ou não da atividade desenvolvida (cores), Cr olha para o Pe com expressão de dúvida logo após observar, por instantes, o material que tinha em mãos. Esse olhar incerto lançado ao interlocutor é um gesto que tem efeito de



substituição de elementos linguísticos, pois, por meio dele, Cr “confessa” não recordar o que foi trabalhado. Além disso, o olhar de Cr autoriza esse interlocutor a falar sobre o conteúdo do envelope, já que o gesto simboliza um pedido de ajuda por parte de Cr. O olhar reportado ao outro “salva” Cr do possível constrangimento de admitir, em palavras, que não recordava o trabalho desenvolvido, o que foi facilmente “lido” pelo Pe, dando sequência à dinâmica. Essa mesma intenção se repete no oitavo fato da situação enunciativa: diário (anexo H, quarto diálogo), em que Cr enuncia ao Pe não lembrar do que foi pedido a ela para escrever. Cr não só expressa estranheza, mas aponta para o Pe ao dizer “não lembro o quê”. O apontamento passa a palavra ao outro, de quem Cr espera esclarecimentos. Os pedidos de ajuda são reconstituídos pelo gesto, o que percebemos, também, no segundo fato da situação enunciativa: dilemas éticos (anexo H, quinto diálogo), em que Cr, mais uma vez, convoca o interlocutor a partir de sua expressão facial.

Ainda no quinto diálogo – situação enunciativa (dilemas éticos), temos, no quarto fato, o momento em que Cr escolhe uma das cartas do jogo sobre dilemas éticos e morais para ler ao Grupo. Ao escolher a carta referente ao tema “dinheiro”, ela cerra e balança a mão direita, sorrindo. Trata-se de outro momento em que o gesto é metaforizado, pois Cr encontra uma maneira descontraída de se definir evitando o provável uso de termos de cunho depreciativo que causariam constrangimento, como “mão-de-vaca”, “pão-duro”, “avarento”, entre outros. No fato cinco, depois de ler a carta – que termina com a pergunta “o que você faz”? –, Cr olha para seu Pe. O olhar, nesse momento, não representa só o término da leitura, mas funciona como a solicitação de uma “autorização” para que ela responda ao que acabou de ler, o que é reafirmado pelo parceiro enunciativo quando pergunta o que ela faria, autorizando, assim, a resposta.

No último diálogo – situação enunciativa: carta (anexo H), Cr é questionada sobre o conteúdo da última atividade desenvolvida (carta), ao que Cr responde, no quarto fato, tratar-se de “minha situação atual”. Mais uma vez, Cr aponta para si, reafirmando o *eu* que enuncia e, conseqüentemente, o lugar que esse *eu* ocupa no ato enunciativo. Ao começar a explicação sobre a dinâmica, Cr interrompe sua fala ao respirar profundamente, pois deveria falar sobre o conteúdo da carta. Esse ato é somado ao manuseio do papel por Cr, que lança um olhar vago para o material como quem espera por uma atitude do interlocutor. Os gestos de Cr demonstram seu incômodo em abrir para o Grupo algo tão particular. A atitude, novamente, é um pedido

silencioso pela interferência do interlocutor, já que é posta em uma situação delicada da qual deseja escapar sem qualquer palavra que pudesse tornar a situação desconfortável.

A forma como Cr se marca na enunciação, pela recorrência do emprego explícito de “eu”, coloca-a em uma relação intersubjetiva com seu Pe e com grupo, em que ela se posiciona, diferenciando-se: “eu tenho meus limites... não posso pedi pra todo mundo se igual a mim... mas eu tenho meus limites... de faze as coisas boas e não faze as ruins... eu pra mim uma coisa é boa... outra é ruim... ou pra ti... outra coisa é boa e outra coisa é ruim...” (primeira situação, quarto fato enunciativo - anexo H).

Também destacamos que, diante do ato de enunciar reiteradas vezes o pronome “eu” e de se marcar em vários fatos enunciativos situados no tempo presente (em sua maioria), há um sujeito pós-lesão cerebral que tem na enunciação a salvaguarda de sua existência: “na internet eu vi uma que fazia... fazia uns com pet de refrigerante... tu acredita que eu fiz dois?... ficaram perfeitos... eu até pedi pra minha vizinha, que é costureira, faze as capinhas... tu olha tu não diz que é de pet” (Cr, ao falar da confecção de *puffs* com material reciclável - terceira situação, 10º fato enunciativo).

Em relação aos marcadores de espaço, podemos dizer que há rara existência desses nas seis situações enunciativas de Cr. Se considerarmos o fato de que ela se enquadra no que reconhecemos por *distúrbio de similaridade*, ligado à deficiência na seleção e substituição de palavras, logo concluímos que Cr se baseia no contexto para enunciar - sendo que, no contexto, permanecem palavras de classe fechada, como pronomes demonstrativos ausentes de sua enunciação, e que integram o conjunto de dêiticos espaciais (como, por exemplo, os correspondentes aqui/este e aí/esse). Essa ausência na oralidade, então, é um indício de que Cr não sente a necessidade de utilizar, como “atalho”, elementos dêiticos espaciais como Del o fizera.

## 5.5 ARTICULANDO DÊITICOS E AFASIA DE CONTIGUIDADE E DE SIMILARIDADE

Nesta seção, retomaremos as discussões levantadas neste capítulo no intuito de apontar para os indicadores de pessoa e os elementos de ostensão espaço-temporais, bem como a gestualidade, nos diferentes empregos da língua,

considerando os distúrbios de similaridade e contiguidade categorizados por Jakobson.

Ao se colocar na língua por meio da reiteração do pronome “eu”, Cr assume um lugar como sujeito que enuncia, instaurando o “tu”; assim, evidenciando a necessidade dessa reiteração do emprego do pronome “eu” como indicador de subjetividade. Essa recorrência do indicativo de pessoa - aliado aos índices temporais que situam a enunciação no presente - parece, então, apontar para a urgência de ser reconhecida enquanto sujeito de linguagem dotado de subjetividade: mesmo com as limitações ocasionadas pela lesão cerebral que refletem na língua, Cr se ocupa de dêiticos marcadores da categoria de pessoa, particularmente o pronome “eu”, para reafirmar, constantemente, sua existência enquanto sujeito de linguagem.

Quanto aos gestos que acompanham as situações enunciativas de Cr, esses não são compensatórios e estão diretamente ligados à situação em que Cr se encontra, seja esse gesto metaforizado (como o gesto de explosão e avareza), de apontamento situacional (quando Cr aponta para si mesma ou para o pé direito) ou ainda o gesto por meio de expressão facial (olhar como pedido de ajuda).

Sob a ótica do distúrbio de similaridade, no qual Cr se encontra, entendemos que o gesto possa ser resultado de uma ausência lexical que a impossibilita de acessar algumas palavras, como ocorre no sexto fato da primeira situação enunciativa (anexo H - Fatos Enunciativos Escritos - CR), em que Cr simula uma explosão pela possível falta de um termo que representasse as consequências de um dano no circuito elétrico: “[...]tanto que, na chuarada eu tiro tudo da tomada pra não estraga, porque senão o curto-circuito...”. Provavelmente, o fato de ter comprometidas as capacidades de seleção e de substituição não a permitiu encontrar um sinônimo para o verbo “estragar”, já usado em sua fala. O mesmo acontece no quarto fato da quinta situação enunciativa (anexo H), em que Cr é convidada a escolher uma das cartas que compõem o jogo dos dilemas éticos e morais. Ela opta, então, pela carta “do dinheiro... já que eu sou...”. Cr não é capaz de acessar uma expressão ou um substantivo que a qualifique, então transfere ao gesto a capacidade de suprir essa falta.

Já o pronome pessoal “eu”, com o qual Cr se marca veemente no discurso, pode ser compreendido como uma estereotipia que ocorre sempre que lhe faltam palavras. O uso constante desse índice de pessoa subsidia a ideia de que o pronome “eu” funcione como suporte aos lapsos da fala de Cr, já que apresenta dificuldades

em selecionar palavras e dar início a conversações: “*eu pra mim* uma coisa é boa...” (anexo H, primeiro fato enunciativo, quarto ato). A repetição dessa marca de pessoa deve-se, também, ao fato de Cr apresentar reduções ao comunicar, ou seja, não conseguir desenvolver a ideia completa, apresentando “falhas” - o que a obriga a começar, novamente, pelo pronome (estereotípiã): Bom as contas *eu* pago tudo na data certa... tudo no *meu* diário... *eu* aproveito o diário que eu tenho pra escreve [...]” (anexo H - primeiro fato enunciativo, ato número seis). Ainda, podemos atribuir o emprego veemente de “eu” a repetições que podem estar associadas à incapacidade de substituir expressões já usadas por outras similares: “ah... *o que eu tinha feito...* por que eu tinha feito aquilo... e daí eu tava escrevendo o meu diário no dia... *o que eu tinha feito...*” (anexo H, décimo ato do quarto fato enunciativo).

No caso de Del, destacamos, em suas enunciações orais, o emprego de dêiticos que se relacionam ao espaço-tempo. Del pouco se marca de modo evidente em seu discurso pelo pronome pessoal “eu”, e essa ausência pode estar associada à *hipótese do espelho invertido*, formulada por Jakobson e mencionada no subitem 5.1: a criança, no início do processo de aquisição da linguagem, não se reconhece na língua, normalmente referindo-se a si mesma na terceira pessoa ou usando da elipse, em que o pronome é subentendido pela flexão do verbo. Com o desenvolvimento das competências linguísticas, ela passa a reconhecer e manejar as unidades do sistema da língua, propondo-se como sujeito a partir do momento em que manifesta subjetividade, apropriando-se da língua.

Del, em função da afasia de contiguidade – em que a palavra é a unidade linguística perseverante, apresenta déficit na combinação, agramatismo (que implica, também, na perda dos pronomes) e não responde adequadamente a níveis sintáticos, entre outros agravantes. Essa desintegração do contexto acaba impossibilitando Del de encadear unidades linguísticas em outras mais complexas, restando, por vezes, em reprodução de palavras soltas e de inúmeros sons que, por vezes, não têm valor fonêmico. Há semelhança com as fases iniciais de aquisição da linguagem, ainda que o percurso seja inverso: enquanto a criança maneja a língua, gradativamente, Del perde habilidades já conquistadas.

O déficit na combinação faz com que Del se apoie em marcadores espaciais por serem eficazes na enunciação, já que o emprego desses dêiticos funcionam como um atalho que Del busca para alcançar aquilo que pretende dizer: “Sei tudo... tudo tudo... *aqui* até *lá* em cima... até em cima eu fui... *ali...* *ali* em cima quando ( ) também...”

*aqui* foi... *aqui lá* em cima... sei tudo tudo tudo...” (Del, ao apontar para a figura de um mapa. Primeira situação, 69º fato enunciativo). Os dêiticos, como “aqui”, “lá”, “ali”, não só assessoram a significação pretendida, como também servem de sustentação à subjetividade de Del.

Os marcadores de tempo, nas enunciações orais de Del, cumprem função semelhante à dos indicativos de espaço: “Neh... *agora* não *posso* nada... depois depois... nada, nada nada...” (Del simula tocar acordeom quando diz que já não pode mais fazê-lo). (Primeira situação, 18º fato enunciativo). Ainda que Del empregue verbos conjugados no presente, tem suas enunciações, prioritariamente, referindo-se ao passado, focando-se no antes e depois do AVC.

Quanto aos gestos empregados por Del, compensatórios, estão diretamente associados aos índices espaciais e são empregados no intuito de se aproximarem, ao máximo, da lacuna deixada pelas palavras faltantes, ou pelas ideias que não podem ser completamente articuladas na fala. Del, ao gesticular com as duas mãos, no fato enunciativo 55 da situação enunciativa: ilustrações diversas, como se escavasse a terra, compensa a ausência do termo linguístico: “É:::... arroz arroz... plantei muito...e:::... coisa de louco... *isso aqui*... faze...”.

Nos fatos enunciativos escritos de Del são encontradas três marcações evidentes de “eu” – uma delas acompanhada pelo verbo “levantar”, conjugado no pretérito imperfeito (levantava), praticamente não havendo índices ostensivos de espaço. Há um número limitado de palavras legíveis que se enquadram, em sua maioria, na categoria dos substantivos, comuns como “café”, próprios como “Fabiola”, abstratos como “paz”. À parte, encontramos o advérbio “cedo” e o pronome *ela* na terceira pessoa do singular.

Del, em função do distúrbio de contiguidade, ficou impossibilitado de combinar palavras em unidades mais complexas, o que, por consequência, fez com que desaparecessem estruturas sintáticas e restassem somente palavras “soltas”. Sua escrita, que reflete as condições de fala, é marcada pela desintegração do contexto que faz com que enuncie por meio de fragmentos ou palavras isoladas.

Percebemos, na materialidade do texto, que Del mantém as categorias do aparelho formal da enunciação, pois a indissociabilidade entre o homem e a língua demarca a subjetividade de um locutor que, ao considerar o outro (tu), se propõe como sujeito tendo como condição a linguagem. Explicitamente, no terceiro fato enunciativo, Del escreve “COROR P/ FABIOLA”; o que interpretamos como “CARTA P/FABIOLA”,

seguido de um cumprimento (“O!”). É claro registro de intersubjetividade em que *eu* organiza seu discurso considerando o interlocutor. O pronome “eu”, que aparece no meio do texto, é outro indicador de (inter)subjetividade que viabiliza a existência e a relação entre eu-tu como condição necessária ao exercício da linguagem.

Há ocorrências de “eu” que assinalam a capacidade de Del de se propor enquanto sujeito em relação ao “tu”, como no quarto fato enunciativo, em que a intersubjetividade é marcada pelo pronome e pela indicação de temporalidade: “EU levantava CEDO CAFE”. Ainda que apareçam reduções (Eu levantava cedo e tomava café), Del enuncia, e ao enunciar-se instaura o interlocutor, situando-o no tempo. Ainda que não haja indicadores dêiticos em outras produções textuais, a linguagem é sempre mobilizada em relação ao outro e instrumentalizada para determinado fim.

Na escrita de Cr, levantamos sete empregos do pronome pessoal “eu” e somente uma ocorrência de dêitico espacial: “deste”. O tempo foi marcado, em grande parte, por verbos conjugados nos três tempos (passado, presente e futuro) e, em alguns momentos, no futuro do pretérito (como “gostaria”, por exemplo). Advérbios e expressões temporais também são empregados, como “manhã” e “daqui 6 meses”.

Cr, com discurso abalado pelo *distúrbio da similaridade*, enuncia apresentando registros de linguagem com dificuldades em selecionar palavras e dar início a situações enunciativas escritas. Cr precisa se desprender do contexto da fala, enquanto atividade viva, e representar seu pensamento em imagem de língua, pois o ato de escrever não procede da fala, mas surge de uma linguagem interior (BENVENISTE, 2012), o que se agrava em Cr pelo fato de ter que pressupor interlocutores e circunstâncias para a produção escrita. A mudança na relação entre a informalidade da fala e a formalidade da escrita redobra os cuidados de Cr com sua escrita, o que acaba contribuindo para que seu texto seja sintético, já que Cr não consegue substituir unidades linguísticas e, assim, desenvolver sua escrita como alguém que tem o domínio desse sistema da língua.

Todavia, marcas explícitas de intersubjetividade também aparecem em sua escrita, como na carta (sexto fato enunciativo, anexo F) em que registra aspectos de sua rotina pós-acidente: “[...] vou me apresentar, meu nome é Cr [...]”/ “[...] gostaria que quem ler este texto, me responda contando-me a história, o presente e o futuro de sua vida [...]”. Esses recortes mostram que Cr se apropria da língua e, enquanto sujeito, instaura o interlocutor. Em outras enunciações escritas, as marcações explícitas de “eu” fazem com que Cr se marque como sujeito na e pela linguagem,

evidenciando a (inter)subjetividade na língua: “Eu não concordo [...]” (primeiro fato enunciativo, anexo F) / “Sendo eu a escolhida [...]” (terceiro fato enunciativo, anexo F).

No Quadro 4, elaboramos uma síntese do emprego dos dêiticos aqui elencados, considerando a oralidade e a escrita e os distúrbios de similaridade e contiguidade.

Quadro 4 - *Dêixis* e afasia de contiguidade e de similaridade

<b>Dêixis</b>	<b>Distúrbio de similaridade</b>		<b>Distúrbio de contiguidade</b>	
	<b>Oralidade</b>	<b>Escrita</b>	<b>Oralidade</b>	<b>Escrita</b>
<b>Pessoa</b>	Presença veemente do pronome “eu”	Regularidade no uso do pronome “eu”	Modesta presença do pronome “eu”	Existência do pronome “eu”
<b>Tempo</b>	Regularidade no uso de verbos (passado, presente, futuro)	Regularidade no uso de verbos (passado, presente, futuro)	Veemência no emprego de marcadores (passado, presente)	Existência do verbo “levantava”
<b>Espaço</b>	Modesta presença de marcadores	Existência do marcador “deste”	Veemência no emprego de marcadores	Inexistente
<b>Gesto</b>	Significações diversas (metaforizado, de apontamento e de expressão facial)	-	Compensatório e substitutivo	-

Fonte: Produzido por esta pesquisadora.

Nos fatos enunciativos orais de Cr, mostramos como o pronome pessoal “eu” e a gestualidade funcionam nas enunciações comprometidas pelo distúrbio de similaridade. Nos fatos enunciativos orais de Del, acometido, principalmente, pelo distúrbio de contiguidade, destacamos os índices espaço-temporais em relação ao emprego do pronome “eu”. Já os escritos de Cr, em que há somente um registro de marcador de espaço (deste), são caracterizados pelo emprego do pronome “eu” e de índices temporais. Por sua vez, os de Del são marcados por modesta manifestação do pronome “eu” que insiste em permanecer, e pela quase inexistência de marcadores espaço-temporais.

## 6 CONCLUSÕES

Neste capítulo, buscamos destacar pontos abordados nesta pesquisa, bem como trazer possíveis contribuições que surgiram em virtude de sua realização. Ainda, é nosso intuito prospectar sobre o descoberto para inspirar pesquisas futuras, deixando, assim, delineados alguns encaminhamentos para possíveis propostas, tendo na interdisciplinaridade o suporte para avanço nos estudos sobre a linguagem em afasia.

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender o fenômeno da dêixis manifestado na linguagem em dissolução, observando o modo como foram constituídos enunciados escritos e orais (gestuais) de dois sujeitos com afasia que integram o Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC) da UFSM. Para dar conta dos objetivos que norteiam essa pesquisa, organizamos a dissertação em cinco capítulos: em *Introdução/Justificativa*, apresentamos o tema e um panorama das teorias de Roman Jakobson sobre afasia e de Emile Benveniste sobre linguagem em emprego que, entrelaçadas, explicam o interesse pela interface saúde/linguística e permitem alcançar nossos objetivos; *Revisitando aspectos teóricos: sobre afasias e enunciação* é dedicado às teorias benvenistianas sobre enunciação e dêixis e às noções de distúrbios de linguagem sob a perspectiva de Jakobson. No capítulo, também é feita uma breve apresentação dos tipos de afasias com base em categorizações referentes à clínica da saúde. Em *Proposta metodológica*, explicitamos o funcionamento e a estrutura do GIC, assim como os procedimentos de coleta e análise de fatos enunciativos escritos e orais(gestuais). São apresentados, detalhadamente, os sujeitos da pesquisa e registrados os aspectos éticos que orientam esta investigação. O capítulo *Resultados* traz uma síntese dos dêiticos de pessoa, espaço e tempo relacionados aos distúrbios na acepção proposta por Jakobson e manifestados em enunciações escritas e orais produzidas pelos sujeitos da pesquisa. A essa última, integram-se os gestos - como o não verbal implicado na enunciação - como elemento de análise. Em *Discussões*, que antecede este capítulo, foram analisadas, detalhadamente, as enunciações escritas e orais(gestuais) com base nos pressupostos da teoria enunciativa benvenistiana e nas classificações feitas por Jakobson para compreender o modo como os sujeitos da pesquisa se marcam na língua em situações enunciativas orais e escritas.



Verificamos, com base nas enunciações escritas e orais (gestuais) produzidas pelos sujeitos desta pesquisa, que há predominância do emprego de marcadores explícitos de pessoa (eu) e da gestualidade, com significações diversas, atrelados ao distúrbio de similaridade; os dêiticos espaço-temporais, por sua vez, associam-se ao distúrbio de contiguidade, em que os gestos funcionam como suporte ao linguístico. Salientamos que os resultados registrados, mesmo que singulares, são indicativos que podem ser explorados no intuito de verificar a recorrência na transversalidade entre teoria e realidade, entre outras motivações possíveis. Esperamos, com esta pesquisa, colaborar para uma clínica de linguagem mais efetiva e, quem sabe, contribuir com possíveis intervenções terapêuticas, uma vez que a interdisciplinaridade é favorável e necessária à melhoria das condições de vida de sujeitos abalados pelo distúrbio de linguagem - afasia - e que os indícios sobre a dêixis, em especial, possa guiar o terapeuta no trabalho com a linguagem em dissolução.

Em tempo, gostaria de registrar o desafio de trabalhar com autores de tamanha complexidade, que ainda fogem do meu total domínio, e de levar essas teorias para o terreno da saúde, sequer cogitado até então, e, especificamente, para a realidade da linguagem em distúrbio - com a qual não tinha experiência. O desafio foi intensificado pelo período pandêmico, em que trabalhei metade da pós-graduação à distância, sempre enfrentando desafios impostos pela situação, como o convívio com os sujeitos que integram essa pesquisa, e que fora interrompido. Todavia, nada altera a felicidade em compartilhar resultados que, ainda embrionários, poderão influenciar pesquisas que trabalhem a linguagem como aliada no desenvolvimento de áreas como a da saúde, uma vez que, na condição de seres humanos, somos todos constituídos por ela, pois é um homem falando que encontramos no mundo; um homem falando com outro homem.

## REFERÊNCIAS

ALDROVANDI, Makeli. **O “EU” na construção do sentido dos dêiticos**. Revista Claraboia, Jacarezinho, v. 6, p. 78-88, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/783>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BARROS, Gabriel Rovadoschi. **I Ciclo de palestras linguagem e afasias: perspectivas atuais sobre estudos e atenção às afasias**. 18 ago. 2022. (Não publicado).

BARROS, Gabriel Rovadoschi. **Afasia e enunciação: estudo das manifestações linguísticas de um sujeito com afasia em convivência grupal**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21141/DIS\\_PPGDCH\\_2021\\_BARROS\\_GABRIEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21141/DIS_PPGDCH_2021_BARROS_GABRIEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 16 jan. 2023.

BENVENISTE, Émile. **A forma e o sentido na linguagem**. In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral II. São Paulo: Pontes Editores, 1967.

BENVENISTE, Émile. **A natureza dos pronomes**. In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. Campinas: Pontes, 1956.

BENVENISTE, Émile. **Da subjetividade da linguagem**. In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral II. São Paulo: Ed. Nacional, 1958.

BENVENISTE, Émile. **O aparelho formal da enunciação**. In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral II. São Paulo: Pontes Editores, 1970.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Pontes Editores, 1989.

BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France - 1968 e 1969**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CIULLA, Alena. **Anáforas e dêixis: semelhanças e diferenças**. In: SOARES, Maria Elias (Org.). Pesquisas em lingüística e literatura: descrição, aplicação, ensino. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará-GELNE, 2006. p. 23-25. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51867/1/2006\\_capliv\\_acsilva.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51867/1/2006_capliv_acsilva.pdf). Acesso em: 16 abr. 2021.

CIULLA, Alena. **Sobre a definição de dêixis a partir de “A natureza dos pronomes”**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 364-379, set./dez. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/195771>. Acesso em: 18 jan. 2021.

DELLA MÉA, Célia Helena de Pelegrini; FEDOSSE, Elenir (Orgs.). **Convivência nas afasias**: movimentos e experiências em grupo interdisciplinar. 1. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2022.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; NUNES, Paula Ávila. **O trabalho com dado e banco de dados**: considerações por meio de uma teoria enunciativa da linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 52, n. 3, p. 401-409, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2017.3.29372>. Acesso em: 16 jan. 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento; SURREAUX, Luiza Milano; KUHN, Tanara Zingano. **Introdução aos estudos de Roman Jakobson sobre afasia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FRANÇA, Aniela Improta. O que é afasia?. *In*: OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento. **O que sabemos sobre a linguagem**. São Paulo: Parábola, 2022. p. 16 – 20.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística da comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1956. p. 34-62.

JAKOBSON, Roman. **Linguística. Poética. Cinema**. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JAKOBSON, Roman. A afasia como um problema linguístico. *In*: COELHO, Marta; LEMLE, Miriam; LEITE, Yonne (org.). **Novas Perspectivas Linguísticas**: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1973. p. 43 – 54.

KOELLING, Sandra Beatriz. Os dêiticos e a enunciação. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-12, 2003. Disponível em: [https://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_1\\_os\\_deiticos\\_e\\_a\\_enunciacao.pdf](https://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_1_os_deiticos_e_a_enunciacao.pdf). Acesso em: 26 jun. 2002.

LAHUD, Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VEZALI, Patrick. **O corpo**: considerações acerca da relação entre fala e gesto. ILINX-Revista do LUME, v.2, n. 1, 2012. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/115>. Acesso em: 7 ago. 2022.

**ANEXO A - ADAPTAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE  
FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)**

Nome:

Sexo:

Data de nascimento:

Naturalidade

Escolaridade:

Mora com:

Filhos:

Profissão/ocupações anteriores:

Endereço:

Telefone:

---

Data do episódio neurológico:

Hospital que prestou atendimento:

Unidade de Tratamento Intensivo (UTI):

Diagnóstico:

Lado acometido:

Mão dominante:

Dificuldades motoras (falta de equilíbrio, zumbido, outro incômodo):

Comprometimentos em relação à escrita/leitura:

Problema(s) de saúde anterior(es) à lesão:

Estado atual de saúde/uso de medicamentos:

Profissionais que o(a) acompanham:

O encaminhamento ao GIC foi feito por/frequenta desde:

Impressões/expectativas em relação ao GIC:

---

Rotina do dia a dia:

Atividades preferidas (música, televisão, atividades manuais, dança, etc):

Relação com a leitura/escrita:

Autoavaliação (como você se vê; pontos fortes e fracos):

Apresentação (quais são suas principais características):

---

***Lista Resumida das Funções do Corpo  
Como você avalia seu(s)/sua(s)***

**FUNÇÕES MENTAIS**

Consciência

Orientação (*tempo, lugar, pessoa*)

Funções intelectuais (*incl. Retardo mental, demência*)

Funções da energia e de impulsos

Sono

Atenção

Memória	
Funções emocionais	
Funções da percepção	
Funções cognitivas	
Funções mentais da linguagem	
<b>FUNÇÕES SENSÓRIAS E DOR</b>	
Visão	
Audição	
Vestibular ( <i>incl. Funções de equilíbrio</i> )	
Dor	
<b>FUNÇÕES DA VOZ E DA FALA</b>	
Voz	
<b>FUNÇÕES NEUROMUSCULOESQUELÉTICAS E RELACIONADAS AO MOVIMENTO</b>	
Mobilidade das articulações	
Movimentos involuntários	

***Lista Resumida das Estruturas do Corpo  
Como você avalia seu(s)/sua(s)***

<b>ESTRUTURAS RELACIONADAS A VOZ E FALA</b>	
<b>ESTRUTURAS RELACIONADAS AO MOVIMENTO</b>	
Região de cabeça e pescoço	
Região de ombro	
Extremidade superior ( <i>braço, mão</i> )	
Pelve	
Extremidade inferior ( <i>perna, pé</i> )	
Tronco	
<b>QUAISQUER OUTRAS ESTRUTURAS DO CORPO</b>	

***Aprendizagem e aplicação do conhecimento  
Como você avalia sua capacidade de:***

Observar/assistir	
Ouvir	
Aprender a ler	
Aprender a escrever	



Aprender a calcular ( <i>aritmética</i> )	
Resolver problemas	
<b>TAREFAS E DEMANDAS GERAIS</b>	
Realizar uma única tarefa	
Realizar tarefas múltiplas	
<b>COMUNICAÇÃO</b>	
Comunicação – recepção de mensagens verbais	
Comunicação – recepção de mensagens não verbais	
Fala	
Produção de mensagens não verbais	
Conversação	
<b>MOBILIDADE</b>	
Levantar e carregar objetos	
Uso fino das mãos ( <i>pegar, segurar</i> )	
Andar	
Deslocar-se utilizando algum tipo de equipamento	
Utilização de transporte ( <i>carros,ônibus, trem, avião, etc.</i> )	
Dirigir ( <i>bicicleta, motos, dirigir um carro, etc.</i> )	

<b>CUIDADO PESSOAL</b> Dificuldades em:	
Lavar-se ( <i>banhar-se, secar-se, lavar as mãos, etc</i> )	
Cuidado das partes do corpo ( <i>escovar os dentes, barbear-se, etc.</i> )	
Vestir-se	
Comer	
Beber	
Cuidar da própria saúde	
<b>VIDA DOMÉSTICA</b>	
Aquisição de bens e serviços ( <i>fazer compras, etc.</i> )	
Preparação de refeições ( <i>cozinhar, etc.</i> )	
Tarefas domésticas ( <i>limpar a casa, lavar louça, roupas, passar a ferro, etc.</i> )	
Ajudar os outros	
<b>RELAÇÕES E INTERAÇÕES INTERPESSOAIS</b>	
Interações interpessoais básicas	
Interações interpessoais complexas	
Relações com estranhos	
Relações formais	
Relações sociais informais	

Relações familiares	
Relações íntimas	
<b>ÁREAS PRINCIPAIS DA VIDA</b>	
Educação informal	
Educação escolar	
Educação superior	
Trabalho remunerado	
Transações econômicas básicas	
Auto-suficiência econômica	
<b>VIDA COMUNITÁRIA, SOCIAL E CÍVICA</b>	
Vida comunitária	
Recreação e lazer	
<b>QUALQUER OUTRA ATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO</b>	

<b><i>Lista Reduzida do Ambiente Dificuldades com:</i></b>	
<b>PRODUTOS E TECNOLOGIA</b>	
Produtos ou substâncias para consumo pessoal ( <i>comida, remédios</i> )	
Produtos e tecnologia para uso pessoal na vida diária	
Produtos e tecnologia para mobilidade e transporte pessoal	

em ambientes internos e externos	
Produtos e tecnologia para comunicação	
<b>AMBIENTE NATURAL E MUDANÇAS AMBIENTAIS FEITAS PELO SER HUMANO</b>	
Clima	
Luz	
Som	
<b>APOIO E RELACIONAMENTOS</b> <b>Relação com:</b>	
Família imediata	
Amigos	
Conhecidos, companheiros, colegas, vizinhos e membros da comunidade	
Pessoas em posição de autoridade	
Cuidadores e assistentes pessoais	
Profissionais da saúde	
Outros profissionais que fornecem serviços relacionados a saúde	

## OUTRAS INFORMAÇÕES CONTEXTUAIS

*Fazer um esboço do indivíduo ou qualquer outra informação pertinente:*

*Incluir quaisquer **Fatores Pessoais** que tenham impacto sobre a funcionalidade (por exemplo, estilo de vida, hábitos, nível social, educação, eventos de vida, raça/etnia, orientação sexual e recursos do indivíduo):*

### **RESUMO DE INFORMAÇÃO DE SAÚDE**

Altura:

Peso:

Como você avalia sua saúde física no último mês:

( ) muito boa ( ) boa ( ) moderada ( ) ruim ( ) muito ruim

Como você avalia sua saúde mental/emocional no último mês:

( ) muito boa ( ) boa ( ) moderada ( ) ruim ( ) muito ruim

Atualmente, você tem alguma doença ou distúrbio? Se sim, especifique:

Ficou hospitalizado no último ano? Se sim, especifique a razão e por quanto tempo:

Você está tomando algum medicamento, prescrito ou por conta própria? Especifique:

Você fuma? Consome álcool ou drogas ilícitas? Especifique a quantidade média diária:

Você usa algum recurso assistivo como óculos, aparelho auditivo, cadeira de rodas, etc.?  
Especifique:

Você tem alguma pessoa que o ajuda com seu cuidado pessoal, para fazer compras ou outras atividades diárias? Especifique as pessoas e o que elas oferecem:

Você está recebendo qualquer tipo de tratamento para sua saúde? Especifique:

Informação adicional significativa sobre sua saúde passada e presente:

No último mês você reduziu ou esteve totalmente impossibilitado de realizar suas atividades habituais ou trabalho por causa de sua condição de saúde? (doença, lesão, razões emocionais ou uso de álcool/drogas) Se sim, quantos dias?

No seu estado de saúde atual, quanta dificuldade você tem para caminhar longas distâncias (tais como um quilômetro ou mais) sem assistência?

No seu atual estado de saúde, quanta dificuldade você tem para organizar o ambiente doméstico sem assistência?

No seu estado de saúde atual, quanta dificuldade você tem para fazer novos amigos sem assistência?

No seu atual estado de saúde, quanta dificuldade você tem para fazer todo o trabalho necessário para o seu emprego, sem assistência?

No seu ambiente de trabalho, quais problemas você tem para dar conta de toda demanda necessária?

Você considera que sua capacidade diminuiu depois da lesão? O quê, pontualmente, o incomoda?

No seu atual estado de saúde, quanta dificuldade você tem para participar de eventos locais, festivais ou reuniões da comunidade, sem assistência?

Antes da lesão, você frequentava determinados ambientes com mais frequência?

DATA: \_\_/\_\_/\_\_

## **ANEXO B - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do estudo: *Dêixis e a subjetividade inscrita na língua: a manifestação dos dêiticos na escrita e na oralidade de sujeitos com afasia*

Pesquisador responsável: Rúbia Keller Vieira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Centro de Ciências da Saúde/Fonoaudiologia

Telefone e endereço postal completo: CCS, prédio 26, 4º andar, sala 1434, Avenida Roraima nº 1000, Cidade Universitária – Bairro Camobi. Santa Maria – RS, CEP: 97.105- 900. Telefone: (55) 3220-8659

Local da coleta de dados: Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC) – ligado ao Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) do Curso de Graduação em Fonoaudiologia da UFSM.

Eu, Rúbia Keller Vieira, responsável pela pesquisa *Dêixis e a subjetividade inscrita na língua: a manifestação dos dêiticos na escrita e na oralidade de sujeitos com afasia*, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Por meio desta pesquisa pretende-se observar como se organizam as manifestações linguísticas escritas/orais (gestuais) de sujeitos com afasia, tendo por base o emprego de dêiticos e analisando o lugar que eles ocupam enquanto elementos ostensivos indicadores de subjetividade. Para o desenvolvimento deste estudo será feito o seguinte: serão considerados os materiais audiovisuais provenientes das reuniões do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC) – com foco na linguagem oral/gestual, e os textos produzidos nas oficinas de escrita – voltadas aos integrantes do GIC que participarão voluntariamente. Sua participação constará em frequentar assiduamente os encontros do GIC e as oficinas de escrita, realizando atividades características de



convívio e socialização. Para a realização da pesquisa, os encontros do GIC serão gravados, em parte transcritos, e servirão para análise das manifestações orais (gestuais) dos voluntários. O material integrará o Banco de Dados de Linguagem nas Afasias, disponibilizado para pesquisas em várias áreas do conhecimento.

Sendo sua participação voluntária, você não receberá benefício financeiro. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos, como: cansaço mental e outros de natureza psicológica e emocional (nervosismo, ansiedade, vergonha e/ou constrangimento) enquanto participante da oficina. Caso aconteça algum dos itens relacionados, a participação poderá ser imediatamente encerrada. Desta forma, caso ocorra algum problema decorrente de sua participação na pesquisa, você terá acompanhamento e assistência prestados pela equipe interdisciplinar do GIC, no qual constam profissionais e graduandos de Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Psicologia, entre outros, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana e ao SAF da Universidade Federal de Santa Maria. Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Os benefícios que esperamos com o estudo relacionam-se ao entender e interpretar formas singulares de linguagem em afasia, contribuindo com estudos já existentes sobre a linguagem (em distúrbio ou não) e, principalmente, colaborando – a partir da pesquisa e do Banco de Dados de Linguagem nas Afasias – com a possibilidade de práticas clínicas das áreas que considerem a linguagem como base constitutiva do homem.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Se você decidir não participar não haverá prejuízo ao seu tratamento de saúde, sendo garantida a assistência e tratamento preconizado para sua situação clínica.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

**Autorização**

Eu,\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local

=====

## ANEXO C - OFICINAS DE ESCRITA - DEL

<b>ENCONTRO 1</b>	
<b>NOME:</b>	Del (82 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas
<b>TEMA:</b>	Cartas - curiosidades
<b>LINK:</b>	-

### **ATIVIDADE DESENVOLVIDA:**

Para o primeiro encontro, foram elaboradas cartas\* com figuras relacionadas a aspectos da vida de Del, como família, trabalho e lazer. Organizadas como no jogo da memória, a cada carta escolhida uma história, referente à imagem em questão, deveria ser contada. Depois de conversarmos sobre todas as figuras, foi proposto a Del que escrevesse sobre a história que mais chamou a atenção da pesquisadora (caminhão):

\*exemplo das cartas em formato reduzido:



<b>ENCONTRO 2</b>	
<b>NOME:</b>	Del (82 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	1h30
<b>TEMA:</b>	Frases de para-choque
<b>LINK:</b>	-

**ATIVIDADE DESENVOLVIDA:**

Foram escolhidas algumas das mais populares frases escritas nos para-choques de caminhões. Elas foram impressas e apresentadas uma a uma, mas sem a última palavra. O intuito era fazer com que Del preenchesse cada uma das frases com as palavras faltantes, que estavam dispostas sobre a mesa. Depois de conversarmos sobre cada uma delas, Del deveria escolher a frase que gostaria de levar no para-choque de seu caminhão, justificando o porquê da escolha.

<b>ENCONTRO 3</b>	
<b>NOME:</b>	Del (82 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas
<b>TEMA:</b>	Indumentária gaúcha
<b>LINK:</b>	-

**ATIVIDADE DESENVOLVIDA:**

Com base na música *Guri*, de César Passarinho, a proposta era conversarmos sobre a origem de peças que compõem a indumentária gaúcha – como lenço, boina e alpargatas, e levantarmos algumas curiosidades em relação a elas. Depois, Delmar identificaria figuras relativas a outros itens pertencentes à cultura do estado e contaria sobre suas experiências. Por fim, ele deveria escrever a um amigo distante, contando sobre alguma particularidade do Rio Grande do Sul.

\*algumas das figuras trabalhadas:



<b>ENCONTRO 4</b>	
<b>NOME:</b>	Del (82 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas
<b>TEMA:</b>	Vida de campo
<b>LINK:</b>	-

**ATIVIDADE DESENVOLVIDA:** Ouvimos a música “Saudade de minha terra”, interpretada por Wilson Paim. A letra, impressa, foi entregue a Del para que pudesse acompanhar a música dentro de suas possibilidades – momento em que observamos o reconhecimento de algumas palavras. Em seguida, conversamos sobre algumas passagens, em que o autor fala sobre hábitos do homem gaúcho, como “tirar leite”, “fazer queijo”, “tomar mate”, e relacionamos esses hábitos à vida e às lembranças de Del. Sua escrita deveria ser endereçada a seu bisneto, que não conhece os hábitos do homem do campo; portanto, Del deveria contar histórias do tempo em que morava na zona rural.

---

<b>ENCONTRO 5</b>	
<b>NOME:</b>	Del (82 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas
<b>TEMA:</b>	Lendas gauchescas
<b>LINK:</b>	<a href="http://7LendasGauchas.clicrbs.com.br">7 Lendas Gaúchas (clicrbs.com.br)</a>

**ATIVIDADE DESENVOLVIDA:** Dando continuidade ao trabalho sobre o Rio Grande do Sul, foram lidas algumas das lendas gauchescas mais populares, como “Negrinho do Pastoreio”, “Erva Mate” e “A Boitatá”. Todas as lendas foram apresentadas a Del pelo computador e lidas por esta pesquisadora, enquanto Del acompanhava a leitura pela tela e observava o projeto gráfico do site. Ao final de cada lenda, Del falava sobre suas crenças, suas memórias, e conversávamos sobre a mensagem de cada uma delas. A escrita de Del deveria ser endereçada ao Negrinho do Pastoreio, considerado santo das causas perdidas, a quem deveria fazer um pedido.

---

ENCONTRO 6	
<b>NOME:</b>	Del (82 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	1h30 min
<b>TEMA:</b>	Prendarella
<b>LINK:</b>	-

**ATIVIDADE DESENVOLVIDA:** Foi feita a leitura de “Prendarella” – adaptação do conto Cinderela, que integra a coleção “Prendas e peões”, lançada pela Editora Gaúcha. A história, adequada aos costumes do estado, foi lida por esta pesquisadora a Del. Foram feitas comparações entre a história original e a adaptada, interpretados alguns termos regionais e relatadas nossas experiências em relação a costumes do Rio Grande na medida em que transcorria a leitura. Ao final, Del deveria escrever à editora, pedindo para que fosse lançado um livro sobre alguma história que marcou sua vida. Essa história deveria estar, necessariamente, relacionada a costumes e tradições do estado.

\*imagem do livro:



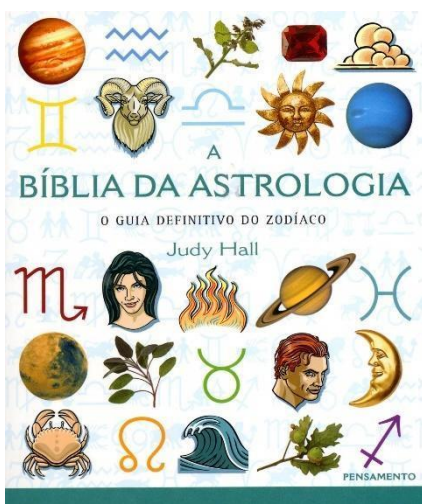
## ANEXO D - OFICINAS DE ESCRITA - CR

<b>ENCONTRO 1</b>	
<b>NOME:</b>	Cr (38 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas
<b>TEMA:</b>	Horóscopo (signo áries)
<b>LINK:</b>	-

### **ATIVIDADE DESENVOLVIDA:**

Para o primeiro encontro, foi escolhida parte do livro “A bíblia da astrologia” (Judy Hall) dedicado ao signo de áries. A leitura do texto foi alternada – ora por esta pesquisadora, ora por Cr, e foram levantadas as principais características trazidas pela autora, como: aparência, personalidade, mente, forças, fraquezas, profissão, presentes e atividades de lazer. Na medida em que os temas eram levantados, Cr tinha a oportunidade de descrever e comentar aspectos de sua vida, por vezes discordando do que era lido. A atividade proposta consistia em escrever para a autora, argumentando sobre o porquê de não concordar com algum ponto específico do texto.

\*imagem do livro trabalhado



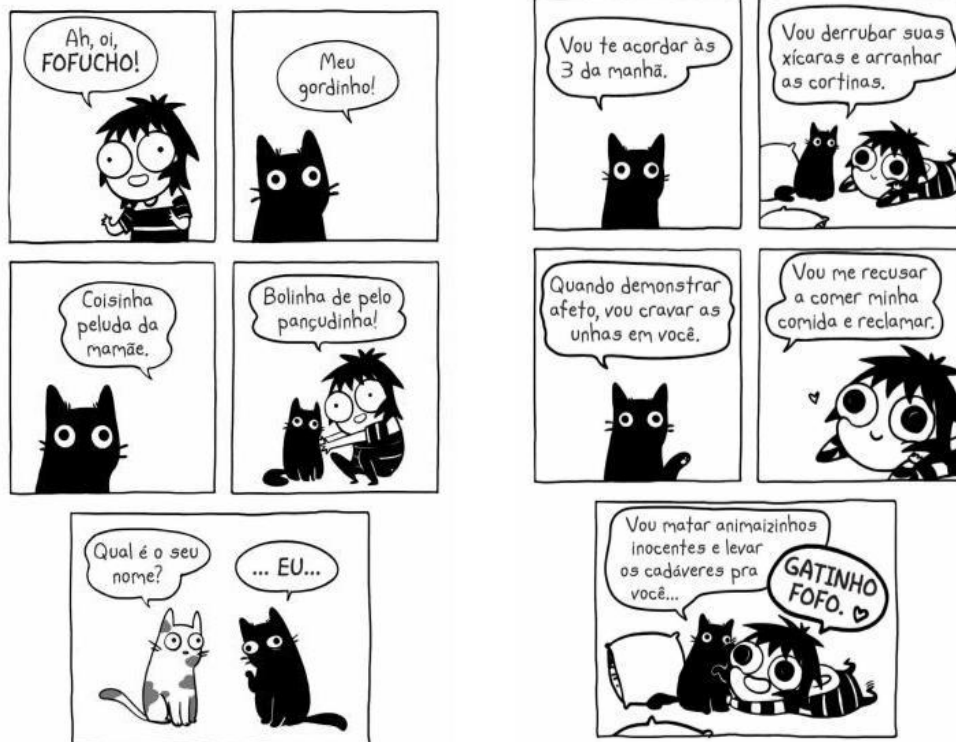
<b>ENCONTRO 2</b>	
<b>NOME:</b>	Cr (38 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas

<b>TEMA:</b>	Gatos
<b>LINK:</b>	<a href="#">(140) Os Comportamentos Mais Estranhos Dos Gatos - YouTube</a>

### ATIVIDADE DESENVOLVIDA:

Neste dia, apresentamos à Cr o vídeo intitulado “Os comportamentos mais estranhos dos gatos”, do canal Incrível (YouTube). O vídeo, que fala sobre uma das grandes paixões de Cr, traz curiosidades a respeito dos felinos, como “morder as unhas”, “entrar em espaços pequenos” e “seguir você até o banheiro”. A cada curiosidade, Cr compartilhava hábitos de seus bichinhos e aproveitava para tirar outras dúvidas. Também, foram trabalhados quadrinhos para falar de situações engraçadas envolvendo os bichanos. Como atividade final, foi proposto à Cr que contasse aos integrantes do GIC uma passagem interessante envolvendo seus animais de estimação.

\*exemplos de quadrinhos trabalhados





<b>ENCONTRO 3</b>	
<b>NOME:</b>	Cr (38 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	1h30 min
<b>TEMA:</b>	Cores na publicidade
<b>LINK:</b>	<a href="http://www.significados.com.br/psicologia-das-cores/">www.significados.com.br/psicologia-das-cores/</a> <a href="http://www.marketingmoderno.com.br/a-influencia-das-cores-na-publicidade-e-propaganda/">www.marketingmoderno.com.br/a-influencia-das-cores-na-publicidade-e-propaganda/</a>

**ATIVIDADE DESENVOLVIDA:**

Em material impresso e online, foram feitas leituras sobre as cores e sobre a maneira com que nosso cérebro reage a cada uma delas, o que elas representam no nosso dia a dia e de que forma impactam nossa vida. Com isso, chegamos à discussão sobre a publicidade e de que maneira grandes marcas se utilizam das cores para nos persuadir. Por gostar de trabalhos manuais, Cr deveria escolher uma cor ou mais que caracterizasse seu artesanato a ser vendido, justificando o porquê da escolha à empresa investidora.

---

<b>ENCONTRO 4</b>	
<b>NOME:</b>	Cr (38 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas
<b>TEMA:</b>	Diário
<b>LINK:</b>	-

**ATIVIDADE DESENVOLVIDA:**

Com base no livro “Queime depois de escrever”, de Sharon Jones, foi elaborada uma atividade para que Cr pudesse refletir sobre sua vida com bastante sinceridade e dividir um pouco de seu lado mais profundo. O tempo do encontro foi destinado a responder ao que chamamos de “diário”, que contém partes do livro original e partes

elaboradas por esta pesquisadora. Ao fim, Cr precisaria preencher a página intitulada: “uma carta para o ‘eu’ do futuro”.

\*algumas das dinâmicas contidas no “diário”:

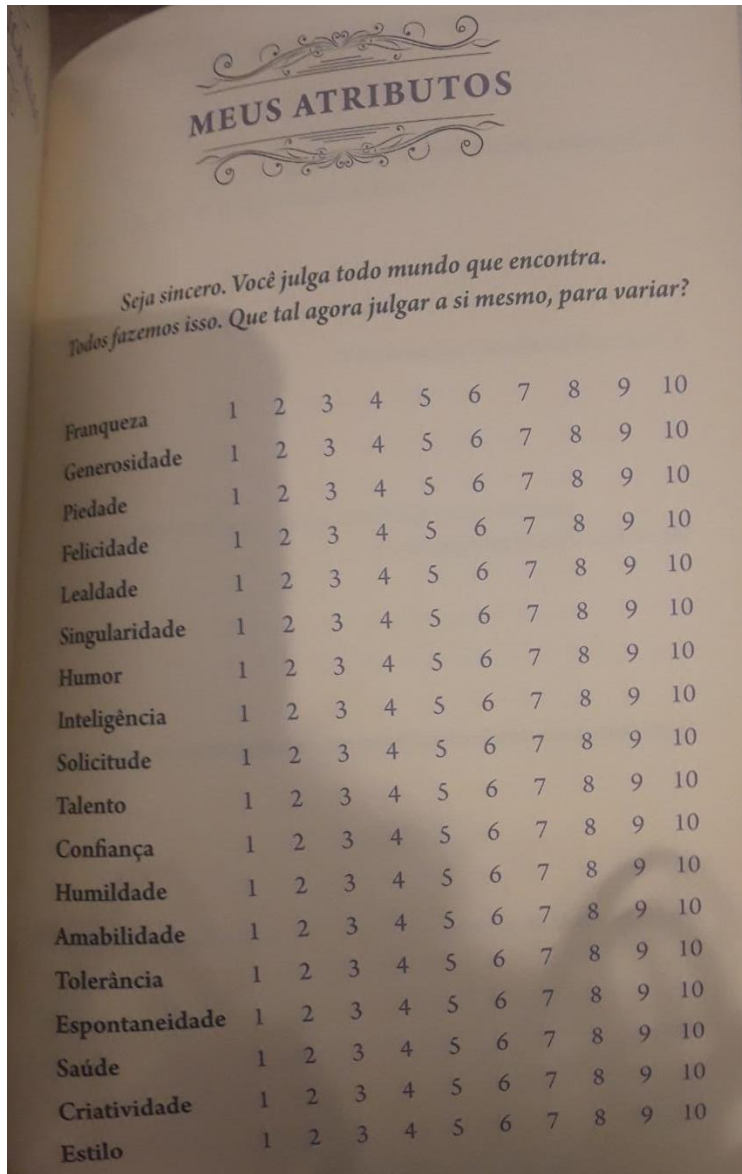
**Quando digo “vida”, o que você diz? Não pense; escreva a primeira palavra que lhe vier à cabeça. Deixe seu subconsciente falar. Talvez você se surpreenda com o que vai descobrir sobre si mesma.**

**O meu futuro em três palavras:**

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

**Três coisas que eu preciso abandonar:**

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_



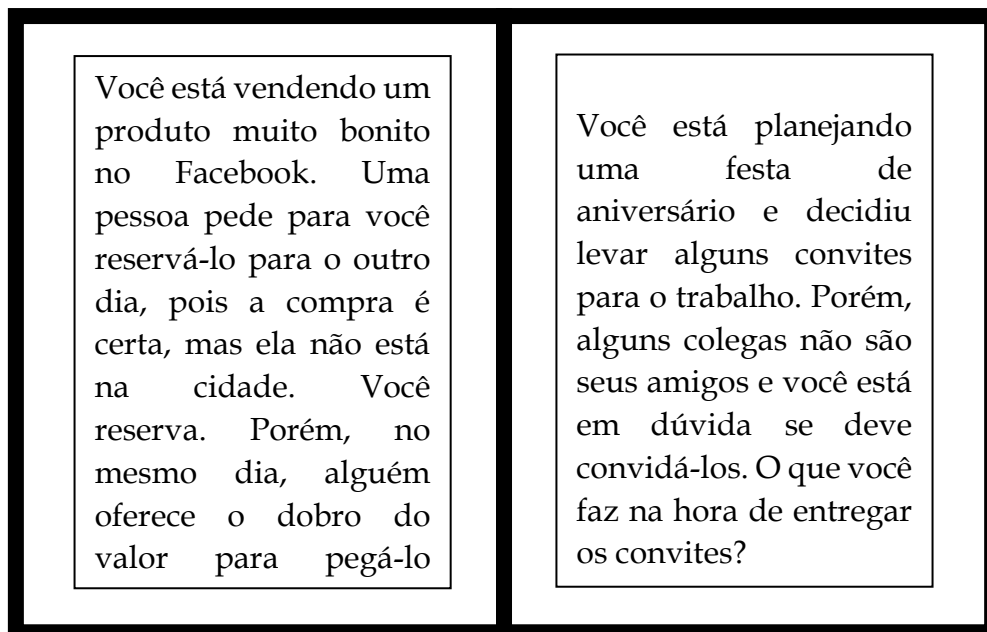
<b>ENCONTRO 5</b>	
<b>NOME:</b>	Cr (38 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas
<b>TEMA:</b>	Dilemas morais e éticos
<b>LINK:</b>	-

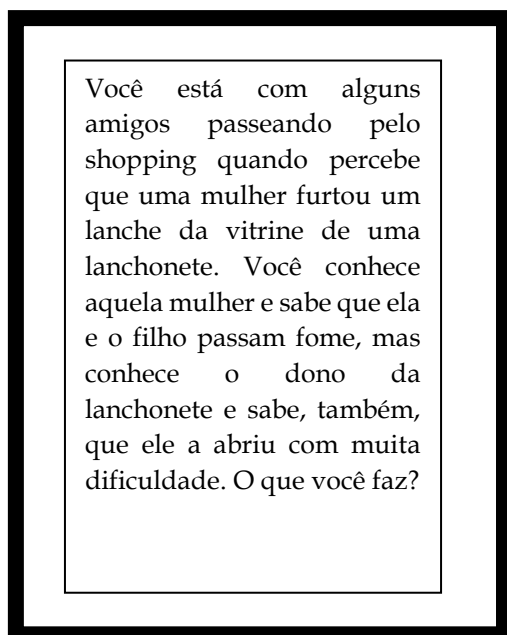
**ATIVIDADE DESENVOLVIDA:**

Cr se diz uma pessoa muito justa. Com base nessa qualidade, compartilhada no primeiro encontro, propusemos um jogo, elaborado por esta pesquisadora, chamado “jogo dos dilemas morais e éticos”. Como um jogo da memória, 12 cartas foram

viradas em uma mesa, tendo em seu verso uma palavra-chave, a partir da qual Cr faria sua escolha – isolando, antes, uma carta de sua preferência. Cada carta trazia uma situação embaraçosa da qual Cr precisava sair e, para isso, precisaria argumentar sobre seu comportamento frente a cada acontecimento hipotético. Por fim, Cr deveria ler o conteúdo da carta isolada e escrever, para esta pesquisadora, o que faria a respeito de seu conteúdo.

\*exemplos de cartas contidas no “jogo dos dilemas morais e éticos”. Palavras-chave: respectivamente, “Facebook” e “Festa”





\*Carta escolhida por Cr. Palavra-chave: shopping

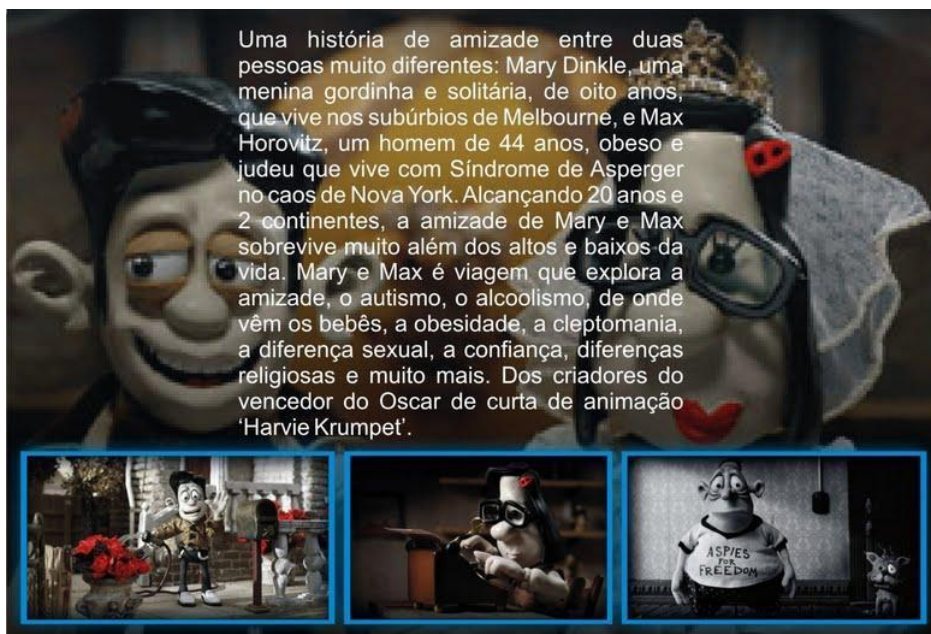
<b>ENCONTRO 6</b>	
<b>NOME:</b>	Cr (38 anos)
<b>DURAÇÃO:</b>	2 horas
<b>TEMA:</b>	Carta
<b>LINK:</b>	-

#### **ATIVIDADE DESENVOLVIDA:**

No encontro anterior foi pedido a Cr para que escrevesse, ao longo da semana, sobre todas as atividades e acontecimentos do cotidiano que considerasse relevantes. Além disso, que Cr observasse ao seu redor e tentasse descrever elementos comuns do dia a dia, como a cor de sua casa ou o formato de algum objeto importante. Neste último dia, foi apresentado à Cr o enredo da animação australiana chamada *Mary and Max*\*, que gira em torno de uma criança e de um idoso que se correspondem por cartas e que, assim, selam uma comovente amizade. Inspirada no filme, Cr deveria complementar sua escrita da semana, agora se descrevendo e falando um pouco de seus hábitos e de sua rotina. Todo o material escrito seria somado e endereçado, de modo fictício, a um remetente aleatório, com que Cr manteria contato e firmaria uma

amizade - como acontece no filme. Materiais como adesivos, canetas coloridas e *glitter* foram fornecidos para que Cr pudesse enfeitar sua carta, se assim desejasse.

\*animação proposta para a dinâmica:



ANEXO E - FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS - DEL

COMUNICAÇÃO  
EM RE. Pude esperar  
UMA PNA OLA 1997 E

ELAS BEM  
VOLITAS



URON P FABIO  
DI

Uolo El Tol Doble u Lense  
Data E Dombada E u guba mas BE Dombas  
ADO que grande Buba

EV Lencetera CEDO LAFF  
E da Etida Aconova dda Darcas  
coluna Frande Dornus

O grande POZ

A EV qund Demata colertras Pchua

## ANEXO F - FATOS ENUNCIATIVOS ESCRITOS - CR

Eu não concordo com o que a autora, deste livro "Bíblia da Astrologia" informou que o ariano, sabe gastar com o dinheiro que não tem.





Ontem instalamos um fogão a lenha, na cozinha da minha casa e meus filhos, ficaram admirados com esta novidade, pulando ao redor deste fogão, já que ainda não estava ligado.

Na empresa Stor, estão contratando profissionais que façam  
pufes para inserirem sua marca, no momento atual. Sendo  
eu a escolhida, farei pufes nas cores vermelha e azul.

Num shopping onde todos vão, para se divertir, aconteceu um roubo de um lanche, feito por uma mulher que passava fome, com seu filho. Na lancheria o proprietário ficou muito, para mantê-la, porém não possuirá dívidas, por este lanche furtado por esta família necessitada.

UMA CARTA PARA MEU "EU" DO FUTURO  
Continuar focando, os meus objetivos.



Bom para começar, vou me apresentar meu nome é Cristina Mambri, morei com minha mãe, um irmão e dois gatos em uma casa em Santa Maria, RS (Brasil). Devido a um acidente automobilístico, no ano de 2009 "a 13 anos atrás, deixei-me com algumas sequelas físicas e principalmente mentais, então não posso mais estagiar, trabalhar e nem concluir minha faculdade de ciências contábeis, que eu cursava na UFSM antes e após o acidente, que tentei cursar alguns semestres, mas não obtive êxito, em minhas condições mentais. Desde este período, estou fazendo o possível e o impossível para suprir estas dificuldades, com fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, grupo interdisciplinar de convivência (GIC) e para o corpo sessões de pilates. Em casa costumo deixá-la limpa e organizada, com as faturas de pagamentos, assentadas em meu diário anual, que utilizo diariamente, para fazê-los em seu período. Tanto que irei colar, em anexo algumas das atividades, que fiz alguns dias em junho de 2022:



Ultimamente, tenho feito pilates/Isop, todas as Segundas e Quintas, pela manhã, ido a Supermercados, fazer compras de mercadorias para casa, ao GIC, participe de um encontro, para fazer leituras, escritas, com a estudante de mestrado, na UFSM, Póbia.

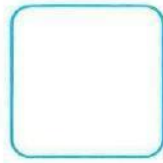
Por fim, gostaria quem ler este texto, me responda contando-me a história, o presente e o futuro de sua vida, para eu encontrar sentido para minha, no futuro também.





20/6 -> 7hs acordei com o despertador do meu celular, avisando que 8:30hs, eu teria sessão de Pilates/Joga, com a profa Sirlei via computador; - corri todo o patio, frente e fundos da casa, limpando os buiros intupidos de sujeira; - Tomei banho, almocei, lavei a louça, fiz minha cochilado de 30 minutos; - Separei o peijão e deixei de molho para cozinhar a noite, para a janta; Paguei a fatura do meu celular, mensal via Pix;

21 -> Meos gatos "Luna" e "Sol", nos miados me acordaram às 7:30hs e eu fui da cama, como amanheceu crevendo eles me esperaram, sair da casa dos fundos, para dar-lhes a ração e após, fazer o café e minha tapioca, na casa da frente; Procurei na cozinha, o documento para retirada dos medicamentos da "freside" que meu irmão Fábio, ainda tem e já estão acabando na secretaria de Saúde;



chequei na clínica do neu-  
rologista, antes das 10hs e fui atendi-  
da a partir das 18hs, depois de ser at-  
endida ele disse que meu retorno a sua  
clínica, será daqui 6 meses, pois confor-  
me minha tomografia não houve proeres-  
são alguma em relação a tomografia de 2019,  
então deve continuar tomando Percenter 15mg  
a penas.



## ANEXO G - FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS - DEL

Del - primeira situação enunciativa, diálogo 1: ilustrações diversas (relativas às atividades preferidas de Del)

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Pe	Eu trouxe aqui seu Del algumas coisas que a gente trabalho nos nossos encontros... e eu vo dá pro senhor e o senhor vai vê se lembra de alguma coisa... se o senhor lembra o que a gente trabalhou... esses aqui são os primeiros ó... o senhor lembra dessas figurinhas aqui?...	Explicativa  Interrogativa	Com os braços cruzados, Del olha o tempo todo para o material do P.E, que senta ao lado.
02	Del	Sei tudo...	Afirmativa em tom alegre	Sorri e faz repetidas vezes um gesto de assertiva com a cabeça. Mantém os braços cruzados
03	Pe	Sabe tudo?... Então o senhor vai contá pra todo mundo o que que aconteceu?...	Interrogativa em tom alegre	
04	Del	Vô falá, ma ( )	Afirmativa	Levanta a mão direita em um gesto de espera. Coloca as mãos entre as pernas. Olha somente para o material nas mãos do P.E
05	Pe	O senhor vai te que fala ó... mostra pro pessoal que figurinhas são essas...	Afirmativa Pedido	
06	Del	Isso aqui é do:..... da:.....	Afirmativa	Olha para o P.E, mostrando a figura. Antes, observa a imagem por instantes
07	Pe	O que que é isso aí ó... vamo vira aqui pra todo mundo vê ó... uma delas é uma clave... uma clave de sol... não é?... O que que a gente fez nesse dia?... Eu virei as cartinhas todas de cabeça pra baixo... e aí a gente foi virando né seu Del... e o senhor foi fazendo o quê com essas figurinhas?... Conta pra todo mundo o que o senhor fez com elas...	Interrogativa  Explicativa Interpelativa Interrogativa Pedido	É retirada a figura das mãos de Del e mostrada para o restante do grupo
08	Del	Tá aqui ó... essa aqui?	Afirmativa Interrogativa	Olha para outra figura que tem em mãos. Em seguida, mostra ao P.E

09	Pe	Pode ser... faz o favor...	Afirmativa	
10	Del	Gaita... gaita...	Afirmativa	Levanta a figura e mostra ao grupo
11	Pe2	Ah... o senhor tocava gaita?	Interrogativa	
12	Del	Sim sim	Afirmativa em tom alegre	Assente com a cabeça
13	Pe2	A minha avó também tocava gaita... ela fazia parte da orquestra aqui de Santa Maria...	Afirmativa	Del olha para o P.E2 e assente com a cabeça, rindo
14	Pe	O senhor tocou por muitos anos seu Del?	Interrogativa	
15	Del	Vixi Maria... depois de... outra... sempre sempre sempre...	Exclamativa Afirmativa	Faz um gesto negativo com a cabeça, olhando para baixo. Joga a mão direita para trás
17	Pe	Gosta até hoje?	Interrogativa	
18	Del	Neh... agora não posso nada... depois depois... nada, nada nada... mais nada nada... é tudo errado	Afirmativa	Dá de ombros. Mexe os dedos da mão direita, imitando uma gaita. Mexe a mão direita, espalmada, em frente a cabeça
19	Pe	Essa aqui também ó... sobre o que que é essa aí?	Interrogativa	É entregue outra figura a Del
20	Del	O::... não adianta...	Afirmativa	Levanta a cabeça, fecha os olhos
21	Pe	Lembra que eu perguntei pro senhor se o senhor gostava muito de música? Que tipo de música que o senhor ouve?	Interrogativa	
22	Del	Tudo... sei tudo tudo tudo tudo... sei tudo	Afirmativa	Balança a cabeça negativamente
23	Pe	Mas tem uma que é principal... que eu sei... que é a música?... É a música gaúcha?	Afirmativa Interrogativa	
24	Del	Não...	Afirmativa	Balança negativamente a cabeça baixa. Mexe nas figuras que tem em mãos
25	Pe	Não?... Mas então fizemo a oficina errado?...	Interrogativa em tom alegre	Risos do grupo
26	Del	O que mais... pra mim... Roberto... Roberto Roberto...	Afirmativa	Cabeça baixa, mexendo nos papéis
27	Pe	O Roberto? Música do Roberto?	Interrogativa	

28	Del	É:::...	Afirmativa	Olha para o P.E e assente com a cabeça
29	Pe	Mas então é o senhor e o Bira? Ou é outro Roberto?	Interrogativa em tom alegre	Risos do grupo
30	Del	Mesma coisa... ( )	Afirmativa	Rapidamente, levanta o braço direito e aponta para frente. Segue uma fala incompreensível, fazendo gestos aleatórios
31	Pe	Mostra esse aí pro pessoal... o que que é esse aí?	Pedido Interrogativa	
32	Del	Gaúcho... gaúcho	Afirmativa	Levanta a figura na altura dos olhos
33	Pe	Olha aqui... deixa eu mostra pro pessoal... esse aqui era uma outra figurinha... é um bichinho trocando um pneu... e aí... como o senhor era caminhoneiro... eu perguntei pro senhor se o senhor trocou muito pneu na estrada... conta pro pessoal...	Explicativa Pedido	A figura é retirada das mãos de Del e mostrada ao restante do grupo
34	Del	Beibaridade...	Exclamativa	Leva a mão direita à cabeça baixa, fazendo movimento de negação. Olha para frente e assente, sorrindo
35	Pe2	É difícil troca pneu de caminhão?	Interrogativa	
36	Del	Não:::... não adianta... vinte e cinco anos... anos	Afirmativa	Movimenta as duas mãos como se trocasse um pneu
37	Pe	Que mais que a gente tem aí? que que é isso aí?	Interrogativa	
38	Del	Aiaiai... isso aqui é uma mamamama... tudo dentro aqui... tudo dentro...	Exclamativa Afirmativa	Observa a imagem por um tempo. Inclina-se para o lado para separar a figura das demais, com dificuldade. Levanta a figura e mostra para o restante do grupo. Com a mão direita, faz menção de empurrar algo pra baixo.
39	Pe	Uma mala... o senhor botava muita coisa diferente ou só o básico dentro da mala?	Interrogativa	

40	Del	No:::.... eu ia lá de manhã... de manhã cedo... de novo... é... um pouquinho só	Exclamativa Afirmativa	Rapidamente, levanta o braço direito e estica para o lado
41	Pe	Era o senhor mesmo que arrumava a sua mala ou era a sua esposa?	Interrogativa	
42	Del	Ela... um pouquinho... fazia sempre... coisa de louco	Afirmativa	Manuseia as imagens, de cabeça baixa. Olha para o P.E e ri. Baixa novamente a cabeça.
43	Pe	E esse?	Interrogativa	
44	Del	Esse é o rádio...	Afirmativa	
45	Pe	O senhor escuta muito rádio?	Interrogativa	
46	Del	Beibaridade... são... cinquenta e oito... nós já tinha rádio... dali sempre sempre sempre... todo dia... sempre sempre sempre... até hoje aqui ó... o rádio pra mim é coisa de louco... e lá em São Paulo é só... só... como é que é... não me lembro mais...	Afirmativa  Afirmativa em tom alegre	Aponta o dedo indicador da mão direita pra cima Bate a mão esquerda na orelha direita algumas vezes Nega com a cabeça baixa
47	Pe3	O tipo de música?	Interrogativa	
48	Del	É:::.... lá só dá...	Afirmativa	Olha para o P.E3 sorrindo e assentindo com a cabeça
49	Pe3	Sertanejo?	Interrogativa	
50		Exatamente... só só só... mais nada nada nada...	Exclamativa Afirmativa	Assente com a cabeça. Mexe o braço direito de um lado para o outro repetidas vezes
51	Pe2	O meu avô tinha um radinho... quando eu era menor... e ele dormia escutando rádio alto porque ele era meio surdo... e aí a gente não gostava do barulho do rádio e ia lá na ponta do pé e esperava ele dormi pra desliga o rádio... na hora ele acordava... ia lá e ligava de novo o rádio...	Afirmativa em tom alegre	Risos do grupo
52	Del	Mas eu durmo e ela vem vê... eu tô dormindo e ela desliga e vai embora...	Afirmativa em tom alegre	Levanta o dedo indicador da mão direita Faz gesto de mexer em um botão de rádio
53	Del	Esse aqui é um PÁ... é bom...	Afirmativa	Pega a próxima imagem e a levanta para mostrar ao grupo. Assente com a cabeça, olhando para a figura baixa

54	Pe	Que que lembra isso?... lembra que a gente converso sobre a sua vida... quando o senhor plantava...	Interrogativa Afirmativa	
55	Del	É:::... arroz arroz... plantei muito...e:::... coisa de louco... isso aqui... faze...	Afirmativa	Aponta para a figura com o dedo da mão esquerda, assentindo com a cabeça. Nega com a cabeça baixa Imita uma pá com as duas mãos
56	Pe4	Eu lembrei duma coisa, Del... quando eu vi a pá aí... eu lembrei que o senhor lá no clube 21 de abril... o senhor era o coveiro do grupo lá... sempre anunciava quem tinha morrido lembra?... o senhor sempre... todo encontro falava o fulano morreu...	Interpelativa Afirmativa em tom alegre  Interrogativa Afirmativa em tom alegre	Risos do grupo
57	Del	Eu so sempre... to... e:::... sempre... todo dia...gaúcha gaúcha... é coisa de louco... sempre sempre	Afirmativa	Leva a mão direita na orelha direita, imitando um rádio
58	Pe	E aí... sobre o que que é?	Interrogativa	Del pega a próxima figura
59	Del	Isso aqui é... fi:::... fa:::... filha... veio... filho...	Afirmativa	Olha com estranheza para a figura, de cabeça baixa
60	Pe	É uma família...E eu ia pedi pro senhor me conta sobre a sua família... quantos filhos... quantos netos...	Afirmativa Pedido	
61	Del	Eu tenho... nós era... e:::... quatro irmão... dois morreu... e uma ( ) não fala um ano com ela... e tenho quatro me:::... quatro megos...	Afirmativa	Fala olhando para a figura, com a mão direita entre as pernas cruzadas
62	Pe	Quatro netos?	Interrogativa	
63	Del	Três três... quatro... é:::... é tem três só... e um bete... beneto... beneto... aqui tudo os filho...	Afirmativa	Levanta a mão direita, com dois dedos levantados Levanta a imagem na altura do rosto
64	Pe	É uma imagenzinha cheia de pessoas, vamo vira pra todo mundo vê ó... é uma imagenzinha cheia de gente... e aí ele me conto da família... agora por último seu Del... olha só? o que que é isso?	Afirmativa  Interrogativa	O P.E pega a imagem das mãos de Del e mostra para o grupo. Em seguida, mostra a última figura a Del
65	Del	Dançá... tu::: era bom de dançá né... dança... eu era bom...	Afirmativa em tom alegre	Faz o gesto de enlace com os braços antes da afirmativa.

				Pergunta para o P.E, rindo, e faz o gesto novamente
66	Pe	E esse aqui o senhor lembra?... vo segura as figurinhas aqui... essa aqui foi uma outra atividade né?... a gente não vai conversa sobre as seis né? (...)	Interrogativa Afirmativa Interrogativa	P.e mostra outras imagens a Del
67	Del	( ) só <b>essa aqui</b> ó...	Afirmativa	Levanta para o grupo a figurinha faltante
68	Pe	Bah... esse que o principal... que que é isso?	Exclamativa Interrogativa	P.e demonstra surpresa
69	Del	<b>Sei</b> tudo... tudo tudo... <b>aqui</b> até <b>lá</b> em cima... até em cima <b>eu fui</b> ... <b>ali</b> ... <b>ali</b> em cima quando ( ) também... <b>aqui</b> foi... <b>aqui lá</b> em cima... <b>sei</b> tudo tudo tudo...	Afirmativa	Levanta a figura de um mapa e mostra para o grupo. Enquanto fala, traça a imagem com o dedo indicador da mão direita. Com a esquerda, mostra a figura ao P.e
70	Pe	O que que o senhor levo uma vez pra gente olha... o senhor lembra? Que o senhor chego debaixo do braço assim... com uma coisa pra gente olha... que que era aquilo?... o senhor lembra?... Uma vez ele chego... olha... cheio de coisa debaixo do braço e eu digo meu Deus... tá de mudança... e aí era uma pasta cheia de fotos da família... né seu Del... me apresento toda família... e um mapa... me mostro todo trajeto... né... que o senhor fez (...)	Interrogativa  Afirmativa  Explicativa  Afirmativa	
71	Del	<b>Aqui</b> tem tudo... tem casa... tem tudo ( ) casa... <b>aqui</b> também ó... <b>aqui</b> ó... <b>aqui</b> ó... até <b>aqui</b> em cima... comé que é dá... (não <b>lembro</b> mais)...	Afirmativa	Levanta novamente a imagem para o grupo. Segura a figura com as duas mãos e afasta a imagem do rosto, olhando com atenção. Em seguida, mapeia novamente com o indicador da mão direita

## Del - segunda situação enunciativa, diálogo 2: lendas gauchescas

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Pe	E aqui tem alguns... não vamo separa todos, só pra mostra pra eles... isso	Afirmativa	P.e mostra novas figuras a Del

		aqui o senhor lembra o que que é?		
02	Del	( ) <b>isso aqui</b> num ( )... comé que é...	Afirmativa	Observa com atenção as imagens por alguns instantes. Passa o dedo indicador da mão direita sobre elas enquanto tenta ler o que está escrito
03	Pe	Ó... negrinho do pastoreio... são algumas lendas que a gente trabalho também no otro encontro... seu Del não acredita em nenhuma	Afirmativa Explicativa  Afirmativa em tom alegre	Risos do grupo
04	Del	Tudo ( )... nada ( )...	Afirmativa	Nega veementemente com a cabeça e com o dedo indicador da mão direita, olhando para a figura de cabeça baixa. Em seguida, levanta a imagem na altura dos olhos e gesticula como se escrevesse no papel
05	Pe	Tudo é invenção?	Interrogativa	
06	Del	É:::	Afirmativa	Assente com a cabeça para o p.e, sorrindo
07	Pe	Como é que o senhor não vai acredita por exemplo naquela cobra que eu mostrei pro senhor que tinha uns oitenta olhos e saltava luz... o senhor não acredita?	Interrogativa em tom alegre	Risos do grupo
08	Del	Não... não tem... não tem...	Afirmativa	Balança a cabeça baixa de forma negativa
09	Pe	Aí eu perguntei pra ele um dia... o senhor vai dize... o senhor vai conta agora... eu disse assim... falando em lenda, nunca uma assombração pediu uma carona pro senhor?... de caminhão?... porque todo caminhoneiro já viu uma assombração na estrada...	Afirmativa  Interrogativa  Afirmativa em tom alegre	Risos do grupo
10	Del	Não... tinha só o <b>meu</b> pai... ( ) mas pra <b>mim</b> tudo é... <b>sabia</b> bem... não adianta	Afirmativa	Balança negativamente a cabeça. Joga a mão direita por cima do papel, como um “tapa”

11	Pe2	Alguém pediu? uma assombração pediu carona?	Interrogativa	
12	Del	Não... ele... ele... é:::... tava... ele tinha... ele vem dentro dum... tava ansim... pego assim... e num foi mais... foi pra frente e num adianta... (caiu) lá embaixo... e ( ) foi pra frente... e ai paro... chego lá tinha um bo... boto... toro... lá dentro... todinho...	Afirmativa	Levanta o braço direito e faz gesto de queda com a mão Joga os dois braços pra trás, com as mãos na altura do rosto, como se puxasse algo. Depois, empurra os braços para frente Senta na ponta da cadeira e levanta a figura na altura dos olhos. Ri
13	Pe	Ele me conto essa história e eu fiquei tensa... eu digo que que o pai dele vai ve meu Deus do céu e aí quando chego no fim da história não era nada... era um bicho...	Afirmativa em tom alegre	Risos do grupo
14	Del	Exatamente...	Afirmativa	Risada
15	Pe	Nunca viu uma de branco... uma noiva... nada?... não?	Interrogativa em tom alegre	
16	Del	Vixi maria...	Exclamativa	Joga a mão direita pra trás. Ri
17	Pe	Como é que vai sabe?... o senhor não deu carona, como é que vai sabe?	Interrogativa em tom alegre	
18	Del	Deixa... deixa... eu sei tudo...	Afirmativa	Entrega os papeis ao p.e e ri. Risada do grupo
19	Pe	E dessas lendas aqui... o senhor lembra de alguma que a gente converso?... eu não lembro de nenhuma seu Del... nenhuma	Interrogativa Afirmativa em tom alegre	P.e alcança novas figuras a Del. P.e "cochicha" a confissão
20	Del	Esse aqui era o...	Afirmativa	Vira a imagem para o grupo e aponta com o dedo indicador da mão direita
21	Pe2	Da erva mate?	Interrogativa	
22	Del	É:::	Afirmativa	Olha e sorri para o p.e2, a quem mostra a imagem
23	Pe2	Olha... é uma lenda? eu não sabia...	Interrogativa Afirmativa	



24	Pe	O senhor gosto dessa lenda?	Interrogativa	
25	Del	Mas é... ( ) num tem nada errado... tudo errado... outra coisa... não adianta	Afirmativa em tom severo	Olha para o p.e e para o papel, alternadamente. Balança aleatoriamente a mão direita
26	Pe	Tudo fantasia?	Interrogativa	
27	Del	(Lógico que) foi... não adianta... outra coisa... Deus fez... os outro ( ) aqui tudo... não adianta		Afirma negando com a cabeça. Aponta as duas mãos para cima, sem levantar os braços. Balança a cabeça negativamente
28	Pe	Foi Deus que fez... não foi essas coisa aí?	Interrogativa?	P.e aponta com a cabeça para os papéis na mão de Del
29	Del	Claro que sim... exato...	Afirmativa	Assente com a cabeça e sorri, olhando para o p.e
30	Pe	A lenda da erva mate... existia um índio... vo resumi o resumo do resumo... não lembro de nada seu Del... má vo lembra dessa aqui ó... era um índio que tinha uma filha... era um cacique... e a filha queria casa e i embora mas ele não queria dexa porque ele ia se senti muito sozinho... vai lembrando seu Del...aí a filha resolveu fica do lado do pai porque o pai tava muito melancólico... muito sofrido... e ele se sentiu culpado... e aí ele pediu pra Deus... acho que é Tupã né?...	Explicativa  Interpelativa Explicativa  Interrogativa	
31	Del	É::: exato...	Afirmativa	Olha para o p.e assentindo com a cabeça e sorrindo
32	Pe	É né?... e aí ele pediu pra Tupã pra que desse então uma companhia pra ele pra que ele pudesse liberta a filha pra casa e Tupã deu uma árvore cheia de folhas pra que ele moesse... e aí surgiu a erva mate pra faze companhia pra ele...	Interrogativa  Explicativa	

33	Del	Exatamente... nada... nada nada errado... errado...	Afirmativa	Afirma com a cabeça, sorrindo Nega com a cabeça e com o dedo indicador da mão direita, enfaticamente, rindo
34	Pe	Não acredita também na historinha?	Interrogativa em tom alegre	Risos do grupo
35	Del	Nã:::...	Afirmativa	Nega com a cabeça. Ri. Risos do grupo
36	Pe	Então tá difícil...	Afirmativa em tom alegre	
37	Del	O que mais?	Interrogativa	Ri antes de fazer a pergunta. Olha para o material no colo do p.e
38	Pe	E só essa aqui mais pra gente termina ó... olha minhas bagunça seu Del...	Afirmativa	P.e mexe nos papéis, que quase caem do colo
39	Pe2	Tem todas as atividades... depois escreviam sobre né...	Afirmativa	
40	Pe	Todas elas a gente simulava né... alguém... a gente imaginava alguém pra quem a gente fosse entrega nossa escrita... né seu Del (...)	Afirmativa  Interpelativa	P.e explica ao grupo
41	Del	( ) tudo... tudo tudo tudo tem... tudo tudo tudo...	Afirmativa	Aponta para o p.e. Balança o braço direito de um lado para o outro, levantado o dedo indicador
42	Pe2	Tem... tudo lá... guardadinho...	Afirmativa	
43	Pe	Não vamo mostra pra ninguém seu Del...	Afirmativa em tom alegre	P.e põe a lateral da mão esquerda em frente à boca e finge cochichar para Del, que ri

Del - terceira situação enunciativa, diálogo 3: indumentárias referidas na música “Guri”, de César Passarinho

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Pe	Essa última aqui... o que que a gente fez... o senhor lembra que que é isso aqui? Consegue lê o título?	Afirmativa	P.e mostra uma folha a Del
02	Del	Guri...	Afirmativa	Observa a folha por um tempo antes de afirmar. Em seguida, assente com a cabeça e sorri
03	Pe	O senhor lembra?	Interrogativa	
04	Del	Si:::... ( ) tocava... rádio... ( ) sabe tudo... agora não tem nada...	Afirmativa	Olha para a folha e passa o dedo indicador da mão esquerda repetidas vezes sobre ela. Faz gesto de negação jogando bruscamente a mão direita para o lado
05	Pe	E lembra quem é que canta?	Interrogativa	Del aponta para um lugar específico da folha
06	Pe	Quem é? Consegue lê?	Interrogativa	
07	Del	Seto... arinho... passarinho...	Afirmativa	
08	Pe	César passarinho... e aí eu entreguei pro senhor essas outras imagens aqui... que imagens são essas?... Essa música fala de um monte de indumentária né pras meninas... eu acho que tem alguém que não conhece essa música né... mas “guri” vai falando de um monte de indumentária que o gaúcho usa... dos costumes... e aí eu levei as imagens que tinham na letra da música pro seu Del pra vê o que que ele já	Afirmativa Interrogativa Explicativa	Del observa as imagens enquanto o p.e explica  Del já escolhe a primeira imagem e levanta para o grupo ver

		uso... o que que ele conhece (...)		
09	Del	Isso aqui gaúcho... isso aqui gaúcho...	Afirmativa	Mostra a figura para o grupo
10	Pe	Que que ele tem no ombro... o senhor lembra?	Interrogativa	
11	Del	Mé... como é que é?...	Interrogativa	Observa a imagem. Passa a mão direita, que segura a imagem, pelo ombro esquerdo ao questionar o p.e
12	Pe	Uma mala...?	Interrogativa	
13	Del	É:::...	Afirmativa	Mostra novamente a imagem ao grupo
14	Pe	O senhor já uso mala de garupa seu Del?	Interrogativa	
15	Del	Si:::... quando... fazia... fazia... ó...	Afirmativa	Gira a imagem para todos do grupo visualizarem. Escolhe outra figura
16	Pe	E esse aí?	Interrogativa	
17	Del	Esse... dois... tenho dois em casa...	Afirmativa	Levanta a imagem de um pala para o grupo. Escolhe outra figura
18	Pe	E esse aí?	Interrogativa	
19	Del	Len... lenço...	Afirmativa	Levanta a imagem para o grupo
20	Pe	O senhor usava lenço seu Del?	Interrogativa	
21	Del	Não...	Afirmativa	Olha para o p.e com a imagem voltada ao grupo
22	Pe	Não? Mas então esse gaúcho tá muito sem usa nada...	Interrogativa Afirmativa em tom alegre	Risos do grupo Del escolhe outra figura
23	Del	Esse aqui é o... é o otro... comé que é o (nome) dele...	Afirmativa	Olha para a figura, que segura com a mão direita
24	Pe	É o poncho?	Interrogativa	
25	Del	Exatamente...	Afirmativa	Assente com a cabeça baixa, olhando para a figura. Passa a imagem para a pessoa ao lado e escolhe outra gravura

26	Pe	E esse otro?... Esse aí não vai me dizer que o senhor nunca uso?...	Interrogativa em tom alegre	
27	Del	Esse eu tenho... sempre sempre sempre sempre...	Afirmativa	Mostra a imagem de um par de botas ao grupo
28	Pe2	É quente?... é boa?...	Interrogativa	
29	Del	Be:::baridade	Exclamativa	Passa a imagem a outra pessoa e escolhe a próxima
30	Del	Gaúcho.... gaúcho...	Afirmativa	Mostra a imagem ao grupo
31	Pe	Essa aí é a guaiaca né seu Del?	Interrogativa	
32	Del	Faca... faca... faca...	Afirmativa	Aponta para um lugar específico da imagem. Passa a figura para a pessoa ao lado. Escolhe a próxima
33	Del	Essa é gacha... gacha... gaúcha...	Afirmativa	Mostra uma prenda ao grupo e entrega rapidamente à pessoa ao lado. Escolhe outra figura
34	Pe	E aí seu Del... eu quero que o senhor termine contando... per aí gurias... seu Del moro muito tempo pra fora... né seu Del... e a gente escuto uma música... desse rapaz aqui... o senhor sabe quem é?... É o Wilson Pain?... A gente escuto uma música que se chama "saudade da minha terra" ... e nessa letra ele vai contando tudo que ele tinha saudade quando ele morava pra fora... Conta pra essa galera aí de quando o senhor morava pra fora... do que que o senhor sente saudade...	Pedido Explicativa Interpelativa Interrogativa Explicativa Pedido	P.e antecipa o fim da dinâmica das figuras por conta da dispersão do grupo, que já não prestava atenção P.e mostra um papel com uma foto a Del, que observa em silêncio. Del assente com a cabeça
35	Del	( ) ropa de gaúcho... ( ) não adianta... não volta mais		Braços cruzados a maior parte do tempo Dá de ombros

36	Pe2	Mas o que que o senhor gostava pro campo assim... de morar pra fora?	Interrogativa	
37	Del	É tudo:::.... não tem nada... só pra cima... tinha nada.... nada nada nada... é:::.... não adianta	Afirmativa	Levanta o braço direito
38	Pe2	Muita árvore?	Interrogativa	
39	Del	É:::.... bastante...	Afirmativa	Assente com a cabeça, olhando para o p.e2
40	Pe	Tinha fruta seu Del?	Interrogativa	
41	Del	Tinha bastante... eibaridade... bastante... ó...	Afirmativa Exclamativa Afirmativa	Se vira para o p.e Gesticula com a mão direita, imitando alguém que come. Ri
42	Pe	E o senhor era criança quando morava pra fora?	Interrogativa	
43	Del	Não... até... tinha vinte cinto anos... é:::....	Afirmativa	Olha para baixo com as mãos entre as pernas. Pensa. Afirma olhando para o p.e
44	Pe	Que que o senhor mais gostava?	Interrogativa	
45	Del	Achava... achava...	Afirmativa	Cruza as pernas. Olha para o p.e
46	Pe	Caçava?	Interrogativa	
47	Del	É:::....	Afirmativa	Imita uma arma com as duas mãos. Sorri ao p.e
48	Pe	É isso então? Conto tudo que tinha pra conta?	Interrogativa em tom alegre	
49	Del	Viximaria...	Afirmativa em tom alegre	Joga a cabeça para trás de braços cruzados. Ri

## ANEXO H - FATOS ENUNCIATIVOS ORAIS – CR

Cr - primeira situação enunciativa, diálogo 1: horóscopo (signo áries)

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Pe	Então, Cr... vo te bota num desafio hoje... não vai doe... Eu deixei seis envelopes em cima daquela mesa lá... são as temáticas que a gente trabalhou nos nossos seis encontros... a Cr e eu... e esses envelopes Cr eles estão com o tema colado na parte de cima... então tu pode pega um envelope na medida em que tu for lembrando o que mais te chamo atenção... o que tu mais gosto... traz o envelope pra cá e abre pra gente ve o que tem dentro e conversa sobre ele...	Afirmativa em tom alegre  Explicativa	
02	Cr	Ela pergunto pra mim que signo que eu era e eu falei que eu era ariana... daí ela me deixou uma lista... do que que o ariano é... não sei se vocês sabem como é que o ariano é... bom... a forma como eu me trato... que eu trato aqui... como eu falo... já dá pra te uma noção...	Afirmativa  Interrogativa Afirmativa em tom alegre	Manuseia/balança o envelope  Faz menção de pegar o próximo envelope
03	Pe	Hein Cr... conta mais um pouco... tu te identifico com as qualidades que tu leu... teve alguma coisa que tu olho e acho que não era bem assim...	Pedido Interrogação	
04	Cr	Aparência... personalidade... ( ) eu sou muito reto... ou é assim ou não é... eu tenho meus limites... não posso pedi pra todo mundo se igual a mim... mas eu tenho meus limites... de faze as coisas boas e não faze as ruins... eu pra mim uma coisa é boa... outra é ruim... ou pra ti... outra coisa é boa e outra coisa é ruim..	Afirmativa  Interrogativa	Toca com a mão no peito quando fala de si, aponta para a colega ao lado quando referencia o outro  Há movimentos com a mão direita enquanto segura/olha para o papel

		então.. depende muito... Mais alguma coisa?		É constante o manuseio dos papéis enquanto fala
05	Pe	Eu lembrei de uma coisa que tu me disse... que tu te sentiu muito incomodada... que dizem que ariano gasta demais... tu lembra que tu me disse?... Mas a Cr não é bem assim né Cr?	Afirmativa Interrogativa	
06	Cr	( ) eu so completamente o contrário... tanto que na chuarada eu tiro tudo da tomada pra não estraga, porque senão o curto-circuito... O gasto é maior né? então é tudo controlado... Bom as contas eu pago tudo na data certa... tudo no meu diário... eu aproveito o diário que eu tenho pra escreve quando vence isso quando vence aquilo pra não te nada de:::(...)	Afirmativa Interrogativa Afirmativa	Gesto de puxar algo da parede Movimento de “explosão”, abrindo com as mãos  Movimenta duas vezes a mão direita, como se apontasse para dois lugares diferentes

## Cr - segunda situação enunciativa, diálogo 2: curiosidades sobre gatos

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Cr	( ) eu contei pra todos... eu tenho dois gatos... eu tinha três... mas um infelizmente faleceu e agora eu tenho dois... que até dormi comigo eles dormem... dormem no meu pé...	Afirmativa Explicativa  Explicativa em tom alegre	Gesto com a mão direita apontando para o pé direito, que levanta Escolhe este envelope em silêncio. Após a fala, faz menção de escolher o próximo envelope
02	Pe	Tu lembra Cr como a gente fez esse encontro?... Tu lembra sobre o que foi?	Interrogativa	
03	Cr	Não...	Afirmativa	Expressão de estranheza. Leva a mão por dentro da gola da blusa.
04	Pe	A gente trabalho sobre gatos... aí eu levei um vídeo pra ela sobre curiosidades a respeito de gatos... tinham	Explicativa	



		algumas que a Cr não sabia e aí eu coloquei nessa lista aí quais são as curiosidades trazidas no vídeo... e eu lembro que uma que a Cr me disse que não sabia... né Cr... era por que que eles comiam plantas... lembra que tu me falo?	Afirmativa Interpelativa  Interrogativa	
05	Cr	E outra coisa é por que se lambiam... ( ) eu descobri que é limpeza, como eles não tomam banho... ( ) é limpeza, limpeza própria... tomam banho pra se limpa...	Afirmativa	Em grande parte, tem as duas mãos entrelaçadas sobre o colo. Separa as mãos e gesticula com a mão esquerda, balançando.

Cr - terceira situação enunciativa, diálogo 3: cores na publicidade

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Pe	Lembra o que é esse Cr?	Interrogativa	Cr escolhe o envelope em silêncio
02	Cr	Não...	Afirmativa	Expressão de dúvida. Manuseia o envelope
03	Pe	Pode olha com calma o que tem dentro... vê se tu consegue lembra...	Orientação	
04	Cr	As características...	Dúvida	Concentra-se no material retirado do envelope, segurando-o com as duas mãos.
05	Pe	Lembra mais ou menos o que a gente fez esse dia?	Interrogativa	
06	Cr	...	(silêncio)	Olha fixo, por um momento, para o envelope. Depois, olha para o P.E com expressão de dúvida.
07	Pe	A gente converso sobre a influência das cores na publicidade... lembra que a gente converso?... sobre o	Interrogativa Explicativa	

		que significava o vermelho... o que significava o azul... que o verde era a cor da esperança... que era a cor da saúde...		
08	Cr	“O amarelo é o otimismo... o laranja é amigável alegria confiança... o vermelho é a excitação juventude coragem... o rosa é criativo imaginação sabedoria... o azul é confiança segurança força... o verde é o pacífico o crescimento e a saúde... e o branco é o equilíbrio neutralidade calma”...	Explicativa	Lê o conteúdo do material contido no envelope. Segura o papel com a mão direita. Mantém a mão esquerda entre as pernas.  Faz menção de pegar o próximo envelope.
09	Pe	Eu lembro que nessa atividade de escrita Cr... vamo ve se tu vai lembra, eu propus que a Cr... a Cr faz artesanato e ela me mando as fotos esses dias dos puffs que ela fez, ficaram muito bonitos... (...)	Interpelação Explicativa	
10	Cr	( )na internet eu vi uma que fazia... fazia uns com pet de refrigerante... tu acredita que eu fiz dois?... ficaram perfeitos... eu até pedi pra minha vizinha, que é costureira, faz as capinhas... tu olha tu não diz que é de pet... ( ) e é tão forte... tem uma força tão grande ( )	Explicativa Interrogativa Afirmativa	Movimenta as duas mãos, imitando uma caixa. Cerra e balança a mão esquerda

## Cr - quarta situação enunciativa, diálogo 4: diário

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Cr	Essa aqui é uma... uma atividade que as pessoas costumam fazer... que é “Queime depois de escreve”...	Afirmativa	Titubeia ao afirmar sobre o conteúdo do envelope  Olha com atenção o papel antes de falar, segurando-o com as duas mãos. Expressão de estranheza Mais uma vez, escolhe o envelope em silêncio

02	Pe	É um diário né Cr?	Interrogativa	
03	Cr	É um diário...	Afirmativa	Olha para o P.E Em seguida, olha para os papéis, virando a página
04	Pe	A gente trabalho com diário nesse dia... e aí eu peguei as ideias daquele livro que é queime esse diário... destrua esse diário... e adaptei algumas perguntas então... um pouco mais sérias né... porque o livro é bem divertido... é bem dinâmico... e a gente monto um diário bem caseiro... né Cr... e nesse encontro então a gente começo a conversa e a Cr preencheu esse diário... aí o que eu tenho é uma cópia em branco... não é o diário da Cr... né Cr... lembra como é que foi... pra ti?	Explicativa Interpelativa Explicativa Interrogativa	Cr manuseia os papéis durante o tempo da fala
05	Cr	Não lembro... desculpa... minha cabecinha aqui não tá funcionando...	Afirmativa	Expressão de estranheza. Sussura não lembrar e pede desculpas, olhando para o P.E e manuseando os papéis.
06	Pe	Não tem problema... mas ela tá com esse diário em casa... o diário tá preenchido... né Cr... hoje ela não encontro pra trazer... então eu trouxe essa cópia impressa pra vocês verem que a gente trabalho com esse diário...	Explicativa Interpelativa Explicativa	Cr faz menção de pegar o próximo envelope
07	Pe2	Cr, tu escreveste bastante no diário esse?	Interrogativa	
08	Cr	( )no diário... que eu lembro... de papo papo e papo com ela eu tô escrevendo bem mais... até a última ação que nós fizemos... foi na quarta? quarta-feira... tava ela e tavam outras três moças... ela pediu pra eu escreve... não lembro o quê...	Afirmativa Interrogativa Explicativa	Balança a mão esquerda três vezes no ar Aponta para o P.E olhando para o P.E2. Olha, então, para o P.E com expressão de dúvida. Esclarece e recolhe a mão. Logo aponta novamente para o P.E

				Olha e aponta para o P.E com estranheza ao terminar a fala
09	Pe	Pediram pra ti escreve sobre a tua rotina... lembra do dia?	Interrogativa	
10	Cr	Ah... o que eu tinha feito... por que eu tinha feito aquilo... e daí eu tava escrevendo o meu diário no dia... o que eu tinha feito... daí eu disse que eu tinha acordado com meus gatos, tinha feito café... ( ) minha tapioca... tinha alimentado meu gato... que eles mal entram na cozinha e começam miando pedindo ração... daí eu do ração pra eles e eu faço café... o que mais... que eu falei?	Explicativa  Interrogativa	Olha para um ponto fixo com as mãos juntas sobre o colo. Esporadicamente franze a testa, com dúvidas  Levanta a mão esquerda e, em seguida, faz um gesto de abre e fecha com a mão direita, imitando um miado  Olha para o P.E com expressão de dúvida ao término da fala
11	Pe	Conto a tua rotina do dia né Cr... desde o momento em que tu acordo até o momento em que tu volto pra casa... o que tu ainda pretendia fazer até o fim do dia... foi muito bacana... foi um texto bem grande...	Interpelativa Explicativa  Afirmativa	

Cr - quinta situação enunciativa, diálogo 5: dilemas éticos

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
01	Pe	Esse aí eu duvido que tu não lembre...	Afirmativa em tom alegre	Cr pega o envelope em silêncio
02	Cr	Não me lembro...	Afirmativa	Olha para o P.E com expressão de estranheza. Antes, manuseia os cartões por um tempo
03	Pe	Lembra que a gente fez uma espécie de jogo da memória?... Atrás deles tem uma tema... atrás de cada cartãozinho... e atrás esses textinhos... gurias... tem situações	Interrogativa Explicativa	

		de dilemas éticos e morais... porque a Cr como uma boa ariana... ela se diz uma pessoa muito justa, então a gente lia... eu montei esses cartões e a Cr lia e eu desafiava a Cr... dizia... e agora... nessa situação... o que tu faria?... tu que lê um pra eles, Cr?... pra vê como é que é?	Interrogativa	
04	Cr	O do dinheiro... já que <b>eu sou</b> ...	Afirmativa em tom alegre	Cerra e balança a mão direita, sorrindo. Antes, manuseia com calma os cartões até escolher o tema "dinheiro"
05	Cr	Dinheiro... "Seu tio presenteia você e seu irmão com duas notas de dinheiro de valores diferentes... seu primo é o responsável pelo sorteio das notas... para receber os presentes... você percebe que seu irmão... bem mais novo que você... ficou com a nota de valor mais alto... você sabe que na idade dele não é preciso ter tanto dinheiro... o que você faz?"	Explicativa  Interrogativa	Leitura da carta escolhida. Ao fim, Cr olha para seu P.E
06	Pe	O que que tu faz Cr?	Interrogativa	
07	Cr	Pra não gastar com porcaria... qualquer coisinha dá o dinheiro... <b>eu compraria</b> outras coisas pra ele... necessárias... e <b>eu faria</b> a troca pra ele...	Explicativa	Gesticula aleatoriamente com a mão direita. Antes, olha por instantes para a carta escolhida.
08	Pe	Tu administraria por ele?	Interrogativa	
09	Cr	Administraria... Como <b>eu falei</b> ... se joga dinheiro fora... por qualquer coisa...	Afirmativa Explicativa	Balança as mãos alternadamente, em um movimento de "abano"
10	Pe2	Não é contigo né Cr? Jogar fora dinheiro? Não... não...	Interrogativa	



		endereça essa carta tu não sabe pra quem... tu vai conta do teu dia... do teu perfil... das coisas que tu gosta de fazer... da tua rotina... do que tu pratica no dia... e a gente vai fingir que envia essa carta pra alguém desconhecido... e a Cr escreveu uma mega carta... ela foi escrita frente e verso... só que tu escreveu em duas etapas né Cr? Como é que foi? Essa primeira parte tu escreveu ali... junto comigo... e essa outra que tá aí... branca... como é que foi?		
06	Cr	Esse eu fiz... há... um diário entre alguns dias... o que... qual era minha atividade nos dias... pra depois junta tudo numa só... ( ) as atividades dum período... dum período de atualmente... esse aqui é o diário do dia a dia... de uma semana...	Explicativa	Segura a carta com as duas mãos, mas alterna as mãos em gestos aleatórios
07	Pe2	Gostou de escrever, Cr?	Interrogativa	
08	Cr	( )tava contando... a última ação que nós tivemos... há... ela ficou conversando com as gurias e eu fui escrevendo... e quando vi... escrevi... eu disse terminei e ela já terminou?... eu escrevi nem eu tinha me dado conta...	Explicativa	Gesto com a mão direita, imitando uma caneta
09	Pe2	Fazia tempo que você não escrevia?	Interrogativa	
10	Cr	Fazia muito tempo...	Afirmativa em tom alegre	Assente que sim com a cabeça. Sorri. Mantém as mãos unidas sobre as pernas.